



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA - MESTRADO

JOCIEL JOÃO GOMES DA SILVA

FREI DAMIÃO DE BOZZANO:
INTERPRETAÇÃO DE UMA DEVOÇÃO
A PARTIR DO CATOLICISMO POPULAR

RECIFE
2021

JOCIEL JOÃO GOMES DA SILVA

FREI DAMIÃO DE BOZZANO:
INTERPRETAÇÃO DE UMA DEVOÇÃO
A PARTIR DO CATOLICISMO POPULAR

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Teologia da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Teologia.

Aprovação: 18/08/2021

Área de concentração: Teologia Sistemático-Pastoral. Linha de Pesquisa: Teologia e Temas de Fronteira. Orientador: Prof. Dr. Sérgio Sezino Douets Vasconcelos.

RECIFE
2021

S586f Silva, Jociel João Gomes da.
Frei Damião de Bozzano: interpretação de uma devoção
a partir do catolicismo popular/ Jociel João Gomes da Silva,
2021.
146 f. : il.

Orientador: Sérgio Sezino Douets Vasconcelos.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de
Pernambuco. Pró-reitoria Acadêmica. Programa de
Pós-graduação em Teologia. Mestrado em Teologia, 2021.

1. Damião, Frei, 1898-1997. 2. Religiosidade Popular.
3. Devoção. 4. Catolicismo Popular. 5. Missões.
6. Evangelização. I. Título.

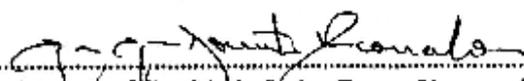
CDU 2:398

Ana Figueiredo – CRB4/1140

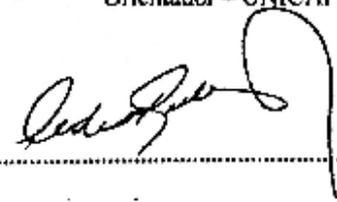
JOCIEL JOÃO GOMES DA SILVA

FREI DAMIÃO DE BOZZANO:
INTERPRETAÇÃO DE UMA DEVOÇÃO
A PARTIR DO CATOLICISMO POPULAR

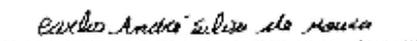
Banca Examinadora



Prof. Dr. Sérgio Sezino Douets Vasconcelos
Orientador – UNICAP



Prof. Dr. Pedro Rubens Ferreira Oliveira
Examinador Interno – UNICAP



Prof. Dr. Carlos André Silva de Moura
Examinador Externo - UPE

AGRADECIMENTOS

A Deus que me concedeu a vida e, com ela, dons e capacidades.

À minha querida família biológica, por ser instrumento do Senhor, ao me transmitir os dons da vida e da fé.

À Província Nossa Senhora da Penha do Nordeste do Brasil, da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, da qual sou membro, pelo apoio em meus estudos.

Ao Frei Damião de Bozzano, *in memoriam*, por seu amor à evangelização, que continua me inspirando com seu testemunho de vida e santidade.

Aos devotos de Frei Damião, que me inspiram com sua fé e suas práticas.

Ao meu orientador, Professor Dr. Sérgio Sezino Douets Vasconcelos, pelo incentivo e toda ajuda dispensada à elaboração deste trabalho.

À Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP, pela acolhida e pelo apoio do corpo docente do Curso de Teologia, de modo particular, às professoras Dra. Alzirinha Rocha de Souza, ex-coordenadora de Pós-graduação e Dra. Rita Maria Gomes, atual coordenadora.

Aos professores Dr. Pedro Rubens Ferreira Oliveira e Dr. Carlos André Silva de Moura, por aceitarem compor a banca examinadora do presente trabalho.

“Se Frei Damião fosse sanfoneiro, Luiz Gonzaga taria lascado”.

Luiz Gonzaga

“Frei Damião, contrariamente ao que se ouve repetidamente, deve ser entendido como negociador de uma modernidade respeitosa dos valores ancestrais, um homem que estabelece pontes entre o tradicional e o novo”.

Eduardo Hoornaert

“Frei Damião transformou a rotina do povo simples numa grande comunhão com Deus”.

Chico Anysio

RESUMO

O objeto de nosso estudo é fazer uma interpretação acerca da devoção a Frei Damião de Bozzano, a partir do catolicismo popular. A crença dos fiéis na santidade deste frade fez com que fosse instaurado, no Vaticano, um processo, a fim de que ele seja declarado, oficialmente, como santo. Mas, antes mesmo que isto aconteça, o povo já o venera como tal. Buscamos entender essa devoção com base nos elementos históricos, observando os fatos que envolveram sua ação missionária no Nordeste brasileiro. Para isso, analisamos as práticas desse religioso, desde a sua chegada ao Brasil, em 1931, até a sua morte, em 1997. E, em todo esse período, observamos o surgimento e a consolidação da devoção em torno de sua figura. Todavia, desde o seu falecimento, essa devoção tem sido crescente e se expressado, visivelmente, nos memoriais a ele dedicados. Procuramos, então, com este estudo, refletir sobre as contribuições que podem advir dessa devoção, para a evangelização nos dias atuais. Para essa finalidade, contamos com várias fontes bibliográficas e documentais e, mesmo ciente das possíveis lacunas, elas nos asseguram em nossa finalidade de contribuir para que essa temática continue a ser objeto de pesquisas e descobertas. No que se refere à Matriz Religiosa Brasileira, partimos das contribuições de Bittencourt Filho, buscando compreender a formação da religiosidade no país. E para compreender melhor as várias formas de devoção a Frei Damião, nesse momento de desregulação da fé, dispomos das contribuições de Danièle Hervieu-Léger. Toda esta pesquisa e interpretação tem a finalidade de fazer perceber e valorizar a rica diversidade de expressões do catolicismo popular.

PALAVRAS-CHAVE: Religiosidade Popular. Catolicismo Popular. Devoção. Frei Damião. Santas Missões. Evangelização.

ABSTRACT

The object of our study is to make an interpretation of the devotion to Friar Damião de Bozzano, based on popular catholicism. The faithful's belief in the sanctity of this friar led to the establishment of a process in the Vatican for him to be officially declared a saint. But, even before that happens, the people already venerate him as such. We seek to understand this devotion based on historical elements, observing the facts that involved his missionary action in the Northeast of Brazil. For that, we analyzed the practices of this religious, since his arrival in Brazil in 1931 until his death in 1997. And throughout this period, we have seen the rise and consolidation of devotion around his figure. However, since his death, this devotion has been growing and is expressed, visibly, in the memorials dedicated to him. So, with this study, we tried to reflect on the contributions that can come from this devotion to evangelization today. For this purpose, we have several bibliographic and documentary sources and, even though we are aware of the possible gaps, they assure us in our objective of contributing so that this topic continues to be the object of research and discoveries and, with that, we perceive and value the rich diversity of expressions of popular religiosity. Regarding to the Brazilian Religious Basis, we start from the contributions of Bittencourt Filho, seeking to understand the formation of religiosity in the country. And to better understand the various forms of devotion to Friar Damião, at this time of deregulation of the faith, we have the contributions of Danièle Hervieu-Léger work. All this research and interpretation is intended to make the rich diversity of expressions of popular Catholicism noticeable and valued.

KEY WORDS: Popular religiosity. Popular catholicism. Devotion. Friar Damião. Holy Missions. Evangelization.

ABREVIATURAS

AG	<i>Ad Gentes</i>
ChL	<i>Christifideles Laici</i>
Const.	Constituições da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos
DM	Documento de Medellín
DAp	Documento de Aparecida
DI	Discurso inaugural de S. S. Bento XVI na IV Conferência Geral do Episcopado Latino-americano
DP	Documento de Puebla
EG	<i>Evangelii Gaudium</i>
EN	<i>Evangelii Nuntiandi</i>
RM	<i>Redemptoris Missio</i>
SD	Santo Domingo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. FREI DAMIÃO DE BOZZANO E AS SANTAS MISSÕES NO NORDESTE BRASILEIRO	15
1.1 Frei Damião de Bozzano: um breve perfil biográfico	15
1.2 Frei Damião, o missionário	22
1.3 Frei Damião frente à Instituição	38
1.4 Frei Damião e as pessoas	44
2. GÊNESE E DESENVOLVIMENTO DA MATRIZ RELIGIOSA BRASILEIRA ..	53
2.1 O desenvolvimento histórico-antropológico da religiosidade popular	53
2.2 Ciclos de entrada do cristianismo no Brasil	66
2.3 Contribuições das matrizes religiosas	72
2.4. Pluralidade de expressões da religiosidade popular	79
3. UMA INTERPRETAÇÃO DA DEVOÇÃO A FREI DAMIÃO E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A MISSÃO	84
3.1 A devoção em torno da figura de Frei Damião de Bozzano	84
3.2 Contribuições à missão, advindas da devoção a Frei Damião	107
3.3 A importância do catolicismo popular e da devoção a Frei Damião no âmbito da evangelização	113
CONSIDERAÇÕES FINAIS	127
ANEXO	132
REFERÊNCIAS	135

INTRODUÇÃO

O trabalho que ora apresentamos tem por finalidade fazer uma interpretação da devoção a Frei Damião de Bozzano, a partir do catolicismo popular. Nossa pretensão é suscitar uma reflexão acerca da ação desse missionário que acabou gerando em torno de si um grande devotamento, e quais contribuições advindas daí podem servir à evangelização nos dias de hoje.

Nossas motivações em relação à pesquisa e ao estudo deste tema se dão também devido o trabalho que temos realizado junto à Postulação Geral da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos e à Congregação das Causas dos Santos, acompanhando o Processo de Beatificação e Canonização de Frei Damião que, desde o ano 2003, tramita no Vaticano. Ademais, temos grande apreço pela figura desse confrade, que dedicou toda a sua vida à causa da evangelização do Nordeste brasileiro.

Nascido em Bozzano, um vilarejo do município de Massarosa, na região Toscana, na Itália, em 1898, Pio Giannotti tornou-se Frei Damião, ao ingressar no noviciado da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, em 1914. Laureado em Filosofia, Teologia e Direito Canônico pela Universidade Gregoriana de Roma, assumiu diversos ofícios na sua Província religiosa de origem, antes de vir para o Brasil. No ano de 1931 chegou a Pernambuco para compor o quadro da chamada Missão de Pernambuco, com sede no convento da Penha do Recife. Faleceu em 1997, na capital pernambucana, aos 98 anos de idade, após 66 anos de apostolado.

A elaboração deste trabalho deu-se a partir da metodologia bibliográfica. Assim sendo, no tocante a Frei Damião de Bozzano, em seus aspectos biográficos e devocionais, partimos da obra de Francisco Lopes de Sousa Neto (2011), particularmente, no primeiro e terceiro capítulos. Do ponto de vista histórico, tratamos desde a sua chegada em 1931, até à morte, em 1997. E, para compreender melhor os elementos constitutivos ou advindos da Matriz Religiosa Brasileira, tomamos como referencial as reflexões de José Bittencourt Filho (2003), especialmente do seu conceito e teoria da Matriz. Como referenciais bibliográficos, apresentamos Eduardo Hoornaert (1991) e Riolando Azzi (1979), especificamente, no segundo capítulo. Mas, no decurso do texto, pudemos confrontá-los com outros autores, no sentido de enriquecer ainda mais nossa interpretação.

Essa convergência de textos e autores, por assim dizer, nos permitiu tecer considerações e interpretar, como podíamos, as manifestações devocionais em relação a

Frei Damião, tornando-se esta uma via enriquecedora em vários aspectos da nossa pesquisa. E, notadamente, no terceiro capítulo, contando também como referencial teórico, partimos das contribuições de Danièle Hervieu-Léger (2015), quando refletimos sobre a autonomia dos fiéis em relação à interpretação dos elementos da fé, levando à criação espontânea de uma riqueza devocional em torno do capuchinho.

Frei Damião de Bozzano faz parte de uma geração de missionários capuchinhos que se dedicaram às Santas Missões no Nordeste¹ do Brasil desde os idos de 1642, numa evangelização marcada pela itinerância, pela administração dos sacramentos e por obras sociais. Esse capuchinho realizou sua atividade missionária durante 66 anos e é reconhecido como santo por muitas pessoas.

Ele vivenciou diversos momentos significativos da história do Brasil, no século XX. Chegou poucas décadas após a proclamação da República. Havia muitos resquícios dos tempos imperiais. O país tentava se firmar na sua nova forma de governo. Tempos depois, se instala a ditadura. E Frei Damião atravessou todas essas fases, chegando ao tempo da redemocratização. Ele pôde acompanhar progressos e retrocessos da história do Brasil no século passado.

No tocante à história eclesial, nos primeiros tempos de missões de Frei Damião, ainda eram fortes as marcas das investidas do processo de romanização; era latente a tentativa de reconstrução da cristandade. Além do que surge uma nova compreensão de Igreja, com o advento do Vaticano II e daí, novos rumos são tomados no âmbito eclesial.

Ele viveu os albores desse novo tempo pós-conciliar e continuou pregando o Evangelho como sempre fez, mesmo quando se dizia que seu projeto missionário já não se coadunava com os projetos de igrejas locais, elaborados à luz do Concílio. Amado por muitos, criticado por alguns, ele marcou a história da Igreja no Nordeste e continua sendo objeto de reflexão quando o assunto é evangelização.

Nosso trabalho é composto de três capítulos, nos quais buscamos atingir o objetivo de problematizar a riqueza e a complexidade do catolicismo, entendido no âmbito da religiosidade popular², na Matriz Religiosa Brasileira, apresentando a figura

¹ Compreendemos que o termo Nordeste é uma construção conceitual dos anos de 1940, com questões relacionadas à cultura, à sociedade e à economia do período. Em parte da documentação do período, o termo foi classificado como Norte (cf.: ALBUQUERQUE JUNIOR, 1999).

² A religiosidade popular, aqui, é entendida como abrangência das diversas expressões de fé do povo em geral, com traços culturais diversos, numa atitude fundamental de abertura ao Transcendente. Já catolicismo popular, termo também referido ao longo do texto, é mais restrito e trata exclusivamente das expressões religiosas ligadas à Igreja Católica, com suas múltiplas feições, representando a memória viva

de Frei Damião de Bozzano, compreendida no contexto da sua ação missionária, a partir das múltiplas formas e expressões de devoção que o povo lhe tem. Com isso, buscamos perceber quais as contribuições para a evangelização, advindas desse devotamento.

No tocante à metodologia, com a contribuição de diversos autores, quisemos percorrer uma via de constatação dos fatos que levaram à consolidação da religiosidade popular e, a partir dela, interpretar Frei Damião e o que o fez se tornar um objeto de devoção entre tantos fiéis. É claro que pode haver questionamentos, posturas diferentes, críticas construtivas, que venham a contribuir para o desenvolvimento deste trabalho, sejam elas em relação ao catolicismo popular ou a Frei Damião. Entretanto, é inegável a contribuição das diversas expressões desse catolicismo, bem como da ação desse capuchinho para o campo da evangelização no Nordeste brasileiro.

No primeiro capítulo, dissertamos sobre a figura de Frei Damião e suas Santas Missões, realizadas na região Nordeste, traçando, inicialmente, um breve perfil biográfico do missionário, depois, particularizando alguns aspectos referentes à sua relação com a instituição e as pessoas com as quais interagiu na sua ação missionária.

No segundo capítulo de nossa pesquisa, apresentamos a gênese e o desenvolvimento da Matriz Religiosa Brasileira, perpassando pelas contribuições advindas dos indígenas, dos portugueses colonizadores e dos africanos trazidos como escravos, que geraram uma religiosidade rica em expressões e permeada de desafios.

No terceiro capítulo, fazemos uma interpretação da devoção a Frei Damião e suas contribuições para a missão, examinando as manifestações populares, a fim de compreender qual a importância das expressões de devoção a ele, para a evangelização na atualidade.

À guisa de uma interpretação dessa devoção ao frade, realçamos as dimensões históricas, sociais e culturais, envolvidas nessa construção devocional. Procuramos compreender como os devotos vivenciam suas práticas, ao mesmo tempo em que buscamos perceber o quanto isso vai se tornando um hábito, colaborando para a conservação do capital simbólico da instituição religiosa.

Observamos, outrossim, que essas práticas devocionais se manifestam em diversos espaços que, de algum modo, estão associadas à memória do próprio Frei Damião. São lugares caracterizados como sagrados ou vistos como sinais do

da evangelização do país, e tornando-se, ao mesmo tempo, matriz e figura da religiosidade popular. Para aprofundar o assunto, pode-se ler a obra “Catolicismo popular no Brasil” (SUESS, 1979).

extraordinário, do sobrenatural, do divino. Nesse aspecto, nossa pesquisa abrange as práticas e crenças que dão sustentação à devoção ao capuchinho.

É crescente o interesse pela temática, tanto da religiosidade e do catolicismo popular, quanto de Frei Damião, o que pode se verificar pelas pesquisas e publicações ocorridas nos últimos tempos, tomando como objeto de análise e interpretação as manifestações de piedade das pessoas em suas práticas e crenças. Nosso propósito com esse trabalho é, pois, contribuir com os estudos históricos e teológico-pastorais, que envolvem o ser humano na sua relação com o Transcendente.

1. FREI DAMIÃO DE BOZZANO E AS SANTAS MISSÕES NO NORDESTE BRASILEIRO

1.1 Frei Damião de Bozzano: um breve perfil biográfico

No dia 05 de novembro de 1898, nascia no povoado de Bozzano, município de Massarosa, na Itália, o segundo filho do casal camponês Felice e Maria Giannotti, que recebeu o nome de Pio. Foi batizado no dia seguinte ao seu nascimento, na igreja dos Santos Catarina e Próspero, em sua terra natal. Educado em um lar profundamente católico, ainda na infância recebeu os sacramentos da primeira eucaristia e do crisma. Seus irmãos chamavam-se: Guglielmo, Lilia, Giuseppina e Elisa³. Seu irmão Guglielmo tornou-se padre diocesano, e sua irmã caçula, Lilia, ingressou na Congregação das Oblatas do Espírito Santo (Irmãs Zitinas). Abaixo, uma foto bastante representativa de Frei Damião no seio de sua família.



Frei Damião com alguns de seus familiares
Da direita p/a esquerda: na frente: Enzo di Pietro (sobrinho), os pais Felice e Maria Giannotti (sentados)
De pé, atrás, os irmãos: Mons. Guglielmo, Irmã Pia (Lilia), Giuseppina e Frei Damião (Pio)

Aos 17 de março de 1911, Pio entrou na Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, passando a residir no Seminário Seráfico de Camigliano. No ano de 1914, fez o noviciado no convento de Vila Basilica e emitiu seus primeiros votos em 11 de julho de 1915, recebendo o nome religioso de Frei Damião de Bozzano. Dois anos depois, em 1917, foi convocado para o exército italiano, a fim de servir na I Guerra Mundial (1914-1918). Passada a guerra, retornou à vida conventual e iniciou os seus estudos filosóficos e teológicos. Emitiu a profissão perpétua na Ordem Capuchinha em

³ Familiares de Frei Damião: Pais: Felice Giannotti (1864-1938) e Maria (1867-1944); irmãos por ordem cronológica de nascimento: Elisa (1889-1924), Giuseppina (1891-1976), Guglielmo (1896-1965), Pio [Damião] (1898-1997) e Lilia [Pia] (1906-1943).

30 de outubro de 1921. Foi enviado a Roma para estudar Teologia Dogmática na Universidade Gregoriana, obtendo o Doutorado aos 28 de julho de 1925.

Frei Damião foi ordenado diácono em 31 de março de 1923, na capela do Pontifício Seminário Maior, em Roma, por Dom Giuseppe Palica⁴. Sua ordenação sacerdotal deu-se aos 05 de agosto do mesmo ano, na igreja de São Lourenço de Brindisi, na capital italiana, pela imposição das mãos e oração consecratória do Cardeal Basilio Pompilj⁵.

Ordenado sacerdote, e com os estudos concluídos, voltou à sua província religiosa, Lucca, onde foi indicado para lecionar aos formandos e assumir o ofício de vice-mestre de noviços. Pouco tempo depois, foi chamado para ensinar Teologia aos seminaristas da Arquidiocese de Lucca, encargo que assumiu até 1928, quando foi transferido para a cidade de Massa. Nessa cidade, foi diretor e professor de Filosofia dos estudantes capuchinhos. A convite do bispo local, assumiu a função de professor de Teologia Moral e confessor dos seminaristas.

Em 1930, a Província capuchinha de Lucca assumiu a Missão de Pernambuco e necessitava enviar missionários para o Brasil. Assim, no dia 28 de maio de 1931, Frei Damião foi enviado a Pernambuco, juntamente com os confrades Inácio de Carrara (1886-1944) e Bento de Terrinca (1907-1940). Eles partiram do porto de Gênova, no navio Conte Rosso, em direção ao Brasil e aportaram em Recife, aos 17 de junho daquele mesmo ano (MAPPA DOS MISSIONÁRIOS, n.º. 92), indo residir no convento Nossa Senhora da Penha, sede da missão dos frades luqueses, no secular e tradicional bairro de São José (LOPES NETO, 2011, p. 21). Abaixo, fotos de Frei Damião no período de sua chegada ao Brasil.



⁴ Viveu de 1869 a 1936. Recebeu o título de Arcebispo e foi Vigário geral da diocese de Roma.

⁵ Viveu de 1858 a 1931. Era cardeal e, na época da ordenação de Frei Damião, era Vigário geral para a diocese de Roma.

Um dos primeiros desafios enfrentado por Frei Damião e seus companheiros foi a aprendizagem da língua portuguesa. Ele começara a estudá-la na Itália e, durante a viagem, pôde aprimorá-la. Depois de alguns meses aprofundando o português, sentiu-se preparado para a pregação. Assim sendo, aceitou o convite para realizar uma missão no lugar chamado Riacho do Mel, município de Gravatá, Pernambuco, durante a festa de São Miguel Arcanjo, que foi realizada entre os dias 25 e 30 de setembro de 1931 (LIVRO DE TOMBO DAS MISSÕES, p. 4). Daí em diante, iniciou sua grande atividade missionária, que só se encerraria com a sua morte, 66 anos depois.

Abaixo, uma fotografia tirada durante a primeira missão em Gravatá, na varanda do casebre que o acolheu naqueles dias de festa. Essa casa ainda existe (quase em ruínas) e está localizada ao lado da capela de São Miguel.



Primeira Missão de Frei Damião – Gravatá-PE - setembro/1931

Desde os idos de 1931, começou a chamar a atenção das pessoas de todos os lugares por onde passava, realizando as Santas Missões, sendo visto como um santo. Missionou principalmente os estados de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Alagoas, Ceará e Sergipe. Esteve algumas vezes no Piauí, na Bahia, em São Paulo e no Amazonas.

O frade seguiu as pegadas de outros capuchinhos que missionaram o Nordeste em anos anteriores: Frei Carlos de Spezzia (1683-1752), Frei Sebastião de Melia (1810-1863), Frei Fidelis de Fognano (1831-1894), Frei Eusébio de Sales (+1850), Frei Vital de Frescarolo (1749-1820), Frei Serafim de Catania (1812-1887), Frei Caetano de Messina (1807-1878), dentre outros. O modo de propagar o Evangelho utilizado por Frei Damião seguia o modelo desses antigos missionários capuchinhos que, como pregadores itinerantes ou já estabelecidos, tornaram célebres as Santas Missões Populares (SOUSA NETO, 2011).

Em 1953, escreveu o livro intitulado “Em defesa da fé”, objetivando instruir as pessoas na fé cristã católica. Essa obra de cunho apologético teve um grande número de vendas, com três edições ao longo da década de 1950. É um texto que aborda os seguintes assuntos: a diferença entre a regra de fé católica e a protestante; o primado e a infalibilidade papal; os sacramentos, com acento para o matrimônio e a confissão; o culto à Virgem Maria e aos santos; os dogmas da divina maternidade e da imaculada concepção de Maria e o purgatório. No prefácio dessa obra, Frei Otávio de Terrinca (1908-1996) ressalta que, ao ler o livro, se percebe a firmeza da doutrina, da lógica impecável e da simplicidade da forma. Diz ainda que a virtude do frade é o segredo da eficácia de suas missões e com isso esclarece todos os argumentos, fortalece as conclusões e se transforma em motivo para adesão às verdades que defende com tanta convicção e clareza (cf.: FREI DAMIÃO DE BOZZANO, 1955, prefácio).

Com espírito apostólico, Frei Damião assumiu a missão de anunciar o Evangelho. Desde a sua chegada ao Brasil, sentiu-se desafiado a ir ao encontro das realidades sofridas dos sertanejos, carentes de catequese e de uma maior atenção da Igreja, bem como dos governantes; e buscou uma identificação profunda com esse povo.

Quando Frei Damião chegou ao Brasil, o catolicismo do povo possuía características tridentinas, marcadamente devocional e apologético. E ele não podia fugir desse contexto, como afirma Mário Souto Maior: “Nas suas Santas Missões, Frei Damião pregava um catolicismo que o povo entendia, um catolicismo à moda antiga, de conformidade com os moldes do Concílio de Trento⁶” (SOUTO MAIOR, 1998, p. 21). Era a religião do temor de Deus, das grandes procissões, das festas de padroeiro, dos benditos e ladainhas. Todo esse universo vai começar a fazer parte das atividades desenvolvidas durante a Semana Missionária, realizada pelo capuchinho. Mas, juntem-se a isso, os encontros específicos que costumava promover com homens, mulheres, jovens, crianças e casais; para cada grupo, em particular, tinha um discurso próprio. Além do mais, primava pela visita aos doentes e encarcerados, quando havia hospital ou cadeia no lugar.

⁶ O Concílio de Trento buscou esclarecer uma série de questões ao sintetizar e sistematizar diversas abordagens teológicas medievais sobre os tópicos que se achavam em discussão. Uma de suas principais realizações foi declarar exatamente quais eram os ensinamentos da Igreja Romana sobre questões essenciais da fé cristã e da prática católica, de um modo conclusivo e sistemático. Não foi uma mera reação ao protestantismo, embora tenha se reunido também para reagir às ideias, questionamentos e críticas. Esse concílio marcou profundamente a Igreja durante os séculos que se seguiram (BELLITTO, 2010, p. 152-153).

Muitas pessoas relatam que Frei Damião fazia milagres ainda em vida; sua fama de taumaturgo, entretanto, espalhou-se por todo o Nordeste (cf.: SILVA, 2019). Sua vida, suas palavras, seus gestos tornaram-se um grande meio de comunicação da mensagem cristã (cf.: SOUSA NETO, 2011).

Devido à sua popularidade, em meio aos nordestinos, em dados momentos, houve quem manipulasse e instrumentalizasse sua figura, especialmente políticos inescrupulosos com objetivos eleitoreiros. Uma simples fotografia tirada ao lado do santo dava visibilidade a quem almejava o poder e atraía a atenção do eleitor devoto. Porém, ele nunca deu permissão para isso, o que veremos ainda neste capítulo.

Frei Damião não fez grandes gestos aos olhos do mundo. Chamava a atenção pela sua humildade e simplicidade e pela dedicação à missão para a qual Deus o chamou. Segundo Celso Loraschi, “Os mínimos gestos podem tornar-se caminho de santificação. Jesus foi santo não porque realizou grandes obras aos olhos dos outros, mas porque em todas as coisas fez a vontade do Pai” (LORASCHI, 2013, p. 11-12). Em toda a sua vida o capuchinho buscou, com fidelidade, honrar os compromissos assumidos diante de Deus e da Igreja. É por isso que muitos o olham como exemplo de vida a ser seguido. O seu amor pela vida missionária é inspiração para os evangelizadores hodiernos, em busca de um novo ardor missionário.

O frade recebeu diversas homenagens, dentre as quais o título de cidadão honorário de vários estados e municípios nordestinos. Em Roma, na Itália, foi-lhe concedido o título de Cavaleiro da Ordem de Vittorio Veneto, no ano de 1977, e em Lucca, ele recebeu a Medalha de Ouro, concedida aos que honram a Itália no mundo. No ano de 1971, foi agraciado com a Medalha Pernambucana do Mérito, pelos relevantes serviços prestados a Pernambuco (RIVISTA P. DAMIANO DA BOZZANO, 1973). E, em 1993, o Conselho Estadual de Cultura de Pernambuco outorgou-lhe o Diploma “Fernando Pio dos Santos”, por sua contribuição à cultura pernambucana através da destacada ação no campo da religião. Mesmo depois de sua morte, continuaram os reconhecimentos. Com o objetivo de homenagear a trajetória do capuchinho, foi sancionada, aos 03 de julho de 2013, a Lei nº 15.039, que instituiu o “Dia de Frei Damião”, em Pernambuco, a ser comemorado a 31 de maio (Diário Oficial do Estado de Pernambuco, Recife, 15 de maio de 2014). Mais recentemente, foi declarado “Patrono dos Romeiros e Romarias de Pernambuco” (Diário Oficial do Estado de Pernambuco, 31 de julho de 2020).

Com o passar do tempo, Frei Damião tornou-se uma viva mensagem não verbal. Nos últimos anos, já idoso e doente, comunicava mais com sua presença do que com suas palavras (cf.: SOUSA NETO, 2011). As pessoas contentavam-se apenas em vê-lo. Os símbolos que carregava consigo também falavam muito ao coração do povo: o hábito capuchinho, as sandálias de couro, o cordão de São Francisco, o crucifixo, o rosário nas mãos e a sineta com a qual chamava todos à oração. Além disso, seus cabelos brancos, sua barba e seus olhos azuis completavam o quadro que para o povo figurava um pai espiritual. E, assim, ele foi se consolidando numa espécie de mito para a religiosidade popular nordestina. Agora, já não pertencia exclusivamente a uma instituição religiosa, mas ao imaginário coletivo, sendo objeto da devoção popular, com todas as consequências que disso emana.

Frei Damião faleceu no Real Hospital Português, no Recife, aos 31 de maio de 1997, com grande fama de santidade. Seu velório ocorreu durante quatro dias na Basílica da Penha; filas intermináveis de fiéis, diuturnamente, foram organizadas para dar-lhe adeus. Os governos federal e estadual declararam luto oficial. A missa de exéquias foi celebrada no Estádio do Arruda com a presença de milhares de fiéis, e concelebrada por dezenas de bispos e centenas de padres. Personalidades de todo o país vieram ao seu velório, que teve cobertura diária da imprensa local e nacional, além de matérias publicadas e veiculadas em outros países, como Portugal e Itália. Foi um evento midiático, desde a hora do anúncio da sua morte até o apoteótico funeral.

Para o povo, o frade, que já era considerado santo em vida, tornou-se inesquecível. Ele deixou uma verdadeira herança espiritual no Nordeste brasileiro. É por isso que muitos quiseram comparecer ao seu velório. Nas últimas homenagens estavam os ricos, os pobres, os famosos e os anônimos. Todos foram agradecer o que o velho padre representou para o povo. E, após a sua morte, a devoção só tem crescido e se multiplicam as homenagens nos mais diversos lugares. Sua sepultura é visitada diariamente. E, nos finais de semana, dezenas de romarias chegam ao convento de São Félix de Cantalice, na zona sul do Recife, para visitar sua tumba, advindas de todos os recantos do Nordeste e de outras partes do Brasil.

Por ocasião da morte de Frei Damião, o Ministro Geral dos Capuchinhos, Frei John Corriveau⁷, escreveu uma carta dirigida aos seus confrades nordestinos, em meio a

⁷ Foi Ministro geral dos capuchinhos nos anos de 1994 a 2006.

qual delineia o perfil do falecido. Um trecho da missiva resume, de certa forma, a vida e a obra do missionário:

Frei Damião imitou a Jesus Cristo que percorria cidades e aldeias, curando todas as debilidades e enfermidades, como sinal da chegada do Reino de Deus. Cumpriu com a missão da Igreja que, através de seus filhos, se une com os homens de qualquer condição, sobretudo com os pobres e atribulados, e de boa vontade se dedica a eles (cf. Const. 150,2). Este frei concretizou em sua vida a exortação de nossas normas de vida capuchinha, que nos pedem que promovamos as obras apostólicas, como as missões populares, a pregação constante da penitência e conversão, a confissão sacramental dos fiéis, a promoção social, a atenção aos enfermos e aos mais empobrecidos (cf. Const. 147,2). Frei Damião amou intensamente a Igreja e se entregou totalmente à missão, até os últimos momentos de sua vida. Viveu com fidelidade e perseverança a sua vocação capuchinha, observando simples e catolicamente a Regra de São Francisco (CORRIVEAU, 1997).

Um grande expoente do episcopado brasileiro, o Cardeal Dom Paulo Evaristo Arns⁸, ao tomar conhecimento da morte de Frei Damião, afirmou que o capuchinho

foi um dos maiores missionários da história do Brasil. Ele era venerado como santo. Com o rigor de seu temperamento, levou muita gente a ficar firme na fé e na conduta moral. Foi um símbolo do cristianismo na região do Nordeste e deixa um saldo altamente positivo para a Igreja, que tem poucos missionários de tão grande expressão (JORNAL O POVO, 02 de junho de 1997, p. 3F).

Da mesma forma, expressou-se Dom Cláudio Hummes⁹, quando ficou sabedor do falecimento do frade, destacando Frei Damião entre os grandes missionários do Brasil:

Frei Damião era umas das maiores figuras religiosas do Nordeste e do Brasil, sobretudo no coração do povo, que tem uma grande veneração por ele. Frei Damião possuía um carisma especial e, tem orientado muito a fé do povo. O carisma dele pode ser comparado ao do Padre Cícero. Não tem outro religioso com tamanho carisma junto ao povo (JORNAL O POVO, 02 de junho de 1997, p. 4F).

No ano de 2003, foi iniciado na Arquidiocese de Olinda e Recife o Processo de Beatificação e Canonização de Frei Damião. Em 2012, concluiu-se a Fase Diocesana e toda a documentação foi entregue à Congregação das Causas dos Santos, no Vaticano. No ano 2019, ele foi declarado “Venerável” pelo Papa Francisco, reconhecendo esse, em nome de toda a Igreja, que o frade viveu em grau heroico as virtudes cristãs (cf.: CONGREGAÇÃO DAS CAUSAS DOS SANTOS, 2019). Espera-se, no momento, que

⁸ Na época da declaração era arcebispo de São Paulo, cargo que assumiu entre os anos de 1970 a 1998.

⁹ Nesse tempo era arcebispo de Fortaleza-CE, ofício por ele assumido entre os anos de 1996 a 1998.

um milagre aconteça por sua intercessão e seja aprovado pela Igreja, para que haja a sua beatificação. Mas, independentemente desse reconhecimento oficial, o povo já o considera santo.

1.2 Frei Damião, o missionário

Desde muito jovem, Frei Damião tinha o desejo de se tornar missionário. Numa missiva dirigida ao Ministro Geral dos Capuchinhos, o Provincial Frei Ceccardo de Carrara¹⁰, apresenta-o, e também seus companheiros, destinados ao Brasil, relatando que já eram desejosos de serem missionários:

A escolha caiu sobre três padres, isto é: Frei Inácio de Carrara, Frei Damião de Bozzano e Frei Bento de Terrinca, que foram considerados idôneos à Missão, e, já antes, haviam pedido para serem missionários (CECCARDO DE CARRARA, 1931).

Frei Damião e seus companheiros chegaram ao Brasil em 1931. Ele continuou o trabalho de tantos outros confrades, que o antecederam na faina missionária. Os capuchinhos já estavam estabelecidos no Brasil desde o século XVII (PRIMERIO, 1940), tomando parte na história da Igreja do Brasil, fazendo-se presentes na vida religiosa da população, com uma presença mais consistente no interior dos estados. Eles se utilizaram do esquema das Santas Missões que simbolizaram, por muito tempo, uma forma de presença da Igreja nos lugares onde a assistência eclesiástica era escassa (SILVA, 2009).

Os séculos XIX e XX foram marcados pela atuação de diversos missionários em todo o Brasil. E, na região nordeste, os capuchinhos atuaram com destaque atingindo vários aspectos, desde a catequese às ações sociais. Conforme Carlos André Silva de Moura,

As missões foram compreendidas como uma prática sistemática, complexa, inter-relacional, de longa duração, com imprevistos, e que possibilitaram a elaboração de novas formas de devoção, com o reconhecimento do pluralismo e das práticas cotidianas nos espaços de atuação (MOURA, 2020, p. 64).

Conhecidas como missões ambulantes, objetivavam, segundo Metódio da Nembro, fazer com que as populações vivessem a fé e a vida cristã católica, de modo a sair da ignorância e da superstição, procurando consolidar a religião por meio da

¹⁰ Foi Ministro Provincial dos Capuchinhos de Lucca, Itália, na década de 1920.

recepção dos sacramentos, fomentando a oração e a instrução dos católicos (NEMBRO, 1958). Na verdade, a chegada de missionários de diversas Ordens e Congregações ao Brasil, no início do século XX, se deve a uma estratégia da Santa Sé, buscando o reordenamento do território eclesiástico, com a criação de novas circunscrições (MARIN, 2021), e contribuindo, assim, para fomentar a instalação, no país, de um cenário no qual o catolicismo ganhasse maior protagonismo, reverberando, de certo modo, a ruptura ente a Igreja Católica e o Estado no Brasil (MARROQUIM, 2020).

Na época da chegada de Frei Damião, o país passava por uma profunda crise, diretamente associada às mudanças socioeconômicas, uma situação de instabilidade e agitação. A Igreja Católica estava vivendo um novo pontificado com Pio XI (1922-1939), que propôs um audacioso programa para tornar a Igreja uma presença ativa, numa sociedade cada vez mais laicizada. Na visão desse papa, somente uma efetiva recristianização poderia trazer paz e prosperidade à sociedade (cf.: MATOS, 2011a). Essa nova orientação definiria os rumos de toda a Igreja, com nítidos reflexos no Brasil. Era a desejada restauração católica que se fortaleceu com o projeto populista do então presidente Getúlio Vargas¹¹. A ênfase dada por esse projeto ao nacionalismo, ao patriotismo e ao anticomunismo coincidia com o ideário católico da época, que pretendia salvaguardar os sagrados princípios de “ordem e autoridade”, ao mesmo tempo em que dariam respaldo aos perenes valores da sociedade ocidental (MATOS, 2011a).

As Santas Missões pregadas por Frei Damião se deram em meio a contextos diversos. Com o fim do Império tem início a reorganização eclesial, com a formação de novas dioceses e estruturação jurídica da Igreja no país. Dilermando Vieira afirma que ao raiar o século XX, a grande preocupação do clero e das associações leigas era consolidar, no contexto eclesial do país, as orientações vindas de Roma, principalmente no tocante à disciplina e à integridade da doutrina (VIEIRA, 2016, p. 85). Havia uma preocupação com a formação do clero e a expansão dos seminários. Os bispos se encontravam em conferências e redigiam pastorais coletivas, exortando clero e leigos sobre os perigos que se apresentavam à Igreja no momento, e os meios de conservação

¹¹ Foi presidente do Brasil em dois períodos: de 1930 até 1945, sendo que, de 1930 a 1934, como chefe do "Governo Provisório"; de 1934 até 1937, como presidente da República do Governo Constitucional, tendo sido eleito pela Assembleia Nacional Constituinte de 1934 e, de 1937 a 1945, como ditador, durante o Estado Novo, implantado após um golpe de Estado.

da fé. A apologética permeava todos os assuntos. Em 1917, surge o novo Código de Direito Canônico, que trouxe diversas orientações e contribuições para a vida eclesial.

No tocante ainda a esses contextos, houve a restauração das ordens religiosas antigas, mas também a multiplicação de novas congregações chegadas ao Brasil. E, diante do novo contexto sociocultural que se impôs, a Igreja procurou apresentar alternativas cristãs, de modo particular no campo da educação. Depois, emergem os desafios do mundo operário e as primeiras iniciativas religiosas para a promoção dos trabalhadores. As Ordens e Congregações que chegavam da Europa preocuparam-se em elevar o nível do culto católico, contando com o apoio do episcopado, que tratou de disciplinar a liturgia, bem como das irmandades e dos centros de romaria. Tempos depois, surgiram as associações caritativas e devocionais (VIEIRA, 2016).

Na década de 1920 surge no Rio de Janeiro, o Centro Dom Vital fundado por intelectuais católicos. Segundo Dilermando Vieira, “sua meta principal era aquela de reforçar a influência católica na sociedade, num momento em que a crescente urbanização portava no seu bojo manifestações secularizadoras e propiciava igualmente realidades desafiadoras” (VIEIRA, 2016, p. 170). Tudo isso representou um sincero e bem sucedido empenho em prol da afirmação da identidade católica e da elevação do nível intelectual e moral da hierarquia eclesiástica e de todo o povo fiel.

Nesse tempo havia uma grande preocupação da Igreja no Brasil com o crescimento do protestantismo e do espiritismo. E Frei Damião, seguindo o espírito eclesial tridentino vigente, colocou-se na defensiva e na propagação da fé católica nesse contexto. Seu modo de pregar o Evangelho seguia o modelo utilizado pelos antigos missionários capuchinhos, seus predecessores, na itinerância pelo Nordeste, que tornaram célebres as Santas Missões Populares, objetivando a catequese do povo, instruindo as pessoas na fé católica.

Na verdade, durante toda a primeira metade do século XX, a atividade missionária capuchinha manteve a característica de estar voltada à catequese dos fiéis, também como em tempos anteriores, justamente pelas necessidades eclesiais de então. Era um tempo de embates doutrinários (VIEIRA, 2016). Assim sendo, a Igreja, apesar de consolidada, de certo modo, dependia desses religiosos para realizar sua ação entre as gentes dos lugares mais afastados e de difícil acesso aos serviços religiosos (MATOS 2011a). A presença de Frei Damião, nesse sentido, permitia a inserção do povo nos ritos sacramentais, sendo um reflexo da presença assistencial da Igreja.

O povo era sequioso da assistência da Igreja. Vejamos o trecho de um relato de missões que apresenta as dificuldades enfrentadas pela população, a fim de ser atendida em suas necessidades espirituais:

Milhares e milhares de fiéis, vencendo distâncias de 10, 15 e mais léguas a pé, atravessando rios e florestas levados pelo desejo de ver o missionário, o enviado de Deus, acorriam ávidos às missões. Com a mais piedosa atenção lhe ouvem a palavra, choram os próprios pecados, imploram o perdão e a misericórdia de Deus [...] e após terem recebido a bênção do sacerdote na certeza de que é a própria bênção de Deus, voltam por fim transbordantes de júbilo e despedaçados de saudades às suas humildes moradas. (REVISTA DOM VITAL, 1941, p. 20).

Naqueles primevos anos de missão, as dificuldades enfrentadas por Frei Damião e seus companheiros eram muitas, desde a geografia à situação socioeconômica, moral e religiosa. A região nordeste equivale a 18% do território nacional, compreendida numa área de 1.550.000 quilômetros quadrados. É a parte mais empobrecida do país, que sofre com a seca e a falta de atenção dos governantes. O missionário teve que enfrentar as distâncias e as estradas empoeiradas que o levavam aos interiores. Ali, encontrava diversas situações: as agruras da seca e da fome, a falta de eletrificação, o analfabetismo, os meios de comunicação e transporte insuficientes, a ausência de catequese e de administração dos sacramentos etc. Falando das dificuldades encontradas no ambiente da missão, o próprio Frei Damião numa carta que escreveu ao irmão, Padre Guglielmo Giannotti, relata o seguinte:

Vou pregar missões no Rio São Francisco. Este ano o povo sofre muito nessas partes pela falta de chuva, e a situação agrava-se sempre mais. Que Deus se compadeça de tantos pobrezinhos que não tem nada para comer, nem um copo de água pra beber! (FREI DAMIÃO, 1953).

Frente às dificuldades já expostas, havia também a falta de uma digna assistência religiosa. Por isso, Frei Damião preocupava-se em ouvir as pessoas em confissão e levá-las à participação na Eucaristia, além de promover casamentos para os casais que viviam de forma irregular, batizar as crianças e crismar os jovens do lugar.

Com o objetivo de orientar o povo na condução de sua vida, preparava sermões cujas temáticas eram a Igreja, a Fé, os Sacramentos, o Papa e os temas escatológicos. Com isso, ele seguia a tradição franciscano-capuchinha de “anunciar a pena e a glória, os vícios e as virtudes, para utilidade e edificação do povo” (Regra não bulada de São

Francisco, escrita em 1221, Cap. IX, 3)¹². Esses mesmos temas estão presentes no único livro que escreveu, intitulado "Em defesa da fé", usando de uma linguagem simples e apresentando um conteúdo moral-apologético, objetivando, assim, a formação do povo, diante das investidas de outros grupos e credos religiosos. Carlos André e Aerton Silva, referindo-se a essa obra, concluem o seguinte:

Na obra intitulada *Em defesa da fé*, o frade demonstrou a sua proposta de catolicismo, com um tratado de crítica ao protestantismo, com comparações entre o que classificou como os “erros da religião herética” e as “virtudes” católicas. As suas ideias se fundamentaram na tradição bíblica, nos ensinamentos da Igreja romana, na defesa dos sacramentos e na importância da confissão. Para o frei, a verdadeira religião estava fundamentada em I - Que Jesus Cristo fundou a sua Igreja e entregou seu governo a Pedro; II - Que foi vontade de Jesus que Pedro transmitisse o governo da Igreja a seus sucessores; III - Que os sucessores de Pedro são os Papas (MOURA; SILVA, 2021, p. 416).

Numa entrevista concedida à Revista Veja, o jornalista Ronildo Maia Leite lhe perguntou quais os temas preferidos de seus sermões, ao que Frei Damião respondeu:

São os mandamentos da Lei Divina, a obediência à Igreja, a autoridade da Igreja, o inferno, o céu, o paraíso, a morte, o juízo final, a confissão, a oração, o amor ao próximo, os santíssimos sacramentos, os meios de perseverança no caminho do bem. Só visamos uma coisa: salvar as almas, levar cada dia almas para Deus (LEITE, 1972, p. 63).

Frei Damião tinha um discurso escolástico, mas sua linguagem era simples e cordial, num modo de falar exortativo e cheio de exemplos e comparações, recontando histórias edificantes e úteis. De acordo com Francisco Lopes de Sousa Neto,

O povo gostava de ouvi-lo porque era um modo claro determinado, e se percebia claramente que ele havia preparado a pregação com esmero. As constantes citações dos grandes autores cristãos, como Santo Tomás de Aquino e Santo Agostinho, testemunhavam que para ele não era válido improvisar (SOUSA NETO, 2011, p. 40).

Naquelas primeiras décadas do século XX, o Brasil passava por crises e mudanças e a Igreja, imersa nessa situação, também não tinha sacerdotes suficientes para atender a população. Por isso, a presença do missionário era imprescindível para animar e confirmar o povo na fé. Não era um tempo fácil e o povo era muito necessitado da catequese e dos sacramentos que fortalecem os fiéis na caminhada. Consciente disso, Frei Damião não regateava esforços para ir ao encontro das pessoas, sejam lá quais fossem os meios: de trem, de ônibus, em lombos de cavalos, pelas estradas empoeiradas

¹² O texto da Regra não bulada de São Francisco de Assis encontra-se inserido nas Fontes Franciscanas e Clarianas, publicada em Petrópolis pela Editora Vozes, em 2014, p. 165-185, como consta na bibliografia.

e sem asfalto, a pequenas e longas distâncias, não importando o local, fosse capital ou interior, agreste, zona da mata ou sertão, estava sempre pronto a servir.

Diversos lugares foram missionados por Frei Damião de Bozzano e seus companheiros, desde a sua chegada ao Brasil em 1931 até sua morte em 1997, mostrando sua trajetória missionária incansável. Desde a década de 1940, pôde contar com a companhia de Frei Fernando Rossi (1918-2013) e, juntos, estiveram em centenas de cidades nordestinas ao longo de sua atividade apostólica. Não era fácil seguir o ritmo das Santas Missões, diante da agenda lotada e da resistência física de Frei Damião. Como afirma José Carlos da Silva:

Se algum frade vai ajudá-lo nas missões, precisa de uma pausa após cada jornada missionária para refazer as forças. Ele, não; tem a mesma resistência sempre. Às vezes, a missão acaba num domingo à noite. Na segunda-feira seguinte, ele já está a postos para iniciar nova missão em outra cidade (SILVA, 1977, p. 11).

Frei Damião não se deixou abater pelo ritmo das Santas Missões e os tantos pedidos que lotavam sua agenda anual. Sua maior satisfação era poder trabalhar continuamente pelo Reino de Deus, como ele mesmo afirma em carta ao irmão sacerdote, Monsenhor Guglielmo Giannotti, em 1948:

Trabalho continuamente em missões: também neste ano os dias de repouso foram e serão somente os dias de viagem de um lugar a outro. Sou muito satisfeito com esta vida, e a saúde, graças a Deus, me assiste sempre (FREI DAMIÃO, 1948).

O povo do Nordeste queria ver e ouvir Frei Damião, especialmente a população interiorana. Todos queriam tocá-lo e receber sua bênção. Ele, por sua vez, se deixava tocar pelo povo. Seus sermões eram convincentes e objetivavam a conversão dos pecadores. Sempre com voz impostada, mas falando com ternura. Às vezes, elevava o tom e falava de forma enérgica, mas mudava repentinamente para um tom de candura, dentro das características das técnicas homiléticas, pregando a fé católica. Como afirma Luiz Vieira da Silva:

Ele imprimiu a ideia de um Jesus servo de Deus e, simultaneamente, o Cristo glorioso pela sua ressurreição. Era a mística da cruz vivida pelo Seráfico Pai São Francisco de Assis. Por isso, é um Jesus pascal que dá sustentáculo a um povo pascal, o qual vive entre sofrimentos e alegrias (SILVA, 2015, p. 88).

A pregação de Frei Damião era profundamente escatológica. Assim, destacavam-se os tantos sermões sobre os temas escatológicos, na tentativa de levar as

peças a uma eternidade feliz. Para isso, alertava o povo em relação aos perigos de uma condenação eterna. Todavia, era uma pregação cheia de esperança, pois as penitências e a prática sacramental, recomendadas por ele, tinham o objetivo de suscitar nas pessoas a esperança no Reino dos Céus.

O itinerário das Santas Missões pregadas por Frei Damião consistia no mesmo programa desde a sua chegada ao Brasil, salvas as exceções: procissão penitencial pela madrugada, geralmente às 4h; Santa Missa; café da manhã; atendimento às confissões das 8h até ao meio-dia; almoço e repouso. Retomava a faina a partir das 15h, indo até às 18h, quando parava para o jantar. Às 19h, havia a recitação do Terço ou do Ofício da Imaculada Conceição. Em seguida, ele proferia um longo sermão, tratando de temas específicos, na maioria das vezes, refletindo sobre temas escatológicos. Por fim, voltava a atender confissões até à meia-noite.

Na década de 1950, um relato de Frei Urbano de Sertânia retrata como era a Semana Missionária:

Despertar às 3 horas da manhã. Sair pelas ruas poeirentas, chamando os fiéis para a penitência. Celebrar em seguida e pregar. Distribuir a comunhão a multidões de fiéis. Tomar um café. Sentar-se no confessionário até ao meio-dia. Comer um nada no almoço, descansar uma horinha e depois ao trabalho até meia-noite (URBANO DE SERTÂNIA, 1952, p. 7).



Santas Missões em Belém-PB, 1955

A foto acima retrata Frei Damião, ainda com bastante vitalidade, organizando uma procissão penitencial no interior paraibano.

Seguindo a pedagogia de Jesus de enviar os discípulos dois a dois, Frei Damião quis contar com a companhia de outros frades. Na primeira década de missões, ele pôde contar com o apoio de Frei Antônio de Terrinca (1906-1982), Frei Cipriano de Ponteccio (1902-1987), Frei Eduardo de Strettoia, Frei Félix de Pomezzana, dentre outros que, esporadicamente, o ajudavam no labor das Semanas Missionárias. Frei Fernando Rossi foi seu companheiro mais fiel, o acompanhou durante cinquenta anos

(1947-1997); havia sido seu coroinha na Itália e, ao chegar ao Brasil, fez-se seu companheiro nas andanças por todo o Nordeste.



Frei Fernando e Frei Damião, companheiros de missão

Sobre a relação entre Frei Damião e Frei Fernando Rossi, Gianfranco Lazzari afirma:

Frei Damião não poderia ter cumprido plenamente sua missão sem a indispensável ajuda de Frei Fernando, válido colaborador nas várias celebrações, nas infindas confissões que o prendiam por várias horas (LAZZARI, 2003, p. 23).

Frei Damião tornou-se um grande comunicador das massas. O seu modo de ser – sua veste franciscana e sua pregação numa linguagem simples, acompanhadas de seu testemunho de vida – atraía multidões. Ele pregava em qualquer lugar, não dispondo, na maioria das vezes, de equipamentos de som sofisticados ou outros recursos, além da própria voz para atrair os fiéis. Na década de 1940, escreveu a seu irmão sacerdote, partilhando a alegria de saber que receberá um alto-falante que o ajudará em suas pregações. Dizia ele:

Estou em Natal de passagem. Depois de amanhã, vou começar outras missões. Em janeiro me darão um alto-falante para as minhas pregações; é um pároco que me prometeu para que pregue em sua paróquia (cf.: FREI DAMIÃO, 1948a).

No ano seguinte, em outra missiva, ele relata as facilidades advindas com os novos recursos adquiridos: um alto-falante e um carro:

As minhas missões continuam o ano inteiro. A pregação não é mais fatigosa porque temos o alto-falante e posso muito bem controlar a multidão. Também as viagens são facilitadas por que tenho o carro (jeep) à minha disposição e me transporto de um lugar a outro quando quero (cf.: FREI DAMIÃO, 1949).

Fiel ao espírito eclesial de seu tempo, o missionário evidenciou, em suas pregações, a vida sacramental e a retidão moral, dentro de uma reflexão apologética, de característica combativa. Sobre isso, Mário Souto Maior afirma o seguinte:

Seus longos sermões sempre tinham lugar à noite, no pátio das igrejas, iluminado por muitas velas [...]. Frei Damião pregava um inferno pintado com cores fortes, labaredas de fogo consumindo os pecadores que levavam uma vida dissoluta, esquecidos dos ensinamentos de Deus (SOUTO MAIOR, 1998, p. 21).

Como caracterizar a atuação missionária de Frei Damião, antes e depois do Vaticano II? Consta-se que havia uma conotação marcadamente franciscana. O frade vivia a prescrição que São Francisco deu a todos os frades: “Vão pelo mundo, leves, pacíficos e modestos, mansos e humildes” (Regra bulada, Cap. III, 11)¹³. Desse modo, ele ia ao encontro das pessoas, especialmente nos povoados e pequenas cidades do interior dos estados. Era uma gente desassistida espiritualmente, por causa do número insuficiente de sacerdotes. Um povo sem acesso aos direitos básicos, como: saúde, educação, alimentação adequada etc. A presença e a palavra do missionário eram um bálsamo para esse povo sofrido, a aliviar-lhe as dores, uma luz em meio às trevas, uma esperança de dias melhores. Para essa gente, Frei Damião era o médico, o juiz, o psicólogo. A ele as pessoas falavam de seus problemas e queriam ouvir dele uma palavra de orientação e de ânimo. E ele nunca lhes faltava com a atenção. Seguindo a trilha dos grandes pregadores franciscanos, seus sermões nunca destoaram das Sagradas Escrituras, nem da fé cristã católica, nem tampouco dos ensinamentos do Magistério da Igreja.

As missões pregadas por Frei Damião aconteceram nesse ambiente permeado de diversas expressões devocionais populares, herdadas das matrizes religiosas que formaram o catolicismo brasileiro. Juntem-se a isso as devoções propagadas pelos próprios missionários, especialmente aquelas referentes à Virgem Maria. Com isso, temos um quadro de grande relevância no que se refere às devoções das gentes nordestinas.

O povo nordestino, com suas devoções a Nossa Senhora, aos santos e com suas festas de padroeiro, novenas e romarias, foi evangelizado ao longo dos séculos por missionários que incentivaram tais devoções. Com Frei Damião não foi diferente. Durante as Santas Missões, não podiam faltar a oração do Rosário, a recitação do Ofício

¹³ O texto da Regra bulada de São Francisco de Assis encontra-se inserido nas Fontes Franciscanas e Clarianas, publicada em Petrópolis pela Editora Vozes, em 2014, p. 157-164, como consta na bibliografia.

da Imaculada Conceição, a implantação do Cruzeiro, a bênção dos objetos de devoção, o canto dos benditos, as orações pelos defuntos etc.

Essa devoção popular era mantida, inclusive, por meio de subsídios que ajudavam os fiéis em suas práticas. Vários livros foram publicados com a intenção de salvaguardar essa fé do povo e transmiti-la às gerações pósteras: *Missão Abreviada*, do português Padre Manoel Couto, era uma obra de grande utilidade destinada à oração pública nas povoações; *Coroa das Almas do Purgatório*, opúsculo de origem portuguesa, continha diversas orações devocionais ao Sagrado Coração de Jesus agonizante, preces e petições pelos falecidos; *O Cantor da Matriz* incluía desde cantos e hinos aos ofícios de Nossa Senhora e dos santos, sendo utilizado nas paróquias; *Caminho do Céu* foi e continua sendo um livreto muito utilizado pelos capuchinhos e bastante difundido nas missões de Frei Damião com orações e cânticos diversos, além de orientações e conselhos dos missionários; *Cartilha das Missões*, da equipe de missionários do Nordeste, trazia em seu conteúdo orações, cantos e ofícios, quase uma compilação desses outros supracitados, embora imbuída das ideias do Vaticano II. Isso para citar alguns dos tantos subsídios que, ao longo do tempo, ajudaram a dinamizar a fé do povo nordestino.

Como acontece ainda hoje, nos tempos de Frei Damião, havia o incentivo à manutenção das devoções, de forma que, por esse meio, muitas pessoas conseguiram manter sua fé católica. E isso ainda é bastante presente nos dias atuais. É interessante, por exemplo, observar as residências das pessoas do interior, onde há um espaço reservado às devoções dos moradores, geralmente a parede principal da sala de visitas. Ali, além do Crucifixo, encontram-se imagens da Virgem Maria e de santos com os quais as pessoas se identificam, inclusive daqueles ainda não canonizados como Padre Cícero e o próprio Frei Damião.

Em tantos lugares por onde Frei Damião passou, era difícil a presença de sacerdotes. As Santas Missões populares se tornaram, então, o grande, se não o único instrumento da presença eclesial. Tratando disso, o Cardeal Eugênio Sales¹⁴ refletia:

Eu pensava, lendo depoimentos comovedores, em toda essa gente que se sentia órfã com o desaparecimento do religioso. Relembrava os significativos benefícios por ele prestados à Igreja Católica, na região onde nasci e me formei [...]. A memória de Frei Damião perpetuará o

¹⁴ Na época da declaração era arcebispo do Rio de Janeiro, cargo que assumiu entre os anos de 1971 a 2001.

bem que suas missões proporcionaram a milhões de nordestinos, particularmente aos pobres de Deus (SALES, 1997, p. 9).

A passagem de Frei Damião deixava conforto e esperança à população desassistida tanto pela Igreja quanto pelo poder público. Era o homem de Deus que se fazia próximo para escutar a partilha das dores e das alegrias, para absolver os pecados, dar conselhos e orientações e, às vezes, até mesmo curar doentes. Fazia, por vezes, o papel de pai espiritual, de médico de almas e corpos, de psicólogo. Suas palavras reafirmavam os valores da família, da comunidade eclesial, da construção e manutenção da paz, dos bons costumes, enfim, do Evangelho.

Toda essa ação missionária de Frei Damião se deu dentro de um contexto sócio-eclesial diverso, como foi dito antes. E, no advento do Vaticano II, surge na Igreja do Brasil o ideal católico da militância em defesa da fé. Em seguida, aparece a Ação Católica Brasileira¹⁵ com seus méritos e limites, contudo um organismo eclesial inovador, que tinha profundidade e repercussão. Entre as suas metas estava o cuidado com a classe operária. Daí surgiram os Círculos Operários Católicos. No entanto, segundo Henrique Cristiano José Matos,

a militância católica teve uma vertente original e desafiadora nas bases do povo de Deus, entre as populações pobres e abandonadas do interior, particularmente no Nordeste. Foi nesse ambiente, à margem da Igreja oficial, que se viveu um catolicismo popular, identificado com a situação sofrida do povo, sempre lutando por sua sobrevivência (MATOS, 2011, p. 122).

Houve uma atitude de desprezo e marginalização para com a religião popular. Mas ela reagiu com surpreendente capacidade de resistência, mostrando que carregava consigo uma significativa força de esperança e libertação. Afirma o mesmo autor:

Na realidade, a fé do povo não era a decadência do “catolicismo romano”, mas uma modalidade diferente, popular e sincrética de expressar a mensagem cristã. Nela se valorizava a sacralidade da própria vida social, ameaçada pelas rápidas transformações secularizantes então em curso na sociedade brasileira (MATOS, 2011, p. 123).

Nas décadas de 1940 a 1960 começa a se manifestar uma nova compreensão da Igreja; são novos tempos e novos desafios. Principiam a aparecer os movimentos

¹⁵ Em 09 de junho de 1935 foi oficialmente promulgada no Brasil a Ação Católica de Pio XI e adotou-se o modelo italiano, de cunho centralizador e autoritário, dividindo os leigos em quatro grupos, de acordo com a idade e o sexo: homens maiores de 30 anos; Liga Feminina, para mulheres maiores de 30 anos; Juventude Católica Brasileira, para rapazes de 14 a 30 anos e Juventude Feminina, para moças de 14 a 30 anos.

renovadores como a Juventude Operária Católica, atendendo necessidades regionais e locais. Em 1952, houve a fundação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB)¹⁶, propiciando o diálogo e a exposição dos grandes problemas pastorais do país. Esse órgão “favoreceu uma ação conjugada na busca de uma evangelização capaz de atender à realidade do povo na sua diversidade regional” (MATOS, 2011, p. 157).

Nos anos de 1962 a 1965 se realizou o Concílio Vaticano II, que foi o maior acontecimento eclesial do século XX, e teve repercussão em todo o mundo católico. A partir desse evento, a Igreja tomou novos rumos, novas iniciativas diante da realidade. Era a vivência da fé traduzida em práticas sociais. Com isso, parece entrar em ocaso o modelo de cristandade. No Brasil, houve crises, recuos e sinais de esperança. Parte do clero tinha suas reservas em relação a uma Igreja socialmente engajada. Além disso, nas décadas subsequentes, emergiram outros desafios com o neoliberalismo, a globalização e o pluralismo religioso. A Igreja precisava estar atenta a tudo isso, convocando todos para a construção de um mundo mais condizente com o projeto de Deus (MATOS, 2011).

Diante do exposto, um aspecto interessante a ser observado é que com a renovação advinda com o Concílio Vaticano II, o povo, de início, sentiu-se inseguro em suas práticas de fé. Em muitos lugares as mudanças foram drásticas e o povo não foi preparado para acolher tantas novidades (MOURA, 1976). Até mesmo a pregação dos padres transmitia certa insegurança aos ouvintes, pois eram carregadas da nova perspectiva oriunda do Concílio. Frei Damião torna-se então um elemento de ligação com as origens e seu discurso passa a ser concebido como aquele que tem autoridade, pois expressa tudo aquilo que foi aprendido com a catequese tradicional, dada por pais e avós. Segundo Abdalaziz de Moura,

[...] o que Frei Damião diz e confirma com seus milagres é uma prova para as pessoas de que os ensinamentos recebidos dos seus pais ainda são válidos para hoje. Afinal de contas, não ensinaram outra coisa diferente do que Frei Damião ensina hoje em suas missões. Por isso, as pessoas do povo sentem muito mais necessidade de escutar Frei Damião do que um pregador da renovação conciliar (MOURA, 1976, p. 216).

¹⁶ No período de 14 a 17 de outubro de 1952, realizou-se no Palácio São Joaquim, no Rio de Janeiro, a assembleia de instalação da CNBB.



Frei Damião em Cuité-PB, 1985

Acima, observamos a figura do missionário no adro de uma igreja, dando conselhos aos ouvintes atentos que se aglomeravam naquela praça.

Com um discurso capaz de salvaguardar elementos tradicionais da religião, além de aspectos da cultura do povo, Frei Damião começou a ser visto como um guardião do patrimônio religioso e cultural dos nordestinos. O que as pessoas adquiriram de seus antepassados é tido como valor e cultura, e defendem tais coisas com todas as suas forças. O povo não está disposto a renunciar facilmente à sua herança cultural, em benefício de outra cultura que se imponha, sobretudo, quando se trata de valores religiosos. Desde a colonização houve quem destruísse patrimônios culturais, na ingenuidade de estarem evangelizando ou corrigindo a fé ou a doutrina. Há quem ainda sofra muito com isso. E não foi muito diferente com a religiosidade popular, acusada, muitas vezes, simplesmente de fanatismo ou intolerância religiosa. Faz-se necessário, portanto, descobrir os valores positivos da religiosidade popular, suas reais aspirações, expectativas e ânsias (MATOS, 2011).

O povo nordestino sentiu-se ameaçado em suas expressões devocionais, em sua religiosidade. Muitas novidades foram sendo colocadas até mesmo sem explicação. Aquilo que até o momento parecia correto, de repente era condenado e excluído. As pessoas sentiam-se invadidas em sua religião e em sua cultura porque as inovações apresentavam-se fortes e poderosas. Faltou em muitos o bom senso e a sabedoria de aplicar as necessárias inovações conciliares com cautela e respeito à vida do povo (BOFF, 1997). Diante disso, Frei Damião passa a ser visto como aquele que está junto do povo e que valoriza sua religiosidade. As pessoas procuram no velho capuchinho a sua cultura, o seu símbolo, a sua bandeira. Ao refletir essa questão, Leonardo Boff afirma o seguinte:

Essa nova dicção do cristianismo se impôs, não sem certa coação, em toda a Igreja. Mas faltou uma pedagogia que a levasse ao povo. Este continuou com sua tradição. Sentiu-se órfão, desprezado e até perseguido. Encontrou, no entanto, em Frei Damião seu grande avalista. O que os pais passaram aos filhos é o que Frei Damião, em suas missões, sempre repetia. Ele representava a continuidade, o patrimônio cultural do povo. Seus milagres confirmavam a herança recebida. Ela continua válida, pensa o povo, até os dias de hoje. Não será a Igreja progressista que invalidará o que os sinais do homem de Deus asseguram (BOFF, 1997, p. 3).

É claro que a religiosidade popular precisa estar em comunhão e deixar-se renovar, em muitos aspectos, pelas inovações do Vaticano II. Mas, para isso, faz-se necessária uma pedagogia que respeite o patrimônio religioso e cultural do povo. Não se deve deixar essa gente na insegurança, diante das necessárias mudanças. O povo não pode perder sua identidade, tem que encontrar valores a serem acrescentados ou que renovem ou transformem as suas práticas. É ignorância achar que o povo não quer crescer na fé. O problema está na forma como as coisas são transmitidas. Frei Damião foi sempre querido e acolhido pelas pessoas porque lhes demonstrava respeito; mesmo seus discursos tidos como duros não iam de contra às riquezas religiosas e culturais que o povo buscava conservar. E até mesmo, quando combatia o pecado, agia desse modo. Refletindo sobre isso, Gianfranco Lazzari conclui: “Apesar da inegável severidade no condenar os pecados, possuía o dom de tocar os corações de modo que os pecadores se arrependessem, buscando a mudança de vida” (LAZZARI, 2002, p. 54).

Diante do exposto, as conferências de Puebla (1979), Santo Domingo (1992) e Aparecida (2007) concluíram que a renovação conciliar deve chegar à religião do povo sim, e que esse tenha direito a se apropriar dos benefícios de uma nova cosmovisão e da fé codificada a partir dela, contanto que se leve em conta a herança advinda das matrizes religiosas, bem como da religiosidade e da cultura popular.

Quando Frei Damião chegava às cidades e povoados do Nordeste, muitas pessoas sentiam qualquer coisa de extraordinário nesse homem de Deus. Ele possuía um carisma raro de atrair multidões, sem mesmo ter os modernos meios de comunicação social. Algo atraía e fascinava as pessoas. Não era seu porte físico nem tampouco sua oratória ou eloquência. Era alguma coisa que nele Deus revelava aos pequeninos, mais que aos sábios e doutores. Nesse sentido, Câmara Cascudo diz poeticamente:

Vereis Frei Damião de Bozzano, *in solo Deo operandum*, ressuscitar os sabedores da estrada secreta para o domínio do imenso coração do povo. Frei Damião percute seus olhos castanhos nas almas e não nos corpos. Identifica, sorrindo, o rabo de Satanás e a asa do anjo. Às

vezes, no mesmo penitente freme uma brasa do inferno e perpassa um aroma do paraíso (CASCUDO, apud SILVA, 1977a, p. 18).



Frei Damião em São Miguel-RN

Acima se vê Frei Damião sendo colocado por populares em cima de um veículo para dar início a uma carreata pelas ruas de uma cidade do interior potiguar.

Com o exposto, é possível concluir que Frei Damião levava e trazia Deus aos homens. É a procura de homens assim que o povo anda. Nisso, ele tornou-se um referencial para o povo nordestino.

As inovações conciliares trouxeram grandes bens à Igreja, mas, quem sabe, as mudanças puderam ser implementadas justamente porque a base estava firme. E a formação e solidificação dessa base devem-se aos missionários que, desde a colonização, evangelizaram o Brasil, chegando até Frei Damião. É fato, por exemplo, que Frei Damião, sozinho, arrastava mais gente que muitas visitas pastorais e outras iniciativas paroquiais. E, por isso, os párocos o chamavam. E qual a explicação para isso? Por que ele atraía tanta gente? Por causa de seu testemunho de vida e santidade; sua coerência entre o dizer e o fazer. No dizer de Eduardo Hoornaert,

[ele] era uma pessoa sem farisaísmo. O que ele dizia vinha de sua convicção, não era imposto por conveniências, sejam elas políticas ou eclesiais. Dizia o que tinha a dizer, não ouvia opinião nem agradava a quem lhe solicitasse um favor (HOORNAERT, 1997, p. 671).

Dessa forma, vemos que o povo observa muito essas coisas porque é sedento de referenciais. É por isso que Frei Damião se tornou para o povo nordestino um referencial da fé cristã católica.

Por ocasião do cinquentenário de sua ordenação sacerdotal, o Ministro Geral dos Capuchinhos, Frei Pasquale Rywalsky¹⁷, enviou-lhe uma carta, na qual exalta a sua dedicação missionária, de forma a destacar-se dentro da sua Ordem religiosa:

¹⁷ Foi Ministro geral dos Capuchinhos entre os anos de 1970 a 1982.

O senhor desenvolveu ininterrupta obra de evangelização, como se convém a um autêntico missionário. Dos primeiros anos de sua permanência no Brasil até hoje, o senhor desenvolveu uma atividade ministerial verdadeiramente extraordinária [...]. A grandíssima estima e veneração que goza entre os seus confrades, e também do povo e das autoridades civis e religiosas, a fazemos nossa e somos verdadeiramente orgulhosos que na nossa Ordem ainda existam figuras e personalidades autenticamente evangélicas e capuchinhas (RYWALSKY, 1973).

Esse frade despojado, estatura baixa, barba grande, sandália nos pés, revestido do burel franciscano, tornou-se o missionário mais famoso do Nordeste no século XX. Todos o viam como um enviado de Deus, um andarilho divino a percorrer as estradas nordestinas, do litoral ao sertão. Frei Damião abriu as “portas da salvação” para muitas pessoas. Foi conselheiro, amigo e padrinho de muita gente; curou as feridas de muitos com o bálsamo da misericórdia divina no sacramento da reconciliação. Quem se aproximava dele se sentia confortado e animado a carregar a cruz cotidiana.

Quem teria a ousadia de duvidar de sua fé ou de sua ortodoxia? Sua retidão vertical, seu radicalismo evangélico-missionário pareceram contrariar o ritmo das mudanças, mas ele continuou firme em seu propósito apostólico. É o que ele mesmo afirmou durante seu discurso por ocasião da recepção do título de Cidadão de Pernambuco: “A idade pintou-me os cabelos e avergou-me a cabeça, não me conseguiu ela quebrantar o ânimo em lutar em prol do Reino de Deus na minha terra e no meio da minha gente” (cf.: CIRANO; ALMEIDA, 1977, p. 39). Com a mesma disposição, se colocou durante o discurso pronunciado por ocasião da recepção do título de cidadão paraibano:

Tende certeza que no coração do vosso irmão missionário, pequeno, humilde e pobre, há uma grandeza imensa de generosidade e de amor, capaz de poder repartir convosco uma porção do seu sacrifício, uma parcela do seu afeto, um pedaço do seu amor fraterno (MEDEIROS, 1975, p. 10).

O legado deixado por Frei Damião é uma herança que permanece. Sua memória, seus feitos e ensinamentos têm sido repassados às novas gerações. Seu testemunho de vida e santidade continua sendo uma referência para muitas pessoas. E quando a Igreja do Nordeste tem falado sobre uma nova evangelização, sempre recorda a sua figura, não para copiar seu programa ou estilo missionário, mas tendo-o como modelo de abnegado e dedicado evangelizador.

Para muitos, o testemunho de vida e missionariedade do capuchinho deve ser imitado, e é uma fonte de inspiração para todos aqueles que se dispõem a anunciar o Evangelho nos dias atuais. É como disse Dom Luciano Pedro Mendes de Almeida¹⁸ ao jornalista Gildson Oliveira: “Espero que ele seja o primeiro de muitos outros sacerdotes a incentivar a juventude a seguir o seu exemplo de pregar a Palavra de Deus nas cidades e aldeias” (ALMEIDA, apud OLIVEIRA, 1997, p. 91).

1.3 Frei Damião frente à Instituição

Como bom filho de São Francisco de Assis, Frei Damião sempre foi obediente à Igreja e buscou pautar sua ação missionária de acordo com as Sagradas Escrituras e o Magistério. Tratando sobre isso, o Cardeal Eugênio Sales afirma: “Manteve sempre uma total fidelidade ao Papa. Viveu a simplicidade de São Francisco, o pai fundador de sua Ordem religiosa” (SALES, 1997, p. 29). Mesmo quando foi proibido de ir a alguma diocese¹⁹, obedeceu plenamente a Regra dos Frades Menores, ditada por São Francisco, que diz: “Não preguem os irmãos na diocese de algum bispo, quando este lhes tiver proibido” (Regra bulada, Cap. IX, 2). Tais proibições se deram apenas no âmbito pastoral porque algumas dioceses acharam que o modelo de missão dele já não convinha com o novo projeto de pastoral diocesano elaborado à luz do Concílio Vaticano II (SOUSA NETO, 2011, p. 36). Esse, marcadamente pastoral e ecumênico, apontou mudanças e atualização por parte de toda a Igreja. Frei Damião também teria de atualizar-se, mas não conseguiu. A faina missionária constante tirava-lhe o tempo porque, mesmo com as inovações conciliares, vários bispos e padres continuavam a chamá-lo para pregar missões, uma após outra.

Possuidor de grande senso de comunhão eclesial, Frei Damião jamais desobedeceu as orientações das Igrejas locais. Nunca desobedeceu aos pastores e, onde não lhe foi permitido ir, não foi. O Cardeal Eugênio Sales afirma:

Quando julgado de maneira impiedosa, calava-se. Como bispo, em Natal, chamei-o para conversar sobre o tema de alguns de seus sermões. Humildemente explicou seu procedimento (SALES, 1997, p. 9).

¹⁸ Na ocasião da declaração era bispo de Mariana-MG, cargo que assumiu entre os anos de 1988 a 2006.

¹⁹ Frei Damião foi proibido de pregar em algumas dioceses porque se dizia que seu modelo de missão já não condizia com as propostas do Vaticano II. Assim sendo, alguns bispos solicitaram a Frei Damião que não fizesse missões em seus territórios.

Em entrevista ao jornalista Ronildo Maia Leite, em 1972, quando perguntado como respondia às proibições dos bispos, Frei Damião afirmou:

Quem manda na casa é o dono da casa, e o bispo manda na sua diocese. Sou muito obediente. E quero que o povo obedeça ao seu bispo. Nunca falei, nunca me levantei contra as ordens de qualquer bispo. Eles são os sucessores dos apóstolos. Então, vou para outro lugar e falo, ensino o caminho do céu, como se deve amar o próximo como a si mesmo (LEITE, 1972, p. 64).

O capuchinho nunca desistiu de fazer o que achava correto e, onde lhe era permitido, continuou a realizar suas Santas Missões. Anunciava o Evangelho, como sempre fez, com os recursos que possuía; mais com a presença do que com palavras, mais com a vida do que com projetos pastorais e engajamento social. Os tempos mudaram, mas ele continuou o imbatível missionário de sempre, fiel ao ideal que o trouxera às terras brasileiras e ao estilo que o transformara no Santo das Missões. Tratando sobre essa questão, Dom José Maria Pires²⁰ declarou: “Eu vejo Frei Damião como um santo e o santo é de todos os tempos. O testemunho de vida dele fala a qualquer tempo” (PIRES, apud OLIVEIRA, 1997, p. 93). Na mesma perspectiva está a afirmação de Dom Heitor de Araújo Sales²¹:

O Evangelho é eterno. É a palavra de Jesus que é Deus. Mais avançado ou menos avançado, são critérios sociológicos. Não são critérios evangélicos. Frei Damião é um mensageiro do Evangelho (SALES, apud OLIVEIRA, 1997, p. 92).

O certo é que, apesar das divergências sobre conteúdo e forma, ninguém duvidava da sua doutrina ou questionava a sua reta intenção em fazer o bem, e até mesmo quem observava seu estilo missionário como retrógado e ultrapassado para os tempos modernos, reconhecia que se tratava de um homem santo (SOUSA NETO, 2011).

De acordo com as orientações conciliares, era preciso falar ao coração do povo, escutar as suas angústias e esperanças, aproximar-se das pessoas. Isso Frei Damião já cumpria há muito tempo. O seu modo de falar ao povo era não só cordial e familiar, mas também simples e eficaz, porque dava sempre largo espaço aos exemplos e comparações, a partir da vida. Na verdade, essa foi a pedagogia de Jesus. E, nesse

²⁰ Na ocasião, já era arcebispo emérito da Paraíba. Ficou no cargo entre os anos de 1965 a 1995.

²¹ Arcebispo de Natal-RN no período de 1993 a 2003.

sentido, o discurso torna-se atual. Refletindo sobre isso, Dom Luciano Mendes de Almeida²² dizia discordar que a pregação de Frei Damião fosse ultrapassada,

porque a mensagem era de amor a Deus e ao próximo, sempre verdadeira e válida, que devemos ouvir com muita coragem e humildade, tentando imitá-lo. A mensagem de Frei Damião vem do fundo do coração. Ele é um homem de Deus que passa a vida fazendo o bem (ALMEIDA, apud OLIVEIRA, 1997, p. 91).

Frei Damião não era alguém alheio à realidade socioeclesial e demonstrava preocupação em estar em sintonia com o Concílio, chegando mesmo a revelar tal preocupação numa carta dirigida ao seu superior: “Vou passar a minha convalescença em Caruaru. Aproveitarei o tempo para atualizar-me um pouco em conformidade com o Vaticano II” (FREI DAMIÃO, 1968).

No que concerne à renovação litúrgica, promovida pelo Vaticano II, Frei Damião não teve nenhum problema de adaptação. Ao contrário, a celebração eucarística, por exemplo, realizada em língua vernácula e com paramentos mais adequados à realidade, o aproximou mais ainda do povo. Em relação ao sacramento da confissão, não houve nenhuma novidade. Mesmo antes do Concílio, ele já costumava atender aos penitentes fora do tradicional confessionário; preferia um local reservado, mas que pudesse estar diante da pessoa, olhar em seus olhos, sentir-se e fazer-se próximo.

Frei Damião tornou-se, por outro lado, figura de resistência a uma mudança reformista atropelada. Fazia-se necessária uma reforma a partir das orientações do Concílio, mas a pressa, entre outros fatores, podia não colaborar em diversos aspectos e setores. Ao tratar disso, Eduardo Hoornaert recorda que Frei Damião estabelecia pontes entre o tradicional e o novo e tornou-se negociador de uma modernidade respeitosa. “Sua sisudez era pedagógica. Vivendo entre a ludicidade ancestral e a sisudez do frade, o povo tinha condições de não mergulhar na modernidade de cabeça para baixo. O frei oferecia um momento de reflexão e ponderação” (cf.: HOORNAERT, 1997, p. 673).

É importante refletir que, diante de inovações e transformações, mesmo as necessárias como as que advieram com o Vaticano II, importa agarrar-se ao essencial. Tudo deve estar baseado e partir do essencial. E, nesse caso, isso só pode ser assumido, conservado e servir de base se houver fé. Foi essa fé que Frei Damião conseguiu transmitir ao povo. Nas missões, muitas pessoas sentiam-se confirmadas em suas

²² Arcebispo de Mariana-MG, no período de 1988 a 2006.

convicções religiosas. Eram momentos fortes para alimentar a espiritualidade, especialmente pela escuta da Palavra de Deus e da participação nos sacramentos.

Discorrendo sobre esse assunto, Dom José Adelino Dantas²³, na apresentação do livro do jornalista José Luiz Silva, entra numa certa defesa do capuchinho e declara o seguinte:

Frei Damião é um pregador autêntico, e é do tesouro da Revelação que tira o velho e o novo, conservando-o, atualizando-o. Está chegando à extrema velhice, sem ter caído na tentação de trocar o Evangelho pela Sociologia, e a palavra que anuncia é a Palavra de Deus, cimentada na fé e não em ideologias flutuantes. Ele ainda acredita que a Igreja civiliza evangelizando e humaniza o homem, incorporando-o de alma e corpo à fraternidade universal, na Cidade de Deus e dos homens. Essa é, no fundo, a mensagem do grande missionário, e ele sabe que é dessa mensagem que o povo anda faminto. É sob esse ângulo que se equilibra sua linha missionária, não resvalando num horizontalismo leviano e perigoso, tantas vezes condenado por Paulo VI, dissociado do homem e alienado da realidade humana (DANTAS, apud SILVA, 1977, p. 23).

Uma situação, que ficou bastante conhecida, aconteceu na Diocese de Guarabira, na Paraíba, onde se veiculou a informação de que o bispo teria proibido Frei Damião de pregar missões em seu território. Numa carta enviada ao missionário, Dom Marcelo Pinto Carvalheira²⁴, esclarece o ocorrido, demonstrando afeição e respeito ao capuchinho bem como expressando o desejo de vê-lo colaborando com os esforços pastorais que vinham sendo feitos em sua diocese. Seguem alguns excertos da missiva.

Mui reverendo e dileto em Cristo, Frei Damião. A minha intenção é por fim a uma incompreensão criada entre a pastoral da Diocese de Guarabira, representada na pessoa do seu bispo, e as missões dirigidas por Vossa Reverência. Saiba, Vossa Reverência, que eu, o mais pequenino bispo da Igreja, não tenho nenhum preconceito contra sua pessoa. Ao contrário, o admiro, o venero e sei do bem que se pode fazer ao povo através da sua ação de missionário. Há, porém, equívocos que precisam ser esclarecidos e são utilizados por alguns de maneira distorcida. Dizem haver uma condenação do seu trabalho de missionário em um relatório-revisão elaborado por agentes de pastoral desta diocese, com visto meu. Ora, isso não é exato. Dizem ser vetada por nós sua vinda aqui. Isto não é inteiramente verdade. Desejamos que Vossa Reverência venha, porém, pelas mãos dos vigários e da Pastoral da nossa Diocese. Dizem para confundir o povo, que a Igreja de Frei Damião é diferente da Igreja de Hoje. Ora a Igreja é a mesma com as diferenças acidentais que vêm com as mudanças dos tempos. Estou certo, Frei Damião, que Vossa Reverência me entendeu e que ainda teremos a alegria de vê-lo em nossa diocese, ajudando ao nosso

²³ Bispo emérito de Ruy Barbosa-BA.

²⁴ Foi bispo de Guarabira-PB entre os anos de 1981 a 1995.

povo, em harmonia com o grande esforço pastoral, que aqui realizamos, ajudados com a graça divina (CARVALHEIRA, 1983).

Situações, como essa acima descrita, aconteceram em outros lugares. Muitos o consideravam um santo pelo testemunho de sua vida dedicada à Palavra de Deus. Outros faziam restrições ao seu discurso. Dom Francisco Austregésilo de Mesquita Filho²⁵ dizia que as pregações do capuchinho eram ultrapassadas, refletindo uma realidade de mais de meio século atrás. Para ele, a doutrina da Igreja Católica pode ser a mesma, mas a linguagem e os costumes mudaram, devendo o sermão adaptar-se aos novos tempos. A seu ver essa é a única coisa que faltava em Frei Damião, porque é um homem bom, piedoso, sério e virtuoso (cf.: OLIVEIRA, 1997, p. 85).

Gildson Oliveira refere que outro que desaconselhava o frade, já na sua velhice, a continuar com suas peregrinações, era o Cardeal Dom Aloísio Lorscheider²⁶, sugerindo que fosse descansar, devido à sua avançada idade. Ele chegou a declarar que as propaladas “curas” não passavam de efeitos da parapsicologia. Isso serviu para dividir as opiniões: de um lado, o chamado “clero tradicional”, apoiando Frei Damião e suas pregações; de outro, a “ala moderna”, fazendo restrições, mas ao mesmo tempo reconhecendo suas virtudes (cf.: OLIVEIRA, 1997, p. 85).

Durante as Santas Missões, algumas vezes, foram constatados também episódios que refletiam certa intolerância religiosa, fruto das pregações da época. Houve quem o acusasse de fanatizador e de realizar uma campanha antiprotestante. Num recente estudo sobre o assunto, Erika Helgen, afirma que Frei Damião foi proibido de pregar missões em algumas dioceses, acusado de fanatizar o povo, mas que isso não diminuiu sua fama de santo entre as pessoas.

Sin embargo, para esas fechas el status santo de Frei Damião estaba bien asentado y las prohibiciones causaron considerable controversia y escándalo, com muchos católicos prominentes, incluyendo a políticos, denunciando las decisiones como injustas y difamatorias. De modo más importante, estas prohibiciones hicieron bien poco para disminuir el apoyo popular por Frei Damião, cuya fama e identidad solamente crecería más y más em los años venideros. Eventualmente las prohibiciones fueron eliminadas y Frei Damião continuó su labor misionero hasta su muerte em 1997 (MOURA; MARROQUIM; HELGEN, 2020, p. 118)²⁷.

²⁵ Foi bispo de Afogados da Ingazeira-PE no período de 1961 a 2001.

²⁶ Arcebispo de Fortaleza-CE entre os anos de 1973 a 1995.

²⁷ No entanto, nessa altura o status de santo de Frei Damião estava bem estabelecido e as proibições causaram considerável controversia e escândalo, com muitos católicos proeminentes, incluindo políticos, denunciando as decisões como injustas e difamatorias. De modo mais importante, essas proibições fizeram bem pouco para diminuir o apoio popular a Frei Damião, cuja fama e identidade milagrosa só

Como Frei Damião sentiu e viveu todas essas incompreensões e críticas?

É importante perceber que o missionário enfrentou tudo isso num espírito de fé. E essa fé que Frei Damião conseguiu transmitir e confirmar é a mesma presente no Concílio de Jerusalém com a presença dos apóstolos, em tantos outros concílios ao longo dos séculos, chegando a Trento e, por fim, ao Vaticano II, com suas iniciativas frente às novas exigências do mundo moderno e suas realidades. Os novos métodos de aproximação, a reformulação litúrgica, a descentralização do poder, entre outras resoluções, só têm sentido quando refletem a busca da santidade. Esse é o objetivo da Igreja: salvar almas, gerar santos. Todo o esforço do Concílio foi nesse sentido.

Referindo-se a essa temática, o bispo emérito de Ruy Barbosa-BA, Dom José Adelino Dantas, faz uma reflexão crítica:

Não é desprezando nem boicotando as devoções populares, as procissões, as promessas, romarias e votos; não é impingindo critérios pastorais absurdos e arbitrários, sem nenhuma consulta ao povo; não é fechando as portas das dioceses e de paróquias a um homem de Deus, como é Frei Damião; não é nem será assim que se haja de construir, no Nordeste, uma Igreja visualizada por João XXIII (DANTAS apud SILVA, 1977, p. 22).

Quanto a essas questões, advindas do Vaticano II, Leonardo Boff afirma que:

Essa nova dicção do cristianismo se impôs, não sem certa coação, em toda a Igreja. Mas faltou uma pedagogia que a levasse ao povo. Este continuou com sua tradição. Sentiu-se órfão, desprezado e até perseguido. Encontrou, no entanto, em Frei Damião seu grande avalista (BOFF, 1997, p. 3).

É por isso que, para o povo, Frei Damião continuou atual. Na sua sabedoria e lucidez, as pessoas conseguiram perceber que sem fé não adiantam as inovações. Assim sendo, o frade é para essa gente aquele que a ajudou a não perder a fé diante das dificuldades e desafios, ao contrário, ajudou a renová-la e perseverar nela.

Os tempos mudaram, contudo Frei Damião permaneceu imbatível, numa fidelidade ao ideal que o trouxera às terras nordestinas e ao estilo missionário herdado dos antigos capuchinhos, e que o transformara no “Santo das Missões” (cf.: OLIVEIRA, 1997). Considerando-se em “fim de carreira” e velho demais para acompanhar tantas inovações, ele optou por seguir seus compromissos, numa agenda lotada em que havia missões sempre marcadas para dois anos seguintes. E era acolhido por bispos e padres, que compreendiam que a sua pessoa já era em si um grande elemento de evangelização,

creceriam mais e mais nos anos seguintes. Eventualmente as proibições foram eliminadas e Frei Damião continuou seu trabalho missionário até sua morte em 1997 [tradução nossa].

além da sua disponibilidade em administrar os sacramentos, de modo particular, a reconciliação. Seus sermões mostravam o “caminho do céu”, e sua palavra continuava válida e provocadora, pois refletia o Evangelho e os ensinamentos da Igreja. Na verdade, apesar das divergências sobre conteúdo e forma, não havia dúvidas em relação à sua reta intenção de fazer o bem, dentro da obediência à Igreja e atendendo aos apelos do Evangelho. Também não se duvidava que se tratasse de um homem santo, como afirma Leonardo Boff:

[...] Frei Damião terá ingressado definitivamente no inconsciente coletivo do povo religioso, como um arquétipo do amor incondicional aos humildes e, para além de qualquer metafísica, como um símbolo vivo de santidade e da grande tradição (BOFF, 1997, p. 3).

1.4 Frei Damião e as pessoas

Durante as seis décadas de missão no Nordeste, Frei Damião pôde se encontrar com muitas pessoas, tanto pobres quanto abastadas. Todos eram destinatários de suas Santas Missões, do litoral ao sertão.

Frei Damião não era alheio à realidade, ao contrário, observava com atenção a situação de sofrimento das pessoas que participavam de suas Santas Missões. Dedicado a escutar as pessoas, não somente em confissões de pecados, mas atento à partilha de suas dores e alegrias, o povo o tomou como “padrinho”. Muitos ainda hoje o chamam de “Padrinho Frei Damião”, recordando, assim, a esteira de tantos outros conselheiros do Nordeste, basta pensar em Antônio Conselheiro (1830-1897), Padre Cícero Romão Batista (1844-1934) e Frei Caetano de Messina (1807-1878) (cf.: CRUZ, 2010). A verdade é que a palavra proferida pelo frade tinha grande influência na vida do povo. Essa reflexão está em concordância com aquilo que afirma Eduardo Hoornaert:

Ele foi durante mais de meio século o grande conselheiro daquela parte do Nordeste que se situa no norte do Rio São Francisco; na parte sul sua influência era bem menor. Era o homem santo do cristianismo nordestino, na linha do padre Ibiapina, Antônio Conselheiro, Padre Cícero (HOORNAERT, 1997, p. 670).

É interessante que a figura de Frei Damião converteu-se em símbolo do pregador autêntico que sabe tirar o velho e o novo do tesouro da Revelação, conservando e atualizando aquilo que é essencial para a vida de fé. Na sua simplicidade, o povo via nele um genuíno anunciador da Palavra de Deus, cimentada na fé e não em ideologias

flutuantes. Pregava o Evangelho de Jesus Cristo e clamava pela observância da disciplina. Aí parece estar a raiz do fenômeno Frei Damião que atraía e continua atraindo tantas pessoas.

Ele tinha uma pregação dura contra quem levava uma vida imoral e não se dispunha à conversão. Era duro, mas não áspero, e queria que as pessoas mudassem de comportamento e mentalidade, saindo do caminho da perdição. Parecia imbuído de algo como a doutrina da Didaqué²⁸, que apresenta os dois caminhos: um que leva à perdição e outro que leva à salvação. Até mesmo um dos mais famosos hinos cantados em suas missões, e que é da tradição capuchinha, reflete essa questão:

Vinde pais e vinde mães, vinde todos à missão, para cuidar, como cristãos, de alcançar a salvação. Ovelhinha desgarrada, nas vagas da solidão, volta, volta, mas não sigas as vias da perdição (FRADES CAPUCHINHOS, 1941, p. 48).

E nessa esteira da grande tradição da Igreja, os sermões de Frei Damião ficaram na memória histórica e na vida do povo por ele evangelizado.

No que se refere a esse quesito da pregação de Frei Damião, Riolando Azzi, numa entrevista concedida ao Jornal Igreja Nova, durante o Seminário Nacional do CEHILA, em Recife, no ano de 1997, respondendo a um questionamento onde se situa a figura do frade entre o catolicismo e o popular, assim se expressou:

Eu acho que há um certo paralelismo entre a figura do Frei Damião e a figura do padre Cícero. Na verdade os dois são filhos de uma igreja letrada e de um mesmo ambiente de sociedade, mas souberam, de alguma forma, ir ao campo, procurar a aproximação do povo. Eu tenho a impressão que quando o povo ouvia o Frei Damião não era tanto a doutrina que ele transmitia, mas era sentir que ele, como padre, estava junto com ele. Muitas vezes, penso eu, quando ele falava para grandes multidões, muita gente não escutava o que ele estava dizendo. E quando o entrevistador insiste perguntando se adiantava falar sem ser ouvido, o entrevistado afirma: Mas era exatamente aquela imagem, que eu diria, de Jesus que está junto com o povo, e que o povo sente que pode estar com Ele, abençoando. Isto é, aquilo que para nossa tradição religiosa sempre foi o fundamental. E ainda quando indagado sobre a vida que leva o nosso povo pobre, conclui: Uma vida que normalmente é de sofrimento, então é esperar este conforto do sacerdote, uma ponte bem interessante. Uma pessoa que vem do mundo das hierarquias, vem da igreja oficial, isso é o caso do Pe. Cícero, e o caso de Frei Damião (JORNAL IGREJA HOJE, 1997, p. 3).

²⁸ É um catecismo cristão escrito entre 60 e 90 d.C., provavelmente na Palestina ou na Síria. Ao que parece, é fruto da reunião de diversas fontes orais e escritas e que bem retratam a tradição das primeiras comunidades cristãs. Isso explica porque algumas Igrejas chegaram a considerá-lo um escrito canônico. Apesar de ter sido redigido nos primórdios do Cristianismo, sua mensagem é válida para os dias de hoje.

Frei Damião “caiu nas graças do povo” porque, seguindo o pensamento paulino, se fez um com as gentes nordestinas. As pessoas sentiam-no próximo, como alguém de casa, tanto que, quando da sua morte, muitos colocaram um sinal de luto. Ele era autêntico e coerente com o que pregava. Alguém até podia discordar dele, mas não dizer que agia de forma incoerente. Sobre isso, Dom Ceslau Stanula²⁹, assevera: “Nas suas missões fala aquilo que vive. A autenticidade de vida e a sintonia com o que está pregando faz a multidão reconhecer nele o próprio Apóstolo de Jesus Cristo” (STANULA, apud, OLIVEIRA, 1997, p. 88).

Durante as missões, todos queriam ouvi-lo e tocá-lo. Muitas pessoas enfrentavam longas distâncias para estar na presença do missionário. Ele mesmo relata isso em carta dirigida à sua mãe:

São milhares e milhares de pessoas que assistem à pregação. Muitos fizeram vários quilômetros para vir. Para contar-vos uma, outro dia se apresentou uma velha de 80 anos que fez a pé 60 km para confessar-se comigo. Estas são coisas que acontecem frequentemente (cf.: FREI DAMIÃO, 1940).

A personalidade do famoso missionário do Nordeste era conhecida de todos. Às vezes impetuoso, mas nunca violento; incansável por amor às almas; se “chicoteava o pecado e o vício”, recebia sorridente e caridoso o pecador; quando falava, convencia; quando não falava, impunha respeito; inteligente e culto, porém falava de forma simples, contando histórias para se fazer entender. Tudo isso e muito mais fez com que Frei Damião passasse a ser profundamente admirado, respeitado e venerado por muitos.

Nas suas relações com o povo, Frei Damião demonstrava afeição e solidariedade com os sofredores. Isso, as pessoas o afirmam verbalmente, mas também pode ser comprovado em seus escritos. Para ilustrar, segue o trecho de uma carta enviada à senhora Josefa Bezerra de Figueirôa, da cidade de Vertentes, em Pernambuco, animando-a e encorajando-a, diante da situação de um filho:

Prezada senhora, compreendo a sua angústia, mas não desanime. Continue sempre a rezar pela conversão de seu filho. Santa Mônica rezou e chorou 18 anos e a sua fé e perseverança fizeram com que Agostinho se tornasse um bispo, um doutor da Igreja e um santo. E assim também a senhora, rezando com fé e perseverança, alcançará a graça almejada (cf.: FREI DAMIÃO, 1972).

Em suas andanças pelo Nordeste, Frei Damião observava a situação de sofrimento das pessoas e desejou realizar uma obra social em Caruaru, Pernambuco,

²⁹ Bispo de Floresta-PE entre os anos de 1989 e 1997.

para ajudar crianças pobres, que não tinham condições de estudar. Assim, juntamente com Frei André d'Alpe (1904-1992), também italiano, colocou em prática seu intento, fazendo surgir um educandário totalmente gratuito para meninos carentes. Uma anotação do Livro de Tombo do Convento de Caruaru retrata esse feito:

Por iniciativa do Delegado Provincial, Frei André d'Alpe, e por um ardentíssimo desejo de Frei Damiano de Bozzano, na primeira quinzena deste mês, iniciaram-se os trabalhos de reforma, ou melhor, adaptação duma parte do convento. A finalidade dessa reforma é para ter dependências suficientes para um educandário gratuito. Serão recebidos meninos inteiramente grátis. Receberão uma educação social e cristã para que sejam no futuro, cidadãos úteis à religião católica e à pátria brasileira (LIVRO DE CRÔNICA, 1968, p. 52).

Ainda no mesmo Livro de Tombo é possível acompanhar o progresso do projeto e o esforço de Frei Damiano em suprir as necessidades do educandário, através das doações recebidas nas Santas Missões. E isso se deu durante todo o tempo de existência da obra, que durou desde a fundação em 1968 até o final da década de 1970. Nesse sentido, eis algumas anotações curiosas:

Chegou o Frei Fernando de Massa, trouxe feijão e açúcar para os meninos... Chegou Frei Fernando de Massa que trouxe três sacos de arroz para os meninos... Esteve aqui Frei Fernando trazendo 5 sacos de feijão para os meninos do educandário, arranjados nas santas missões... Chegou o missionário Pe. Frei Fernando que trouxe cousas para os meninos... Chegou Frei Fernando e Frei André – Frei Fernando trouxe 10 sacos de feijão para os meninos... Os rapazes foram cada um para suas casas de férias... Chegou Frei Fernando trazendo para o educandário umas 100 galinhas – trouxe da cidade de Buíque. Frei Tito foi buscar outras que já estavam dadas pelo povo, ao todo 175 cabeças (LIVRO DE CRÔNICA, 1968-1973, p. 54-63).

Dificuldades de manutenção da obra fizeram com que o educandário encerrasse as suas atividades. Mas muitos frutos foram colhidos desde sua fundação: crianças que concluíram seus estudos e o surgimento de vocações para os capuchinhos. Contudo a assistência às crianças carentes não se deu por finalizada, continuou com as chamadas Escolas Reunidas do Convento que, posteriormente, se transformou no Colégio Dom Vital, hoje alugado ao Estado (REVISTA FREI DAMIÃO, 2012, p. 30).

Foi-se o homem, mas permanece o espírito. Em homenagem a Frei Damiano e sua preocupação com o povo sofrido do Nordeste, os capuchinhos fundaram em 2007 o Projeto Cultural Frei Damiano, que atende crianças carentes do bairro do Pina, em Recife, com oficinas de teatro, música, artes plásticas e catequese. O projeto conta com a colaboração de voluntários, dentre os quais, psicólogo e assistente social. Da mesma

forma, foi fundado o Centro de Assistência Social Frei Damião, que conta com ambulatório e consultórios, numa estrutura física que atende cerca de cem pessoas, semanalmente, com profissionais voluntários, que oferecem diversas especialidades médicas (REVISTA FREI DAMIÃO, 2012, p. 31).

Frei Damião tornou-se um ícone, não somente religioso, mas, também, cultural. É por isso que está representado nas diversas manifestações artísticas tradicionais ou modernas: na literatura de cordel, nos versos improvisados dos violeiros, na música, na poesia, no maracatu, nas artes plásticas (cf.: SOUSA NETO, 2011). Tudo isso mostra a sua importância, particularmente dentro do imaginário popular nordestino.

Na verdade, Frei Damião é uma figura que perpassa e gera devoção em pessoas de todas as classes sociais. Do pobre que sofre com as agruras da seca nos rincões nordestinos a fazendeiros; de analfabetos a políticos, muitos o admiram e veneram por sua dedicação à evangelização e por sua coerência de vida. Os artistas são um grande exemplo disso: cordelistas, músicos, repentistas, humoristas, artistas plásticos entre outros gostam de tê-lo em suas obras (SOUSA NETO, 2011).

Durante os 66 anos de missão no Brasil, Frei Damião teve a oportunidade de encontrar diversos tipos de pessoas e relacionava-se com todos, igualmente. Era o missionário que palmilhava as terras do sertão, mas não recusava entrar nos palácios. Tinha grande respeito por todos, sem exceção. Por ser uma figura acessível e de acolhimento a todos, teve sua imagem, várias vezes, ligada à exploração política. Muitos se aproximavam dele com fins eleitoreiros, a fim de serem vistos ao seu lado pelo povo. Ele, enquanto pôde, reprimiu e não autorizou tais atitudes. Para comprovar isso, eis um pronunciamento seu, publicado em jornal:

Eu não tenho partido, e quando algum político pergunta quem vai vencer, respondo que vencerá aquele que obtiver o maior número de votos. Soube que em Palmeira dos Índios um candidato fez um postal com meu retrato para utilizar como sua propaganda, e saibam que eu não dei minha autorização para isso (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1976).

Dias depois, ele enviou outra nota, publicada no mesmo jornal, dizendo:

Aproximando-se as eleições em muitas cidades do Nordeste, alguns políticos querem explorar meu nome e a popularidade de que gozo, para induzir os inesclarecidos a votar em fulano ou sicrano. Eu não tenho partido, vença quem conseguir mais votos (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1976a).

Na verdade, por sua popularidade em toda a região do Nordeste, e sendo essa figura acessível a todos, Frei Damião foi vítima de políticos que se aproximavam dele com segundas intenções. Visto ao lado dessas figuras, o povo associava isso a um presumível apoio do frade a elas. Quanto a isso, José Carlos da Silva reflete o seguinte:

Frei Damião tem sido vítima fácil de políticos e ricos que se servem da popularidade do bom velhinho para granjear apoio popular como infelizmente temos visto. Será que ele tem consciência do peso dessas atitudes? Creio que ele não quer fazer acepção de pessoas e, se acolhe com tanto carinho e disponibilidade aos pobres, não se sente bem em rejeitar os ricos. De qualquer modo, não soa bem tal ‘serviço’! Difícil certamente para Frei Damião evitá-lo (SILVA, 1977, p. 19).

Frei Damião não se envolveu diretamente nas situações políticas do país. Embora preocupado com as carências do povo, não teve uma militância em torno de causas populares. Seu foco era outro: a catequese das pessoas, a administração dos sacramentos. Mas é claro que essa atitude de não comprometer-se diretamente com tais causas representa também uma estratégia missionária.

Tanto nessas questões ligadas à política quanto em outras controvérsias envolvendo Frei Damião, de modo especial, quando ele já estava na idade avançada, muitas vezes, estava a figura de Frei Fernando Rossi. Assim aconteceu na campanha presidencial que elegeu Fernando Collor³⁰ para a presidência em 1989. Frei Damião já estava com noventa anos e não tinha mais forças suficientes para administrar sua própria vida, pois tudo era organizado por seu companheiro de missões, Frei Fernando Rossi, contra quem – como disse – depõem muitas atitudes desse tipo. Tratando do assunto, Reginaldo Veloso afirma: “é ridícula e vergonhosa a utilização da religião e da ingenuidade de um ancião por um político esperto, que tem enganado a boa fé da maioria dos brasileiros” (VELOSO, apud SOUTO MAIOR, 1998, p. 33).

Frei Fernando Rossi chegou até mesmo a sofrer acusações e suspeitas de se aproveitar daquele de quem era companheiro de missões. Mario Maragon, ao tratar dessa questão, recorda uma matéria publicada no *Jornal do Commercio* no ano de 1996, que diz o seguinte:

A imagem de Frei Damião está sendo utilizada em cartazes e gravações de campanha do candidato a prefeito de Missão Velha-CE. Na cidade circula a notícia de que Frei Fernando teria ganhado 20 mil reais para colocar o frade junto ao candidato (cf.: MARAGON, 2006, p. 121).

³⁰ Foi presidente do Brasil entre os anos de 1990 a 1992.

Quando fala do companheiro de missões de Frei Damião, Leonides Caraciolo traz à tona duas acusações:

[Frei Fernando] também não gostava quando diziam que ele comercializava nas missões. Alguns romeiros acusaram, pela imprensa, Frei Fernando, de cobrar uma taxa de visitação ao convento onde está sepultado Frei Damião. Ele se defendia dizendo que era para cobrir as despesas de conservação das instalações (CARACIOLO, 2009, p. 156).

O interessante é que mesmo tendo passado por tantas situações adversas, inclusive diante dessas polêmicas envolvendo seu companheiro, Frei Damião continuou querido por muitas pessoas. Refletindo sobre isso, Roberto Pompeu de Toledo tece alguns questionamentos:

Frei Damião era antiquado na forma e no conteúdo. Falava de diabo, de juízo final, e proibia as mulheres de usar calça comprida. Além do mais dava-se à companhia de pessoas como Fernando Collor. No entanto, reconheça-se, conseguia uma ligação direta com o povo sertanejo. Que linguagem tinha que outros não tem? Que mensagem está faltando, da parte dos outros, mais atualizados, qual o segredo de sua sintonia fina com os deserdados? (TOLEDO, 1997, p. 134).

Por ocasião do falecimento do frade, o pastor Elio Eugênio Müller, membro da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil e Capelão Militar, ao ser criticado por sua presença no velório de Frei Damião, assim se expressou:

Não me furto de dizer que sempre admirei Frei Damião. Podemos tirar grandes lições do seu exemplo de vida ministerial. Quando olho para o trabalho que ele realizou, concluo: - é pouco o que fiz pelo Evangelho, até aqui! O que fazemos é, sempre, insuficiente! Muito mais podemos fazer pelo Reino de Deus se nos convertermos sempre de novo a Nosso Senhor, pra realizarmos a sua vontade (cf.: MÜLLER, 1997, p. 1).

O espírita Humberto Vasconcelos, em entrevista a Gildson Oliveira, ao se referir a Frei Damião, afirma:

Não deixa de ser elogiável e belo o gesto do missionário, que levava intermináveis horas de trabalho apostólico nos confessionários. Valores como esse, sim, devem ser ressaltados, para que, mais do que admirado por seu rebanho, seja o capuchinho amado e respeitado até por quem esteja, como nós, fora desse rebanho (VASCONCELOS, apud OLIVEIRA, 1997, p. 97).

O pastor João Ferreira Santos, da Igreja Batista, também entrevistado por Gildson Oliveira, ao ser perguntado sobre Frei Damião, declarou:

O capuchinho foi um mensageiro, no sentido de ter sido escolhido pela Igreja como missionário e encarregado de cumprir o ministério da Palavra de Deus. O fato de sua mensagem simples e direta oferecer

respostas para os problemas das pessoas sofridas do Nordeste contribuiu para que essas mesmas pessoas reverenciassem como divina a figura de seu líder carismático (SANTOS, apud OLIVEIRA, 1997, p. 96).

Os últimos dias de vida, o funeral apoteótico e o sepultamento, que se tornaram eventos midiáticos, bem como as atuais romarias de Frei Damião, demonstram que a fé popular continua viva e eficaz (SOUSA NETO, 2011). Já antes do Concílio, ele havia feito uma “opção pelos pobres” que durou até o fim de sua existência terrena. Fez uma opção por um povo concreto e histórico, nem sempre tão pobre como se diz, até mesmo porque gente da elite também o procurava em suas carências. Tratando sobre esse assunto, as historiadoras Silvana Aguiar e Lêda Silva afirmam:

Entre o missionário e o povo se estabeleceu uma relação que, ultrapassando a esfera puramente eclesial/institucional, na crença não objetivada, chegava à esfera da sacralidade, como se o frade fosse uma manifestação do divino em meio ao povo (AGUIAR; SILVA, 2015, p. 460).

Um povo que acende velas, que faz promessas, acredita em milagres e cultiva uma carinhosa e terna devoção aos santos (AZZI, 1978). É essa mesma gente devota, que vê em Frei Damião um homem santo. Mas fica uma indagação: Quando é que vamos abandonar os clássicos chavões de superstição, ignorância, fanatismo e histeria tantas vezes aplicados à religiosidade popular em favor de conceituações mais dignas da grande maioria do povo brasileiro? (HOORNAERT, 1997).

A religiosidade popular carece de transformações e parece estar passando por elas. Embora seja preciso observar que práticas antigas estão sendo substituídas por novas expressões. Contudo, as devoções continuam sendo uma forte expressão da fé popular. A devoção a Frei Damião é exemplo disso. Dessa forma, a Igreja precisa observar e acompanhar tal movimento. E sendo necessária uma transformação, é preciso que ela conte com a participação do povo, para que esse sinta que suas raízes foram respeitadas, retomadas e enriquecidas.

Frei Damião faleceu com grande fama de santidade. Isso foi visivelmente constatado por ocasião de seu velório e sepultamento. Se antes o religioso já era considerado santo, após a sua morte foi verdadeiramente reverenciado por milhares de fiéis. Devotos vindos de várias cidades do Nordeste e personalidades ilustres participaram da cerimônia de despedida, que durou quatro dias e foi preparada pelos frades capuchinhos.



Velório de Frei Damião em Recife-PE

Na foto acima, observamos o caixão com os restos mortais do frade sendo retirado do Estádio do Arruda e transportado por religiosos, militares e o médico que o acompanhava nos últimos anos, sob os olhares entristecidos dos fiéis. Dali, o caixão seguiu de helicóptero até o convento São Félix de Cantalice, local do sepultamento.

Logo após a morte do capuchinho, as romarias se iniciaram com destino à sua tumba no convento São Félix de Cantalice, em Recife. O Diário de Pernambuco publicou uma matéria, veiculada no dia 06 de junho de 1997, revelando essa movimentação:

A romaria ao túmulo de Frei Damião foi iniciada ontem, logo que as portas do Convento São Félix de Cantalice, no Pina, foram abertas, às 6h, com a celebração de uma missa por Frei Fernando Rossi. As pessoas que compareceram à missa foram as primeiras a visitar a capela de Nossa Senhora das Graças, onde está enterrado Frei Damião... A maioria das pessoas que esteve no convento mora nas proximidades, enquanto o restante era de devotos vindos do interior e de outros estados para acompanhar os funerais e que voltava para casa (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1997b).

Com o passar do tempo, a devoção a Frei Damião tem sido crescente. A cada ano, o número de visitantes aumenta mais, demonstrando, assim, o apreço, o carinho e a devoção que o povo lhe tem. Desde a sua morte, anualmente, nos meses de maio (data de seu falecimento) e novembro (data de nascimento), em diversos lugares se organizam festas em homenagem a Frei Damião. Entre as mais significativas, estão: Recife, São Joaquim do Monte, Caruaru, Gravatá e Ouricuri, em Pernambuco; São Miguel, no Rio Grande do Norte e, Sousa, na Paraíba. Para esses lugares, acorrem milhares de pessoas a fim de participar das celebrações e fazer ou pagar suas promessas.

Nas próximas páginas, trataremos da gênese e do desenvolvimento da Matriz Religiosa Brasileira, procurando explicitar os elementos fundantes da religiosidade que impregna as diferentes manifestações culturais do povo brasileiro, em particular na região nordeste, campo da ação missionária de Frei Damião de Bozzano.

2. GÊNESE E DESENVOLVIMENTO DA MATRIZ RELIGIOSA BRASILEIRA

2.1 O desenvolvimento histórico-antropológico da Religiosidade Popular

Nas suas origens, bem como na sua formação e expansão, o cristianismo contou com uma colaboração singular da religiosidade popular³¹. A sensacional expansão do movimento cristão nos primeiros séculos é de causar grande impressão. Tradicionalmente, fala-se que as razões para esse sucesso teriam sido o martírio, a santidade, os milagres e a evangelização. Mas o segredo de tão rápida expansão parece ter contado, também, e até com certo relevo, com a religiosidade do povo, embora isso não seja abordado como deveria pelos estudiosos.

No entendimento de Eduardo Hoornaert, os escritos sobre as origens do cristianismo não mostram interesse pelo assunto porque os intelectuais, até mesmo escritores cristãos da época, não se interessam pelo que se passa no meio do povo comum e anônimo. Tem-se a impressão que a história é feita pelas classes dirigentes. Mas estudos arqueológicos em lugares onde viviam os primeiros cristãos trazem diversas informações acerca da religião do povo. Na área compreendida como Pan-mediterrâneo, por exemplo, as figuras dos deuses Asclépio e Ísis foram substituídas pelo culto a Cristo e a Maria (HOORNAERT, 2013). Com ações populares como essa, começa um protagonismo da religiosidade popular na configuração histórica da instituição cristã.

A radical novidade do cristianismo, que parte do pressuposto de que todos somos iguais diante de Deus, é vitoriosa diante da forma como os governantes da época tratam o seu povo, principalmente, no Império romano. Desde os primeiros séculos, os cristãos montaram uma estrutura para socorrer pessoas necessitadas, que viviam à margem da sociedade. É aí que se expressa a religiosidade popular, pois a fé em Cristo e a devoção a Maria, frente aos deuses cultuados naquela época, a mando dos imperadores, são, na realidade, vitórias do povo simples e analfabeto, na sua luta por

³¹ A definição de religiosidade popular sugere discussões. O termo popular por si só representa certa complexidade em sua definição e um caráter exclusivo para designar as classes sociais subalternas, que provêm das camadas menos favorecidas da sociedade. Representa, também, em seu conjunto, as manifestações coletivas, linguagem e religiosidade de um povo (REIS, 2007, p. 68). É um tema que, hoje, extrapola os pobres e oprimidos. Sou consciente desses limites, e quando tratei, exclusivamente, da figura de Frei Damião, preferi usar o termo catolicismo popular. Contudo, para uma maior compreensão do assunto, atenha-se aos seguintes textos: “Catolicismo popular como base religiosa” (OLIVEIRA, 1974) e “Catolicismo popular no Brasil” (SUESS, 1979).

sobrevivência, com dignidade e bem-estar. Com isso, o cristianismo vai adquirindo um sólido apoio das gentes sofridas.

A importância de toda essa movimentação, no contexto da religiosidade popular, começou a ser percebida somente no primeiro Concílio de Nicéia (325), no qual a Igreja deu seu primeiro grande passo para definir a sua doutrina, de forma mais precisa, levando ao surgimento de um credo específico, para definir claramente a sua fé. Com Nicéia emerge, pela primeira vez, uma instância capaz de regular, no âmbito da Igreja toda, as questões de governo e de disciplina (ALBERIGO, 1995). Tudo isso, em resposta aos desafios advindos das controvérsias heréticas do arianismo.

Em Nicéia, os bispos viram que não podiam mais fugir da realidade. Conseguiram entender que havia uma forte relação entre a devoção do povo e os problemas que afetam as pessoas pobres, tais como doenças, penúria, marginalização, morte. Tendo substituído Asclépio e Ísis por Jesus e Maria, também o fazem com outras figuras, como por exemplo: Hércules cede diante de São Miguel nas artes da guerra, e Apolo, diante de São Sebastião na luta contra a peste. E toda essa discussão chega, inclusive, até o Concílio de Éfeso (431), que toca nesse ponto sensível da religiosidade popular, na qual o culto mariano já ocupava amplo espaço (ALBERIGO, 1995). Em Éfeso, vai se tratar e definir a formulação “Maria, Mãe de Deus”, um título que era dado a Ísis (HOORNAERT, 2013). Todas essas coisas, para mostrar que a forma de se conceber a religião cristã e suas práticas, desde as primeiras comunidades cristãs, teve grande influência popular. E isso chega até a Idade Média e, tempos depois, alcança as terras colonizadas do Brasil, a partir do século XVI.

A investigação sobre a religiosidade popular no Brasil se constitui, portanto, em um campo controverso e de traços imprecisos, diante das diversas formas e expressões de fé existentes. Segundo Faustino Teixeira, “o catolicismo no Brasil revela uma grande complexidade”. Trata-se de um campo religioso caracterizado por grande diversidade. A pluralidade é um traço constitutivo de sua configuração no Brasil (TEIXEIRA, 2005, p. 16). Assim sendo, há visões distintas, por parte de estudiosos e pesquisadores sobre o assunto. Por isso, inicialmente, procuramos estruturar algumas das reflexões feitas por autores consagrados e, partindo desses escritos e posicionamentos, buscamos apurar os elementos que constituem as crenças, as devoções, os ritos e demais expressões religiosas do povo brasileiro, desde o início da colonização até os dias atuais.

A religiosidade brasileira surge a partir da influência de três grupos étnicos: o indígena, habitante nativo; o português, chegado no século XVI e o africano, trazido

como escravo. São três matrizes religiosas que se relacionam entre si, de modo interativo, mas também conflituoso, e constituem, assim, a Matriz Religiosa Brasileira.

Eduardo Hoornaert, ao tratar sobre a religiosidade brasileira, fala de um cristianismo que se manifesta no país, que nem é branco nem preto, nem ocidental, nem ameríndio nem africano, mas mestiço (HOORNAERT, 1991). As práticas parecem desordenadas, se confrontadas com as regras vigentes na Igreja. Não condizem com um modelo de religião ordenada e alinhada como se vê em outros lugares.

Estrangeiros e visitantes, ao observarem a prática religiosa brasileira têm a impressão de que a religião no Brasil não é “séria”. Ela parece antes uma brincadeira, uma festa mundana de pouco recolhimento, e se afastou muito do modelo europeu. Um desses visitantes, o botânico Auguste de Saint-Hilaire, faz a seguinte observação: “Na igreja brasileira não há o que possa deixar de causar espanto: está fora de todas as regras” (SAINT HILAIRE, apud RODRIGUES, 1975, p. 149). Para esses observadores, a religião praticada no país configurava-se irracional, sentimental, vivida por pessoas ignorantes.

Deve-se levar em consideração que não há um “catolicismo popular” e um “catolicismo ortodoxo”. Na verdade, o que existe são várias performances do cristianismo. Na década de 1960, José Comblin já acenava essa questão. Ele está entre os pioneiros que iniciaram as pesquisas do catolicismo popular. De acordo com Pedro Rubens, Comblin “não critica a dicotomia entre catolicismo oficial e catolicismo popular: ele a supõe” (RUBENS, 2008, p. 52). Dizia ele que, “na realidade, há no Brasil – em todos os países da cristandade – várias formas de catolicismo popular, várias estruturas, perfeitamente coerentes e lógicas, cada uma na sua ordem” (COMBLIN, 1968, p. 48). Assim sendo, “podem-se identificar três tipos de estruturas fundamentais que engendraram o catolicismo popular brasileiro: as estruturas europeias, as estruturas africanas e as estruturas ameríndias” (RUBENS, 2008, p. 53). Comblin reflete que não existe um catolicismo oficial e puro, e que nem os clérigos o vivem. A diferença entre o catolicismo clerical e o popular está na ideia de que os clérigos imaginam que o cristianismo praticado por eles é puro e o único autêntico, e que os outros não são ortodoxos nem tem autenticidade. E afirma ainda:

Na realidade existem apenas diferentes sistemas de tradução do cristianismo em condições concretas de vivência humana. As formas populares merecem tanto respeito quanto as oficiais [...] não devemos destruir o catolicismo popular, mas deixar que os próprios cristãos populares o melhorem dentro do seu próprio dinamismo. Mas essa

atitude supõe que reconheçamos pelo menos a existência e a coerência dos catolicismos populares (COMBLIN, 1968, p. 48).

Na obra “O Catolicismo popular no Brasil”, tratando de determinados aspectos dessa temática, Riolando Azzi distingue dois tipos de catolicismo: um tradicional e um renovado. Ao observar a religião implantada pelos portugueses na colônia, vê-se que está mais próxima do modelo tradicional. Contudo, o catolicismo popular recebe influência dos dois tipos, mesmo tendo surgido dentro do contexto tradicional (AZZI, 1978). Em concordância com Pedro Rubens, vemos que

Azzi torna ainda mais aguda a dicotomia entre dois tipos de catolicismos, apresentando-os de maneira comparativa e sistematicamente opostos um ao outro, caindo numa certa simplificação esquemática que se distancia da real complexidade (RUBENS, 2008, p. 62).

O Catolicismo tradicional hodierno é caracterizado por possuir fragmentos da cultura medieval, leiga, social e familiar. Esses aspectos convergem entre si e se complementam. Já o Catolicismo renovado, segundo Azzi, é romano, clerical, tridentino, individual e sacramental. Essas características são convergentes e complementares entre si. Essas duas formas de catolicismo, no entanto, se apresentam de maneira distinta nos três períodos da história política e religiosa do Brasil.

No período colonial (1500-1822), apesar das tentativas de implantação de um novo espírito do catolicismo, é predominante o catolicismo tradicional, que se expressa através da fundação das Irmandades, das Ordens Terceiras, das procissões e romarias, das promessas etc., constituindo, dessa maneira, a estrutura básica da vida religiosa da colônia. Mas todas essas coisas estavam envolvidas por uma mestiçagem. Alheia aos dogmas, a religião adaptou-se ao povo, às populações amigas do batuque, dos fogos de artifício, dos repiques dos sinos, das folias, em práticas que davam animação à vida popular brasileira.

Nesse contexto colonial, percebe-se logo a existência de um catolicismo doméstico, mas também com um cunho social, que se desenvolveu na zona rural (BITTENCOURT FILHO, 2003). Tal prática incluía, desde o senhor de engenho ou fazendeiro, até os seus escravos e moradores dos arredores, numa relação nem sempre afável, muitas vezes, marcada por conflitos e sofrimentos. As residências eram locais privilegiados, onde havia uma religiosidade privada, a começar pela casa-grande indo até às senzalas. Muito devocionismo, muitas rezas caseiras, diversas procissões e muitas

promessas aos santos e a Nossa Senhora marcavam a catolicidade brasileira desse período (VIEIRA, 2016).

Nas proximidades da casa-grande estava a capela, onde um sacerdote prestava assistência religiosa, mesmo que de tempos em tempos. Esse espaço era o ponto central, onde o grupo se encontrava por ocasião das festas dos santos padroeiros, simbolizando, também, a conservação de seus valores religiosos e morais (OLIVEIRA, 1985). Ao tratar da figura do padre capelão, Dilermando Vieira traz outra informação dizendo que, muitas vezes, se tratava mesmo de um sacerdote residente que dava atendimento espiritual àquela gente. Ele o chama de capelão dos latifúndios, ou seja, alguém que se colocava a serviço dos grandes senhores e seus subalternos, com escassa ligação com seu bispo e com o povo circundante. Assim sendo, a evangelização rural acontecia em torno da capela, anexa à casa-grande, à fazenda ou ao engenho, onde não raro esse capelão era um membro da própria família dominante (VIEIRA, 2016).

Essa religiosidade colonial tinha como base uma estrutura hierárquica que separava os senhores dos escravos e os patrões, dos agregados. Para atender e instruir essa gente, havia um número pequeno de sacerdotes. Esses recebiam cômmodas irrisórias e se submetiam aos senhores de terras ou procuravam atividades paralelas na tentativa de sobreviver. Uma delas era a esportula oferecida pelos fiéis durante a administração dos sacramentos (VIEIRA, 2016). Ao tratar dessa penúria clerical, que era reflexo da estrutura socioeconômica, Eduardo Hoornaert afirma que isso se deu devido à descentralização política, promovida pela metrópole, que fortalecia os senhores de terras, inclusive no campo religioso, e enfraquecia, desse modo, a hierarquia clerical estabelecida. “Criado em torno da pessoa do senhor de engenho, o catolicismo patriarcal faz do sacerdote um padre-capelão ou padre-mestre a serviço da casa-grande, sem muita ligação com seu bispo nem com o seu povo” (HOORNAERT, 1991, p.76).

A evangelização que se dava nesse mundo rural acontecia em torno da capela do engenho ou da fazenda. Ali, eram celebradas as missas dominicais, os negros eram catequizados, os filhos do senhor aprendiam o abecedário, as primeiras orações e recebiam lições de catecismo. Na opinião de Dilermando Vieira, todo esse ensinamento fugia às orientações do Concílio de Trento, todavia era adaptado àquele ambiente. Tal prática não eliminou a centralidade da paróquia, mas contribuiu para o crescimento da religiosidade popular, à margem dos ensinamentos do magistério eclesiástico (VIEIRA, 2016).

Esse catolicismo patriarcal parte da relação entre a religião católica, trazida de Portugal, e o ambiente escravocrata brasileiro. Segundo Hoornaert, essa união não dava à Igreja a possibilidade de transmitir a mensagem libertadora do cristianismo. Com isso, percebia-se que esse catolicismo era menos cristão do que parecia, resultando, pois, numa prática que propiciou e assegurou a desigualdade entre as pessoas, por exemplo, entre senhor e escravo por meio de mitos, símbolos, lendas e convenções sociais. Mas, o interessante é que “o catolicismo patriarcal não liberta o rico de seu paternalismo, nem o pobre de sua conformidade com a dura sorte, e por isso afirmamos que ele é menos cristão do que parece” (HOORNAERT, 1991, p.76). É uma prática marcada pela assistência religiosa e pelas desobrigas³², sem criar laços mais profundos com o povo.

Diante do exposto, Gilberto Freyre reflete que a casa-grande venceu a Igreja no Brasil, no sentido de que essa, a princípio, se manifestou para ser a dona da terra, mas não conseguiu. O domínio colonial ficou praticamente com o senhor de engenho que se tornou o “verdadeiro dono do Brasil”, mais do que os vice-reis e os bispos (FREYRE, 2006).

Ao dissertar sobre o cristianismo, que se desenvolveu no Brasil desde a colônia, podemos dizer que é resultado de um enfrentamento da violência, também expressão de resistência, mas não de ignorância. Na sua formação histórica, o povo brasileiro enfrentou a violência dos colonizadores, que vieram dominar essas terras. É por isso que as imagens de Jesus Crucificado e do Senhor Morto têm grande veneração no meio do povo. Essas representações simbolizam a violência sofrida pelos inocentes e marginalizados, as vítimas de uma sociedade torturada (HOORNAERT, 1991). Diante disso, percebe-se que o cristianismo vivido no Brasil resultou de um longo processo de resistência popular.

A religião praticada no Brasil é, pois, fruto de uma postura firme frente aos desafios colocados pela colonização. A mestiçagem ressignificou muitas práticas e fez com que o cristianismo se adaptasse à vida cotidiana da gente brasileira, de forma que corresponda aos desafios da vida nesse país. Mesmo assim, com tanta influência, evita-se falar nesse tema em determinados ambientes eclesiais. Muitos falam de um passado traumatizante que deveria ser esquecido. Contudo, não se podem silenciar os fatos: A contribuição indígena, africana e portuguesa, que aqui chamamos mestiçagem, é evidente nas práticas católicas ainda hoje.

32 Incursões da Igreja Católica por regiões de difícil acesso, praticando a catequese e administrando os sacramentos.

Mesmo com dificuldades, é preciso enfrentar o desafio de resgatar a memória do cristianismo mestiço no Brasil, que se inicia no período colonial e chega aos tempos hodiernos. Sem esse resgate, a história do cristianismo nessas terras ficará distante da realidade. Faz-se necessário considerar, assumir e ressignificar todos esses contributos, advindos de índios, negros e portugueses. E é primordial “transformar a memória viva de um povo em ciência, e depois devolver ao mesmo povo sua contribuição científica com o fim de avivar a prática da memória cristã, tão necessária para quem quiser fundamentar sua ação na tradição viva dos profetas, dos apóstolos, de Jesus, e não apenas em tradições puramente humanas” (HOORNAERT, 1990, p. 23).

O período imperial (1822-1889) recebeu como herança todas essas práticas religiosas oriundas das culturas indígena, africana e portuguesa. E, nesse tempo, o destaque está para o confronto entre o catolicismo tradicional e o renovado. O governo imperial quis sustentar o modelo tradicional com base no regime do Padroado³³, enquanto os bispos defendiam um catolicismo renovado, à luz do Concílio de Trento³⁴, com apoio da Santa Sé. Daí é que surge a chamada Questão Religiosa³⁵ na segunda metade do século XIX, na qual as irmandades, de inspiração portuguesa e constituídas por leigos, foram fiéis representantes da ala tradicional, se opondo à renovação proposta pelos bispos reformadores³⁶.

O episcopado brasileiro tinha quatro preocupações latentes, no que se refere ao catolicismo popular: a necessidade de separar o sagrado do profano, o religioso do festivo, o espiritual do social, e a elevação do nível de formação religiosa do povo. Esses aspectos tinham se fundido e deveriam ser separados. A insistência dos bispos reformadores estava na separação entre vida profana e religiosa (AZZI, 1977). Eles observavam que o povo estava permeado de fanatismo, irreverência, superstição e ignorância, e que se fazia necessária uma ação catequética para libertar as pessoas

33 Tratado entre a Igreja Católica e os reinos, sobretudo Portugal e Espanha, onde os reis tinham o poder de indicar nomes para ocuparem os cargos eclesiásticos, de prover as necessidades dos clérigos e de administrar os bens da Igreja em seus domínios.

34 O Concílio se preocupava com a intromissão das autoridades civis nos assuntos da Igreja e com os bispos que permitiam que tal coisa acontecesse. Para combater isso, Trento renovou todas as normas instituídas anteriormente, que resguardavam a dignidade dos bispos e que condenavam a subserviência deles às autoridades civis.

35 Conflito ocorrido no Brasil a partir de 1870, iniciado como um enfrentamento entre a Igreja Católica e a Maçonaria, acabou se tornando uma grave questão de Estado. Suas causas podem ser traçadas desde muito tempo antes, fundadas em divergências existentes entre o ultramontanismo, o liberalismo e o regime do padroado.

36 Bispos que implementaram reformas em suas dioceses, dentro de um processo de romanização, obedientes às orientações do Papa, sem nenhuma subserviência às autoridades civis. Dois deles tiveram bastante destaque: Dom Vital Maria Gonçalves de Oliveira, bispo de Olinda, e Dom Antônio de Macedo Costa, bispo do Pará.

dessas tradições e credences. Com isso, o episcopado tinha duas linhas prioritárias para a sua ação pastoral: denunciar e reprimir os abusos existentes nessas práticas populares e promover a instrução religiosa do povo (AZZI, 1977).

Na verdade, como diz Faustino Teixeira, o catolicismo popular sofreu o embate violento desse processo chamado “romanização”, caracterizado por um maior controle sobre os leigos e suas associações e da adequação do catolicismo brasileiro às diretrizes centralizadoras de Roma (TEIXEIRA, 2005, p. 18). No entanto, como aponta Pedro Ribeiro de Oliveira, “o processo de romanização foi forte, bastante para combater o catolicismo popular, mas não o suficiente para implantar a forma romana na grande massa dos católicos” (OLIVEIRA, 1988, p. 121).

Em relação ainda à romanização, não há como negar seu impacto sobre a forma tradicional da vida religiosa. Tratando disso, Carlos Alberto Steil opina que, embora a romanização tenha tido seu impacto, “as concepções basilares do catolicismo popular tradicional, como o culto aos santos e a crença nos milagres, permanecem vivas”. E acrescenta que “há uma incorporação original por parte do povo, de traços da romanização, o que evidencia o aspecto dinâmico e criativo do catolicismo popular que se refaz continuamente” (STEIL, 1996, p. 249).

O período republicano se inicia em 1889 e, logo nos primeiros anos, aconteceu a separação entre Igreja e Estado, bem como a abolição do Padroado, e isso marca o domínio do catolicismo renovado, de inspiração romana, eclesial e sacramentalista. Assim sendo, “o catolicismo tradicional passa a ocupar uma posição secundária e marginalizada dentro da reestruturação da Igreja Católica no Brasil” (AZZI, 1976, p. 109).

Ao discorrer, porém, sobre a evolução histórica do Catolicismo no Brasil, faz-se necessário recordar que, desde o início da colonização, o catolicismo tornou-se obrigatório. Ser católico era condição para viver na Terra de Santa Cruz. Indígenas e africanos foram obrigados a se converterem ao catolicismo, do contrário não seriam aceitos nem sobreviveriam na sociedade.

A Inquisição com as visitas do Santo Ofício teve forte influência na formação do catolicismo brasileiro (HOORNAERT, 1991). Um clima de medo tomava conta do povo por causa das denúncias, deportações, confiscos de bens, entre outras práticas, junto aos não católicos ou hereges. Segundo Hoornaert, como reação desse contexto: “Criaram [os leigos] um catolicismo ostensivo, perante aos olhos de todos, praticado, sobretudo, em lugares públicos, bem pronunciado e cheio de invocações

ortodoxas a Deus, Nossa Senhora e os santos. Todos tinham que ser ‘muito católicos’ para garantir sua posição na sociedade, e não cair na suspeita de heresia” (HOORNAERT, 1991, p. 16). Seguir os ditames da Igreja, portanto, era a única forma de permanecer no Brasil, livre da repressão.

Desenvolveu-se, então, no Brasil um catolicismo que, em alguns aspectos, divergia do cristianismo. Segundo Antero de Quental, a prática eclesial nessas terras tendia à opressão, tirava a liberdade dos indivíduos, era, muitas vezes, sem base bíblico-teológica e cultivava práticas devocionais e cerimônias estéreis. Ao refletir sobre a diferença entre cristianismo e catolicismo, Quental afirma que “realmente o cristianismo existiu e pode existir fora do catolicismo. O cristianismo é, sobretudo, um sentimento: o catolicismo é, sobretudo, uma instituição. Um vive da fé e da inspiração: outro do dogma e da disciplina” (QUENTAL, 1942, p. 112).

Diante de tão opressiva situação, negros e judeus, por exemplo, foram encontrando maneiras de praticar sua religião de origem. Os judeus tornaram-se, publicamente, cristãos novos, mas continuavam com suas práticas hebraicas. Por sua vez, os negros deram início a uma prática sincrética, velando e cultuando seus orixás por trás de santos católicos. Tais práticas eram combatidas e, quando descobertas, reprovadas e reprimidas (HOORNAERT, 1991). Contudo, essa gente foi resistindo e preservando seus cultos, apesar da aparente adesão ao catolicismo reinante.

Surgiram, então, expressões populares de fé que se desenvolveram à margem da liturgia oficial da Igreja e foram sendo praticadas e mantidas em diversos ambientes, desde a casa-grande dos engenhos e fazendas às senzalas, bem como em ambientes urbanos, servindo, assim, de fomento à fé e à espiritualidade de muitos fiéis. Muitas dessas práticas se tornaram sincréticas³⁷, porque não havia o controle da instituição.

Esse sincretismo, surgido dentro da realidade eclesial brasileira, nem sempre está de acordo com a disciplina eclesiástica, a observância da lei ou com as normas do Direito Canônico. Assim sendo, não é bem visto pelos eclesiásticos e outros que defendem a instituição. Contudo, o povo devoto continua com suas práticas, mesmo à margem das normas oficiais.

A religiosidade popular foi então se solidificando paralelamente ao chamado “catolicismo oficial”. Esse é de cunho clerical e tido como puro e autêntico, diferente

37 Esse conceito baseia-se no entendimento de Eduardo Hoornaert que o coloca no sentido mais amplo, como a coexistência de elementos, entre si estranhos, dentro de uma religião. Esses elementos podem ser introduzidos como provenientes de outra religião ou de estruturas sociais (HOORNAERT, 1991, p. 23).

daquele vivido pela massa, que não tem problema com a questão da “autenticidade”. Assim sendo, observa-se que o catolicismo oficial requer a presença de ministros investidos de suas funções pela autoridade religiosa, devido à ênfase dada aos sacramentos. No que se refere à prática popular, o devoto não carece da autoridade eclesiástica para cultuar seu santo de devoção ou fazer suas novenas, subsistindo, desse modo, sem contar com a interferência dos ministros ordenados.

Nesses primórdios do Brasil, a Igreja não tinha um número de padres suficiente para dar assistência religiosa diante da vastidão territorial, da distância entre as localidades e dos escassos meios de transporte. Essa falta de assistência e catequese favoreceu o desenvolvimento de uma religião que fugia do controle hierárquico-ecclesial.

Faz-se necessário frisar que um fator importante na formação do catolicismo brasileiro foi o estabelecimento do Padroado que, alinhado ao Regalismo³⁸, durante vários séculos, manteve a Igreja controlada pelo Estado. Isso tudo, aliado à falta de um trabalho catequético mais eficaz, colaborou, decididamente, para o fortalecimento de uma religiosidade exterior e devocional, distante das instruções dogmáticas oficiais.

Ao tratar desse catolicismo que se desenvolve no Brasil, José Comblin afirma que:

O catolicismo que chegou ao Brasil foi essencialmente o catolicismo popular dos últimos séculos da Idade Média... Já que o tridentinismo não havia previsto nada para limitar o uso popular da liturgia (fora das rubricas) ou as liturgias populares (dos santos etc.), a religião popular continuou o seu desenvolvimento espontâneo e pacífico. Misturou-se com contribuições indígenas, africanas, até orientais, importadas pelas caravelas que voltavam da Índia ou da China [...] Tomou a forma de uma religião muito familiar, patriarcal, de uma simplicidade paradisíaca, idílica. Uma religião que consola e dá saudades (COMBLIN, 1966, p. 584).

É muito clara a influência de elementos indígenas, africanos e portugueses na formação do catolicismo brasileiro. Mas, é evidente o predomínio da cultura portuguesa sobre os demais também nesse aspecto religioso. E, na luta pela sobrevivência, índios e negros infiltraram muitos de seus conceitos e expressões no tradicional catolicismo que se desenvolveu desde o período colonial. Não se pode negar, por exemplo, a presença de um determinado sincretismo religioso afro-brasileiro em algumas regiões do país.

Assim sendo, na prática religiosa colonial mesclavam-se elementos católicos, negros, indígenas (e até judaicos), tecendo uma

38 É uma doutrina que defende o direito de interferência do chefe de estado em assuntos internos da Igreja Católica.

religiosidade deveras original. Não tendo alternativa, a Igreja tolerava e mesmo incentivava os processos sincréticos, muito embora tentasse impor-lhes limites (BITTENCOURT FILHO, 2003, p. 49).

Na verdade, houve um embate de duas concepções religiosas: uma que tornava sagrado o ambiente natural e as forças espirituais a ele subjacentes; outra, que evidenciava símbolos religiosos abstratos e transcendentais. Essas concepções logo se combinaram no âmbito da prática religiosa popular, e o primeiro panorama daí decorrente se encontra nos povos indígenas e africanos. Mas os portugueses, embora adeptos do catolicismo romano, mantinham crenças muito parecidas com as daqueles, de modo especial se forem consideradas, em sua ancestralidade, as religiões e a magia europeia (BITTENCOURT FILHO, 2003). Foi então, por causa disso, que índios e negros não tiveram dificuldades em inserir-se na cosmovisão religiosa desse catolicismo medieval.

Todas as expressões advindas dessas contribuições formaram a Matriz Religiosa Brasileira. Esse foi, portanto, o resultado das relações de poder estabelecidas pelo regime colonial, bem como do encontro entre as culturas indígena, africana e portuguesa. A partir desse encontro, as pessoas foram induzidas a refazer suas próprias identidades. E, assim, a identidade de muitos passa a contar com elementos de outras crenças, fazendo surgir um sincretismo. Sobre isso afirma Bittencourt Filho:

Ao longo do período colonial, embora o Catolicismo estivesse no centro da vida cotidiana, crenças e devoções das mais diversas permeavam, contudo, o universo religioso, e o sincretismo de elementos religiosos indígenas e africanos já prenunciava a configuração do panorama ímpar da religiosidade popular colonial (BITTENCOURT FILHO, 2003, p. 54).

Essas formas religiosas sincréticas, surgidas com a fusão das três culturas, foram tidas como idolátricas e, em alguns casos, demoníacas. A Igreja buscou combater tais práticas, mas elas foram sendo canalizadas para uma religiosidade disfarçada e que se tornou também símbolo de resistência e de manutenção da identidade. Indígenas e africanos, à revelia dos mandos eclesiásticos, continuaram realizando suas práticas de forma escondida e, assim, foram resistindo ao poder dominante. “Dito de outro modo, enquanto os indígenas (e africanos) aparentemente aceitavam as práticas sacramentais, mantinham no cotidiano, de maneira velada, condutas transgressoras no que tange às determinações eclesiásticas” (BITTENCOURT FILHO, 2003, p. 57). Tal movimento fez emergir um acervo religioso singular que pode ser visto ainda hoje.

O encontro das matrizes portuguesa, africana e indígena fez acontecer uma fusão de elementos entre si. Essa convivência entre as culturas e as religiões foi levando um povo a assimilar atitudes, sentimentos e tradições de outro povo. Isso, dado em meio a uma partilha de experiências e histórias de cada um, levou a uma mesma vivência cultural. Pode-se dizer que no Brasil esses três povos se misturaram em suas crenças e práticas. E essa mestiçagem continua a fazer parte da memória religiosa do povo, estando presente nas circunstâncias concretas em meio à multiplicidade das experiências cristãs no tempo e no espaço.

Obviamente é preciso considerar que o processo sincrético aconteceu dentro de uma relação desigual entre essas matrizes, haja vista o predomínio dos portugueses sobre as demais culturas. Assim, havia uma dominação não somente política, mas também cultural e religiosa. E, por isso mesmo, aqueles que se sentiram oprimidos, especialmente os africanos, encontraram formas de resistência ante a ideologia dominante. Destarte, é notável o quanto a Matriz Religiosa Brasileira

originariamente desempenhou a função de um instrumento de resistência contra as inúmeras formas de opressão impostas sobre as maiorias despossuídas, através de todo o período de formação da nacionalidade (BITTENCOURT FILHO, 2003, p. 74).

Depois de mais de 500 anos de história, a mentalidade e as características da colonização portuguesa continuam marcando profundamente o povo brasileiro. E essas marcas estão nas várias dimensões: religiosa, cultural, social e política.

Em referência à dimensão religiosa, desde a chegada dos portugueses, a religião cristã foi se impondo diante das demais experiências que foram subjugadas. Isso favoreceu o surgimento de uma religiosidade sincrética e até mesmo folclórica. Historicamente, por muito tempo, a Igreja ficou sujeita ao Estado, levando-a a retrair-se diante de determinadas situações sociais. E isso teve consequências na ação evangelizadora. O povo ficou sujeito a práticas que fugiam do controle eclesiástico. Somente com a separação Igreja-Estado é que se tem a possibilidade de vislumbrar um novo panorama nesse sentido.

No que concerne à dimensão cultural, a colonização veio com os portugueses e daí já surge uma tensão entre uma cultura urbana, branca e letrada, e outra rural, indígena e analfabeta, até mesmo dita selvagem. Os colonizadores que se tinham como sábios sentiam-se no dever de ensinar os ignorantes, porém sem nenhum respeito à

cultura desses. A questão era tão séria que, da parte de eclesiásticos, havia a dúvida se os índios conseguiriam integrar-se dentro do catolicismo. Promoveram, com isso, uma espécie de dependência cultural presente até hoje. Para muitos, o que tem valor é o que vem de fora. E isso se dá dentro do âmbito de uma inferioridade cultural. Tal coisa está de tal modo enraizada no imaginário popular, que falta a sensibilidade de enxergar os valores e as riquezas existentes nas expressões culturais do Brasil.

No que tange à dimensão social, vê-se a supremacia do branco – sábio, culto, poderoso e elitizado – sobre os indígenas e africanos, tidos como inferiores. Isso se constituiu em uma mentalidade individualista e submissa, que permanece até os dias atuais. Falta, muitas vezes, o senso de pertença e do bem comum, de comunidade e de corresponsabilidade. Dessa maneira, o senso crítico fica a desejar e o sentimento de dependência é generalizado. É aí que a religiosidade popular aparece fortemente, pois um povo que se sente subjugado, facilmente se deixa massificar e manipular e apenas assiste missas, reza novenas, acompanha procissões e faz romarias. Carece de se permitir passar da condição de mero ouvinte e assistente a participante, concelebrante e atuante. Ou seja, faz-se necessário mudar o comportamento e o posicionamento, saindo da cômoda situação de se sentir objeto nas mãos dos outros a sujeito e protagonista de sua própria história.

No que corresponde à dimensão política, observa-se, logo de início, a questão do poder. Os portugueses apossaram-se de tudo, inclusive da orientação religiosa do povo. Durante muitos séculos, o Brasil foi dominado e explorado pela coroa portuguesa. Todos tinham que seguir os ditames de Portugal. E, nesse aspecto, também tinham que professar a religião oficial daquele país. É por isso que ainda hoje é difícil para o povo brasileiro tomar certas decisões. Parece que está entranhada a dependência de alguém ‘mais forte’. Sempre houve quem decidisse pelos brasileiros: os colonizadores decidiam pelos nativos; os senhores decidiam pelos escravos. Claro, houve tentativas de resistência ao jugo e de saída da situação, e o país tem progredido, mas ainda há muitos vestígios dessa relação “dominante e dominado” no meio do povo.

Todas essas situações concorreram para a configuração que se tem de catolicismo no Brasil e a existência de diversas expressões de religiosidade popular.

2.2 Ciclos de entrada do cristianismo no Brasil

Diante da complexidade de expressões, oriundas das culturas indígena, portuguesa e africana, é preferível seguir o esquema proposto por Hoornaert, em “O Cristianismo Moreno no Brasil” (1990), baseado em ciclos para apresentar a entrada do cristianismo no país: o ciclo litorâneo e o cristianismo dos engenhos; o ciclo sertanejo e as Santas Missões; o ciclo amazônico e os aldeamentos e o ciclo paulista e o cristianismo devocional. É preciso considerar, nesse sentido, que tais ciclos tiveram origem a partir de diversos fatores, sobretudo o fator econômico e geopolítico.

Observando o fator econômico, pode-se dizer que no Brasil o primeiro projeto econômico de grande relevância foi o da cultura da cana-de-açúcar. As condições climáticas e a fertilidade da terra da zona litorânea muito favoreceram o plantio e cultivo da cana. Os portugueses tiveram essa percepção e deram início à primeira grande cultura brasileira.

O ambiente no qual se desenvolveu a cultura da cana-de-açúcar foi o engenho, que era constituído basicamente por três espaços: a casa-grande, onde residia o proprietário, também chamado “senhor de engenho”; o engenho, local de fabricação e a capela. O senhor de engenho era dono de tudo e contava, particularmente, com a mão de obra africana. Assim sendo, o modo de produção vigente era o escravismo colonial (HOORNAERT, 1991).

Essa relação de senhores e escravos “reunia” a Europa e a África: brancos e negros, livres e escravos. E isso resultou no desenvolvimento de um cristianismo com características europeias e africanas ou, no dizer de Hoornaert, num cristianismo moreno. Esse tipo de cristianismo que vigorou no litoral, na zona açucareira, foi sendo repassado a outras gerações, aos interiores e a outras regiões.

A capela, geralmente construída ao lado da casa-grande, era o centro da vida religiosa do lugar. E essa centralidade se devia ao fato dela ser símbolo do estabelecimento da ordem ali representada pelo senhor de engenho. O padre era escolhido por esse senhor e deveria cumprir vários deveres como: dizer missa na capela, ouvir confissões, pacificar discórdias, ensinar os filhos do senhor, rezar o terço e as ladainhas etc. Mas não podia batizar nem casar sem licença do vigário. Era uma prática de cristandade fechada, sem interferências externas e sem ligação com o bispo ou com Roma. A catequese nesse ambiente era assumida pelo capelão ou alguém da casa-

grande, marcada por um ensinamento mais devocional que doutrinário, com acento particular na figura da Virgem Maria.

Os habitantes dos engenhos assumiam a fé católica. Os escravos o faziam por imposição ou porque a Igreja se lhes tornava um dos únicos lugares de consolo. Esses, muitas vezes, procuravam se batizar para não serem desprezados até mesmo por seus compatriotas já cristianizados. Eles aprendiam algumas fórmulas de rezas ou gestos de devoção, mas não recebiam praticamente nenhuma instrução catequética. O culto à Virgem Maria sintetizava a religiosidade negra e parda. Por meio dela, criaram-se as primeiras ligações espirituais, morais e estéticas com a família e a cultura local.

Esse cristianismo dos engenhos foi confrontado apenas pelos jesuítas que, ao perceberem as formas de relação entre senhor e escravo, chegaram até mesmo a se colocar contrários aos padres e bispos que se mantinham ao lado dos proprietários. Com isso, surgiu o primeiro conflito ético da história do Brasil-Colônia: é possível ser cristão e dono de escravos ao mesmo tempo? Essa atitude jesuítica, dita profética, influenciou outras ordens religiosas e os bispos sentiram-se intimidados (HOORNAERT, 1990). Com a expulsão dos jesuítas do Brasil, os donos de terra reinaram soberanos, evidenciando o espírito escravocrata. Joaquim Nabuco nos dá um diagnóstico a respeito dessa questão:

Esse contato, ou antes, contágio da escravidão deu à religião, entre nós, o caráter materialista que ela tem, destruiu-lhe a face ideal e tirou-lhe toda a possibilidade de desempenhar na vida social do país o papel de uma força consciente (NABUCO, apud HOORNAERT, 1990, p. 46).

Devido ao crescimento numérico dos engenhos, surgiu a necessidade insubstituível da carne para uma alimentação adequada para o senhor de engenho e seus familiares e também os escravos, embora houvesse ali os produtos da terra: frutas, legumes, sementes etc. Desse modo, foi preciso fazer a importação de gado europeu que se tornou, tempos depois, o grande invasor do sertão.

A criação de gado provocou uma mudança radical na forma de viver do sertanejo, pois as pessoas passaram a residir em aglomerados em torno dos currais ou como moradores de fazendas (HOORNAERT, 1991).

A assistência religiosa aos sertanejos que viviam nesses aglomerados e nas fazendas de gado se dava por meio da chamada “desobriga”. O sacerdote chegava a esses lugares para a administração dos sacramentos. Era ocasião propícia para batizar, assistir matrimônios, crismar, ouvir confissões e dizer missa. O tempo era curto e, por

isso, o sertanejo era vítima de um contato rápido, formal e apressado com o representante da Igreja oficial. É por causa disso que ele cria um cristianismo próprio, alimentado pelas Santas Missões.

A formação cristã do povo sertanejo deve-se basicamente às missões itinerantes. Elas se tornaram o método pastoral que se adaptou às condições de vida dessa gente (OLIVEIRA, 1985). Utilizaram-se desse método os oratorianos, os franciscanos, os capuchinhos, os carmelitas e alguns sacerdotes seculares. Esses, particularmente, se dispuseram a enfrentar os desafios do sertão. E, dentre eles, os capuchinhos italianos tiveram destaque, pois se identificaram bastante com as gentes sertanejas. Acostumaram-se a andar a pé e a realizar mutirões por onde passavam, sempre metidos no meio do povo, vivendo na pobreza. É como testemunha Luís da Câmara Cascudo:

As sandálias, a barba longa, o hábito rústico, a coragem diária, o hábito das missões sem conforto e sem fim deram aos capuchinhos, em trezentos anos de campanha, a glória no coração do povo (CASCUDO, apud HOORNAERT, 1991, p. 50).

Esse cristianismo sertanejo das missões tem características próprias: o caráter penitencial, a sacramentalização e o aspecto social.

No tocante ao caráter penitencial da religião, os fiéis são convidados à penitência, vista como caminho para a santidade. O primeiro objetivo das Santas Missões era fomentar nas pessoas o sentimento de pecado e penitência. O famoso sermão de abertura evocava a morte e o inferno, com práticas como, por exemplo, caminhar com o povo até o cemitério ou acender uma fogueira que simbolizava o fogo do inferno. Com isso, o povo suplicava perdão e misericórdia. Até mesmo os cânticos e benditos usados recordavam o sentido penitencial:

Pecador, é tempo agora/ De contrição e temor,/ Busca Deus, despreza o mundo/ Mas não tardes, pecador./ Vai cumprir a penitência/ Que te impôs o Redentor./ Vai abrir a consciência/ Ao ministro do Senhor. (CAMINHO DO CÉU, 1941, p. 57).

Em relação à sacramentalização, o sacerdote responsável pela missão, com a ajuda de outros sacerdotes, administra o maior número de sacramentos possível. Esse era o troféu do missionário, também chamado “fruto das Santas Missões”. Anotava-se em livros de tombo e relatórios a quantidade de penitentes ouvidos, de comunhões recebidas, de crismas conferidos e de matrimônios assistidos. Tais números demonstravam o êxito das missões. Ainda no século XX essa prática era vigente e até

mesmo publicada em jornais. Eis o trecho do relato de uma missão em Caruaru, Pernambuco:

A missão pregada nos bairros da cidade alcançou grande êxito. Inúmeras pessoas, cada noite, acorriam aos centros de missão, para ouvir a Palavra de Deus, os cânticos religiosos, e, depois, lavar a alma no tribunal da penitência [...]. Muitas criancinhas pela primeira vez receberam a santa comunhão. Aproximadamente 300 casais, unidos ilícitamente, viram legalizada a sua união. 45.000 comunhões foram distribuídas durante toda a missão, dando assim o povo de Caruaru, um atestado de fé intrépida (A DEFESA, 25 de novembro de 1951, p. 1).

As Santas Missões tiveram também um aspecto profundamente social. Além do fato de que o povo, que vivia isolado em regiões distantes, sentia o conforto da visita dos missionários, foram feitas obras de grande importância para as localidades do interior: açudes, cemitérios, cacimbas, pontes, aquedutos, estradas, igrejas, escolas etc. E não podia faltar o grande símbolo da fé cristã: a grande cruz ou cruzeiro, erguida em mutirão na praça central da cidade. Contudo, “desde os primórdios da colonização, a ereção de cruzes foi utilizada como manifestação da religião oficial, principalmente como marco de conquista e indicação de local de culto” (AZZI, 1978, p. 14). E não apenas autoridades civis e religiosas preocuparam-se em erigir cruzes. Também o povo erigiu e continua a erigir cruzes como expressão de fé e manifestação de suas devoções. E todas essas obras feitas em mutirão fazem emergir no povo o senso comunitário e público.

O ciclo amazônico compreende a ocupação europeia de todos os territórios que estavam às margens dos rios. Diferente dos ciclos litorâneo e sertanejo, que eram marcadamente econômicos, o amazônico foi, durante todo o período colonial, um ciclo geopolítico com o intuito de preservar a área como posse portuguesa e impedir a invasão de outros colonizadores. E, no que concerne à implantação do cristianismo nessa região, o método usado foi o dos aldeamentos.

Os missionários que trabalhavam na Amazônia exerciam um papel político e militar, buscando impedir que os indígenas pusessem em risco as aspirações portuguesas. Os aldeamentos funcionaram como locais para integrar o modo de produção escravista ou de trabalhos forçados. Tal prática criou um novo tempo, no sentido de que os indígenas tiveram que passar a obedecer às horas do relógio, coisa que não tinham antes. Os padres regulavam o dia segundo seu relógio e o sino que lembrava determinadas horas. Além disso, foi surgindo um novo espaço, marcado estruturalmente

pela hierarquia, diferente do espaço livre onde o indígena vivia anteriormente. O centro desse espaço era a igreja com toda a sua estrutura hierárquica. Ali ele se sentia desorientado, sem saber como se comportar no ambiente. Tudo aquilo que aprendera antes não tinha mais sentido ali.

Algumas políticas específicas do aldeamento foram usadas como método missionário, influenciando o modo de viver dos indígenas desde a maloca, a relação com os chefes locais, o abandono da cultura anterior, tida como atrasada. A música era utilizada como forma de atrair, conquistar e converter os indígenas. Eles vão passando por uma espécie de destribalização e desenraizamento cultural. Suas práticas religiosas, antes da conversão, passam a ser vistas como superstição e fanatismo.

O cristianismo que surge a partir da prática dos aldeamentos se assemelha com o dos engenhos da região açucareira bem como o das Santas Missões sertanejas porque, com o passar do tempo, vai gerando uma espécie de cristianismo moreno ou mestiço (HOORNAERT, 1990).

Em janeiro de 1554, os jesuítas fundaram um colégio na então vila de São Paulo, não muito longe do litoral e aí deram início a um processo de evangelização. Nessa área atuaram também os bandeirantes paulistas que traziam consigo suas práticas religiosas e as transmitiam aos outros, difundindo por onde passavam suas rezas intermináveis, seus rosários, novenas e ladainhas. Também aí se fizeram presentes os negros quilombolas e ajudaram a propalar o catolicismo. Mas essas práticas dos bandeirantes e quilombolas não condiziam com o cristianismo oficial e mesmo assim foram sendo repassadas a outrem.

O cristianismo que se desenvolveu na região paulistana é de caráter devocional e tem dinâmicas próprias. Era um cristianismo de “muita reza e pouco padre, muito terço e pouca missa”. Contudo é interessante observar que essa prática devocional colonial advém da chamada “*Devotio* moderna”, um movimento europeu de reformulação da devoção cristã da época que teve início no século XIV e em pouco tempo teve apoio popular, mesmo sem a legitimação oficial (HOORNAERT, 1991). No século XV surge um livro intitulado “Imitação de Cristo”, que até hoje é o mais lido pelos cristãos, depois da Bíblia. Essa obra se apresentava como uma reação contra o enclausuramento conventual da santidade, mostrando que todos, indiscriminadamente, podem atingir a santidade no cotidiano de suas vidas. A residência da família torna-se, então, lugar de santificação tal qual o claustro conventual. Os oratórios domésticos são vistos como espaços de oração e espiritualidade da mesma forma que a igreja conventual. Com isso,

surge um modelo de vida eclesial que vai além da interpretação hierárquica da instituição cristã e coloca clero e leigos em busca de uma comum santificação. Mas isso não foi bem visto por Roma, devido mexer com a estrutura hierárquica, embora pouco puderam fazer devido a grande repercussão da “*Devotio*” por toda a Europa.

Uma obra semelhante à Imitação de Cristo, intitulada “Peregrino da América”, circulou pelas Minas Gerais no século XVIII e pretendia levar as pessoas à procura da santidade através da obediência aos mandamentos e da devoção aos santos, sem levar em conta a frequência aos sacramentos. Teve, pois, boa aceitação dos leitores católicos em meio a esse contexto de cristianismo mestiço, onde a presença do padre era relativizada.

O catolicismo devocional, que se expandiu no seio da sociedade brasileira, é muitas vezes relegado a uma posição e a uma linguagem periféricas, sendo classificado como “religiosidade popular”. Mas não se pode negar a sua grande influência na formação do Brasil, agindo paralelamente à instituição oficial.

A instituição construiu edifícios majestosos: catedrais e outras igrejas, conventos e mosteiros. Enquanto isso, a devoção construiu desde oratórios domésticos até os santuários, que se tornaram grandes centros de romaria, congregando milhares de devotos em suas festas anuais (AZZI, 1978). Assim, podemos dizer que, mesmo sendo marginalizada socialmente, a devoção pode apresentar, eclesialmente, documentos de veracidade insuspeita que a colocam num patamar de legítimo modelo eclesial.

A prática devocional se desenvolveu no Brasil desde a época colonial. Os primeiros jesuítas que vieram ao Brasil são vistos como grandes devotos, influenciados que foram pela *Devotio* moderna. Tanto que uma das principais preocupações deles era trazer relíquias de santos da Europa, a fim de que o Brasil fosse devotado aos santos e colocado sob sua proteção (HOORNAERT, 1991). E assim aconteceu durante a primeira evangelização que vai do século XVI ao século XVIII, marcadamente pouco hierárquica, em que leigos e sacerdotes se uniam mediante a devoção aos santos. Na verdade, durante os três primeiros séculos, houve um predomínio do catolicismo dito tradicional: Irmandades, Ordens Terceiras, procissões, romarias, promessas, ex-votos, entre outros, constituíram a estrutura básica da vida religiosa nessa época. Não obstante, devem-se assinalar, nesse período, diversas tentativas para implantação do novo espírito do catolicismo (AZZI, 1976, p. 108).

Retomando essa perspectiva, em que clérigos e leigos se uniram pela devoção, vê-se que esse cristianismo se revela ao mesmo tempo missionário e devocional,

absorvendo, ademais, as culturas que vieram de fora. Desse modo, por exemplo, os escravos não foram cristianizados por meio de catequese e sim da devoção praticada nos engenhos, nas fazendas e nas vilas de mineração. Ou seja, os africanos foram cristianizados aqui por mergulho cultural e não através de um plano específico de evangelização. Diferentemente aconteceu com os indígenas, já que os aldeamentos tinham um plano a ser executado através da religião, que era tirar os indígenas de suas terras para fazer adentrar a colonização. No caso dos africanos, não foi preciso esse tipo de ação, pois a missão foi conjugada à devoção (HOORNAERT, 1991).

2.3 Contribuições das Matrizes Religiosas

No campo religioso, estão claras as contribuições de três matrizes religiosas³⁹ que elucidam os elementos fundantes da religiosidade, ou seja, a herança de um catolicismo português, com características medievais, e as práticas religiosas indígenas e africanas. E essa gênese traz consigo a compreensão da formação e do desenvolvimento do catolicismo brasileiro.

É preciso considerar que as relações de poder estabelecidas na época colonial, bem como o encontro das culturas, resultaram em grandes sínteses sincréticas. Brancos, negros e índios foram levados a refazer suas respectivas identidades, dando margem a exercícios autônomos de criatividade religiosa. E assim foi se consolidando a Matriz Religiosa Brasileira.

O catolicismo estava no centro da vida cotidiana, contudo, havia crenças e devoções das mais diversas, presentes no universo religioso do povo. E o sincretismo dos diversos elementos religiosos africanos e indígenas apontava para a formação de um cenário ímpar da religiosidade popular, pois “esse catolicismo do povo conservava uma grande abertura para a assimilação de elementos de outras crenças religiosas” (AZZI, 1978, p. 52).

Mesmo com uma configuração que parece complexa, é preciso ver a riqueza de elementos, ritos e expressões, a fim de compor um quadro completo daquilo que se chama catolicismo brasileiro. Ao tratar dos primórdios da evangelização do Brasil,

³⁹ O termo Matriz, aqui, segue a compreensão de Pedro Rubens e refere-se ao “substrato religioso-cultural” que traduz “uma complexa interação de ideias e símbolos religiosos que se amalgamaram num decurso multissecular; ora esse processo multissecular teve, como desdobramento principal, a gestação de uma mentalidade religiosa média dos brasileiros, uma representação coletiva que ultrapassa mesmo a situação de classe em que se encontrem” (RUBENS, 2008, p. 39).

durante a Sessão inaugural dos trabalhos da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe, em 13 de maio de 2017, o então Papa Bento XVI, assim se refere:

A sabedoria dos povos originários os levou felizmente a formar uma síntese entre suas culturas e a fé cristã que os missionários lhes ofereciam. Daí nasceu a rica e profunda religiosidade popular, na qual aparece a alma dos povos latino-americanos... Esta religiosidade se expressa também na devoção aos santos com suas festas patronais, no amor ao papa e aos demais pastores, no amor à Igreja universal como grande família de Deus que nunca pode nem deve deixar a sós ou na miséria seus próprios filhos. Tudo isso forma o grande mosaico da religiosidade popular que é o precioso tesouro da Igreja Católica na América Latina, e que ela deve proteger, promover e, no que for necessário, também purificar (DOCUMENTO DE APARECIDA, 2007, p. 269).

Vejamos, pois, de forma mais pormenorizada, quais foram as contribuições dessas matrizes para a formação católica do Brasil.

A Matriz Indígena ofereceu grandes contribuições para a formação religiosa e cultural do povo brasileiro, através de numerosos costumes, ainda hoje presentes no comportamento diário das pessoas. Tais costumes vão desde o uso de utensílios, o vocabulário, à alimentação, à medicina caseira, à organização familiar, às rezas de curandeirismo etc. Eles apresentam também uma religiosidade de mediação por meio da crença nos encantados e nos espíritos.

Com a chegada dos portugueses, teve início a catequese nas aldeias. Havia um pensamento de que ali não havia nada, “só índios”. Para os colonizadores, os nativos viviam mergulhados em completa ignorância. E esse foi um grande erro cometido pelos missionários, que se deixaram persuadir por tal reflexão, pois toda evangelização pressupõe uma sensibilidade cultural anterior a ela. E esse tipo de evangelização conduz a uma morte cultural.

Um dos limites no campo da evangelização dos nativos foi a colaboração dos missionários para com a desagregação desses povos e certa cumplicidade com o roubo das terras indígenas. De acordo com Riolando Azzi, tal prática tinha como base a mentalidade, segundo a qual os limites da instituição eclesiástica coincidiam com as fronteiras do reino português (AZZI, 2004). Isso fez surgir um povo migrante, tendo que se mudar constantemente de um lugar para outro. Nessas romarias, tem-se a impressão de que as pessoas fazem uma dramatização religiosa de sua condição real de

vida, representando suas realidades cotidianas: insegurança, provisoriedade, viagem e mudanças.

Contudo, houve resistências a partir do horizonte indígena (cf.: AZZI, 2004, p. 84-85). Sabe-se que, nessas catequeses, os missionários viram os índios assimilarem símbolos cristãos, mas, por outro lado, eles sentiram-se obrigados a adaptar elementos da crença indígena em suas práticas religiosas católicas para poder conquistá-los. Assim sendo, crenças e ritos de ambas as partes foram integradas numa só prática, quer dizer, muitos valores culturais e religiosos do mundo indígena se perderam para sempre sob a violência do colonizador europeu. Porém, outros permanecem vivos e conseguiram encontrar espaços dentro do cristianismo dos engenhos, das fazendas, dos aldeamentos e principalmente das devoções.

Vários estudiosos afirmam que os índios eram muito religiosos. Eles tinham uma ideia de Deus diferente daquela compreendida pelos portugueses e por isso não foram entendidos. Encontravam a razão de sua existência numa anterioridade inatingível, ou seja, seus antepassados. Havia uma memória mítica que era repassada por meio de estórias e ritos e que constituía a base da sociedade e suas leis. Dava a impressão de uma estranha religião sem deuses nem teologia. Assim, as práticas indígenas eram vistas como supersticiosas, ignorantes e fanáticas. Comentando sobre essa visão, Azzi, diz o seguinte:

A finalidade primordial da ação missionária era a conversão dos povos considerados pagãos. Era necessário, portanto, afastá-los da via do mal e da perdição, a fim de trazê-los – convertê-los – para a senda do bem e da verdade (AZZI, 2004, p. 63).

Os índios também tinham sua visão acerca da terra que, para eles, era um bem de todos. Outrossim, tinham sua compreensão a respeito de temas como nascimento, idade adulta, doença e morte. Hoje, muitas coisas presentes na vida do povo são resquícios dessas crenças. As doenças, por exemplo, eram vistas como uma ameaça que atingia toda a comunidade. A figura do pajé se apresentava como médico, sacerdote e defensor, e, na visão dos missionários, deveria ser combatida (AZZI, 2004). Falando sobre isso, Azzi cita João de Azpicuelta Navarro quando, numa de suas “Cartas Avulsas”, faz o seguinte relato acerca dos indígenas: “Já não fazem mais o que lhes dizem os feiticeiros e, ao contrário, quando se veem enfermos, recorrem a nós para que façamos e digamos a Palavra de Deus” (AZZI, 2004, p. 87). Os missionários investiram no sentido de retirar deles essa autoridade e atrair para si mesmos esse papel, mas nem sempre conseguiram.

Tanto que, nos tempos atuais, os pajés parecem sobreviver na figura dos curandeiros que guardam seu prestígio, mesmo nas periferias dos grandes centros urbanos. Já o sacerdote católico não conseguiu se colocar no lugar do pajé, e pouco influencia no combate à doença, enquanto ameaça à vida comunitária.

Outra questão interessante é que os antepassados estão muito presentes nas práticas religiosas indígenas. Mas não são simples mortos, como aqueles que acreditavam ficar rondando a aldeia. Eles invocam a presença desses antepassados que são aqueles que viveram num passado anterior ao tempo humano, uma espécie de período pré-social ou meta-social (HOORNAERT, 1991). É deles que vêm as histórias e os saberes que são repassados nos ritos de passagem. Contra esses, chamados de *Jurupari*, *Curupira*, *Mboi-tatá*, *Anhangá* e outros, os missionários empreenderam uma verdadeira guerra, demonizando-os e buscando o seu extermínio. Mas nem sempre obtiveram vitórias (cf.: OLIVEIRA, 1985, p. 41-42). Os indígenas faziam memória desses antepassados através das danças, dos cantos e de muita animação, apresentando um caráter bastante socializado. Esse aspecto influenciou as festas religiosas populares que são sempre por demais animadas, cheias de folguedos, danças, cantigas, bastante barulhentas, diferentes de outras expressões europeias acostumadas ao silêncio dos mosteiros. Para dizer de outro modo, aquilo que restou de elementos religiosos indígenas sobreviveu também devido à miscigenação, por meio das instâncias clandestinas da religiosidade de mestiços e negros.

Os indígenas deram, em vários aspectos, grande contributo para a construção da religiosidade do povo brasileiro. Apesar da opressão dos colonizadores, conseguiram resistir em muitas coisas. E hoje, muitas de suas formas de crer e agir estão arraigadas nas práticas religiosas e nas diversas expressões de cultura desse país, porque na luta pela posse das almas e dos corações, milenarismos, crenças e ritos provenientes tanto de indígenas quanto de cristãos, acabaram sendo assimilados de tal forma que geraram uma espécie de fusão.

A Matriz Portuguesa também trouxe importantes contribuições para a formação do catolicismo brasileiro. Com a chegada dos portugueses em 1500, começa a influência do catolicismo no Brasil. Esse catolicismo português do século XVI é profundamente marcado pelo imaginário medieval de cunho popular, devocional e piedoso que objetivava confortar as pessoas em seus sofrimentos. Para isso, por exemplo, utilizava-se da intercessão dos santos para a resolução de problemas. Daí a presença e popularidade de tantos santos no meio do povo: um santo para cada situação ou

necessidade. Tais práticas tinham um caráter profundamente piedoso e de mediação, abrangendo inclusive fatos miraculosos, sensacionalismos e coisas fabulosas e mágicas, que deixavam transparecer superstições. Todos os grandes acontecimentos eram, portanto, celebrados a partir da religião. E havia muitas vezes uma mistura de ritos cristãos e mágicos e se acreditava nos dois. Então se vê um catolicismo não cristocêntrico, mas fabuloso e de mediação através de Maria e dos santos.

Esse catolicismo piedoso, santoral e festivo expressava-se nos exercícios de piedade individual e na comunicação do povo com Deus e se dava praticamente pela intermediação dos santos. Havia uma valorização dos aspectos visíveis da fé que acontecia por meio das cerimônias públicas, especialmente da administração dos sacramentos, das novenas, das romarias, das procissões, das festas dos santos padroeiros, da devoção às almas do purgatório etc. E algumas dessas expressões estavam permeadas de elementos supersticiosos, uma herança trazida pelos portugueses. Isso acontecia porque as pessoas desconheciam os ensinamentos da Igreja e participavam das liturgias sacramentais sem entenderem o seu verdadeiro sentido.

O catolicismo português legou ao Brasil as tradições do calendário religioso, com suas festas e procissões. O carnaval e as festas juninas, que são as duas festas mais importantes do Brasil, foram introduzidas pelos portugueses. Além disso, são de origem portuguesa: a folclórica crença em seres fantásticos como a cuca, o bicho-papão e o lobisomem, além de muitas lendas e jogos infantis como as cantigas de roda. E todas essas coisas estão presentes no imaginário religioso popular brasileiro (OLIVEIRA, 1985).

Os colonizadores portugueses tiveram, então, a preocupação de implantar a religião católica na colônia, transmitindo suas próprias experiências e práticas. Deles foram herdadas diversas manifestações: os oratórios, as ermidas, as procissões, as romarias, as devoções etc. E isso, constitui uma característica medieval que estará presente de modo particular nos três primeiros séculos de história do Brasil. Observando esse movimento, Riolando Azzi chega à seguinte conclusão:

Daí uma certa concepção mítica da religião, com ênfase nos milagres e prodígios, nas promessas e ex-votos. Em última análise, a salvação é atribuída especialmente à devoção aos santos e não tanto à prática sacramental, característica da mentalidade tridentina (AZZI, 1978, p. 156).

Diante dessas contribuições, pode-se dizer o seguinte: “É a Igreja lusitana que passa a reviver na colônia, sofrendo evidentemente um processo de abasileiramento

posterior... assim, pois, a Igreja do Brasil se implanta como uma obra do Estado português” (AZZI, 1976, p. 96-97). Isso, porque esse catolicismo trazido pelos portugueses se vinculou intimamente à cultura e identidade brasileiras, passando por um processo de expansão e consolidação a partir da segunda metade do século XIX, com a revitalização do catolicismo na Europa, que influenciou o crescimento de novas práticas religiosas e devoções no Brasil, diversificando definitivamente o catolicismo brasileiro.

A Matriz Africana, por sua vez, legou muitas contribuições ao catolicismo no Brasil. Os negros foram trazidos da África em regime escravista e sentiram-se obrigados a aderir à religião dos brancos⁴⁰, sendo sumariamente introduzidos no cristianismo através do batismo e quase sem catequese. O catolicismo lhes foi imposto num contexto de intolerância religiosa. Contudo, contribuíram com a formação cultural e religiosa dos brasileiros, entre outras coisas, por meio da culinária, do vocabulário, da música e de suas práticas religiosas ligadas aos ancestrais coletivos e familiares e à força da memória dos espíritos dos mortos. Isso deu, posteriormente, origem aos orixás, fazendo surgir daí também uma religiosidade de mediação.

Os africanos muito contribuíram para um processo sincrético⁴¹, dentro dessa constituição de uma Matriz Religiosa Brasileira, com sua forma velada de agir e de resistir.

[Eles] buscaram contornar as diferenças entre as religiões ancestrais por eles mesmos trazidas; certamente acolheram conteúdos das religiões indígenas quando análogas aos seus e de modo a evitar confrontos diretos com os senhores que não lhes permitiam a prática de outra religião que não fosse o catolicismo, camuflaram suas crenças por meio da justaposição dos orixás com os santos católicos (BITTENCOURT FILHO, 2003, p. 60).

Um fator histórico, que muito contribuiu para o desenvolvimento do sincretismo no Brasil, se deu com a escravização. Os negros traficados eram batizados em massa

⁴⁰ Prefiro não tocar no assunto do racismo porque esse não é o objeto em questão, e geraria maior complexidade ao texto, ou até mesmo tirando-lhe o foco. Contudo, estou ciente de que essa prática consiste no preconceito e na discriminação com base em percepções sociais fundamentadas em diferenças biológicas entre os povos e que está estruturada no Brasil desde a chegada dos primeiros africanos. No tocante ao quesito religioso, os brancos impuseram o catolicismo aos negros e índios, num contexto marcado por intolerância e desrespeito.

⁴¹ Em relação ao sincretismo, prefiro não problematizá-lo. Todavia, tenho consciência da complexidade do conceito, sabendo que toda religião é sincrética. Isso parte de uma negociação de conflito cultural e também tem seus limites. A religião “se apresenta como um artefato cultural produzido pela atividade cultural do homem, movido pela interpelação de Deus. Por um lado é dom de Deus e por outro se configura como construção humana. O dom de Deus vem constituído pela fé e pela revelação divina definitiva em Jesus Cristo. Mas tudo isso vem testemunhado e vivido dentro de parâmetros religiosos e culturais preexistentes. Concretamente, a Igreja, em sua estrutura, apresenta-se tão sincrética como qualquer outra expressão religiosa” (BOFF, 2010, p. 198).

sem qualquer instrução religiosa. Aprendiam apenas algumas rezas e devoções, especialmente à Virgem Maria, e daí decorria sua vida “cristã”. O culto à Virgem sintetizou de certa forma a piedade desses escravos (BITTENCOURT FILHO, 2003).

É interessante observar que, desde os tempos coloniais, os africanos, mesmo os “convertidos”, mantinham suas práticas religiosas de origem. Assim sendo, elementos de seus cultos africanos e do catolicismo foram se mesclando. Os escravos advinham de várias nações e trouxeram consigo uma variedade de crenças, o que tornava difícil um controle por parte da autoridade eclesiástica. Tais crenças conseguiram sobreviver porque os negros se serviam de diversos artifícios e disfarces. Um exemplo disso é que os senhores davam permissão aos negros para a realização, aos domingos, de suas danças rituais, sem desconfiarem, como diz o etnólogo Pierre Verger, que o que os negros cantavam naquelas ocasiões “eram preces e louvações a seus orixás, a seus *vodun*, a seus *inkissi*” (VERGER, 2002, p. 26).

Houve um processo de demonização dessas práticas religiosas trazidas pelos negros e, com isso, vieram ações de proibição, repressão e perseguição. Forçados a manter o novo modo de vida diante do sagrado, tiveram, então, que camuflar seus cultos dentro do catolicismo, gerando, assim, um sincretismo. Eles aceitavam aparentemente as práticas sacramentais, mas no dia-a-dia mantinham escondidas suas condutas transgressoras no que se refere às determinações eclesiásticas. E todos aqueles elementos considerados idolátricos ou demoníacos foram sendo canalizados para uma religiosidade camuflada e que se transformou em instrumento de resistência e de manutenção da identidade diante das violências do opressor (BITTENCOURT FILHO, 2003).

Diante da prática da segregação promovida pelos senhores com os escravos, o culto dos ancestrais baseado nas linhagens foi se perdendo. Todavia, resquícios das práticas religiosas das diversas nações africanas chegadas ao Brasil permaneceram no imaginário religioso e sociocultural brasileiro e foram se fundindo com os ritos de outras religiões. A título de exemplo, cronistas relatam que em muitos quilombos, eram praticados ritos que misturavam usos indígenas e africanos com o catolicismo. É interessante perceber que essa fusão serviu tanto de manobra de subsistência cultural quanto lhes possibilitou uma nova experiência religiosa.

2.4 Pluralidade de expressões e desafios da Religiosidade Popular

Existe uma diversidade de expressões e práticas devocionais dentro da religiosidade popular. São exercícios piedosos feitos de forma privada ou pública, aprovados ou não pela Igreja, e em geral, ligados a alguma forma de espiritualidade. Disso, podemos citar alguns exemplos: os oratórios particulares e públicos, as romarias, as festas de padroeiro, as promessas e ex-votos, a consagração de cada dia a Deus, a visita ao Santíssimo Sacramento, a Via-sacra, as invocações ao Espírito Santo e ao Coração de Jesus, a recitação do rosário e do Ofício de Nossa Senhora, as orações ao Anjo da guarda e as novenas e trezenas dos Santos. Além das muitas fórmulas de orações, essa religiosidade se expressa também através de algumas outras práticas: as procissões, as peregrinações aos lugares sagrados, as promessas, a entrega de ex-votos, o uso de medalhas, a conservação de relíquias e imagens etc.

Essas práticas religiosas surgiram em vários ambientes. Os engenhos e fazendas estão entre esses espaços, onde a religiosidade popular se desenvolveu e vigorou. A casa-grande era o centro da vida social e religiosa. Ao lado da casa senhorial havia sempre uma capela. Ali, além da missa, quando havia padre nas proximidades, rezavam-se as novenas dos santos devotados na região, especialmente do padroeiro. Nessa capela aconteciam os batizados dos familiares do senhor de engenho ou fazendeiro, bem como dos seus escravos e outros moradores das redondezas.

Os senhores de engenho e fazendeiros se utilizavam da Igreja para controlar escravos e trabalhadores. Alguns deles exigiam que seus subalternos fizessem sua confissão, a fim de que o padre lhe confirmasse que deveriam sofrer com paciência, esperando a recompensa no céu, e ter respeito e obediência a seu senhor. Esse realmente era o pensamento da Igreja (HOORNAERT, 1991). Com isso, ela pactuava com a classe senhorial, buscando eliminar conflitos e tensões entre senhores e escravos, entre patrões e serviçais. Aos senhores, se aconselhava a moderação e, aos subalternos, a resignação.

Outra coisa marcante, dentro das expressões da religiosidade popular brasileira, é a formação das Irmandades e Confrarias. E isso começou com os colonizadores que já vinham dessa prática em Portugal e quiseram tornar presente esse tipo de organização nas novas terras. Os fiéis foram, então, se agrupando em irmandades de brancos, negros e pardos com suas mais diversas invocações. As mais requisitadas pelos abastados eram aquelas dedicadas ao Santíssimo Sacramento e ao Senhor dos Passos, enquanto os negros aderiam àquelas de Nossa Senhora do Rosário (AZZI, 1978). Era comum

também que membros da fina flor da sociedade de então fizessem sua profissão nas Ordens Terceiras do Carmo ou de São Francisco. Mas, essas irmandades nem sempre eram piedosas e reverentes ante a hierarquia eclesial. Segundo Henrique Cristiano José Matos, tais irmandades velavam por seus interesses particulares, com base em critérios étnicos e/ ou socioeconômicos e, muitas vezes, tinham um capelão, mas que oficiava como simples funcionário pago pela confraria e que não podia interferir em seus negócios (MATOS, 2011). Esse catolicismo que emergiu do mundo laico, especialmente dos setores dirigidos por membros da elite branca, em sintonia com a mentalidade regalista, intervinha, muitas vezes, em assuntos religiosos, além de se sobrepôr à autoridade episcopal.

Tais irmandades e confrarias se distinguiam em dois tipos: as de misericórdia, que objetivavam a construção e manutenção de abrigos e hospitais e as de fins culturais e devocionais com a finalidade principal, mas não exclusiva, de cultuar seu santo padroeiro (MATOS, 2011). No século XVII, essas entidades tiveram grande florescimento nas principais cidades do país.

Nos tempos atuais, os brasileiros continuam com suas devoções; muitas delas tendo como base mitos, magia, emoções e sentimentos. Há uma diversidade de expressões devocionais partindo desses elementos. Mas essa efervescência religiosa, vista nos tempos hodiernos, está relacionada com a história, a gênese e a formação sociorreligiosa do povo brasileiro. É possível reconhecer laços entre as figuras atuais e as prefigurações matriciais (cf.: RUBENS, 2008, p. 41).

Habitantes dos interiores ainda vivem num mundo mítico, cheio de lendas e crenças fatalistas. Aqueles que residem nas periferias das cidades vivem num mundo mágico, conservando também lendas misturadas com crendices e superstições. Mesmo as classes média e alta vivem num mundo religioso marcado por emoções e sentimentos, permeado também por crendices e superstições, sem lugar para uma fé esclarecida.

A fé do povo nos grandes centros urbanos é, em muitos casos, um composto de tudo isso que acabamos de citar. Apresentando caso análogo, Gilberto Freyre em “Assombrações do Recife Velho” faz uma abordagem do universo religioso e sobrenatural da capital pernambucana. Ele revela uma continuidade das práticas advindas das casas-grandes dos engenhos e que foi tomando espaço nos sobrados dos abastados:

Esses herdaram das casas-grandes seus fantasmas e seu intenso trânsito entre vivos e mortos. Nada lhe escapa na sua busca desse tempo. São dos detalhes, dos costumes, das cotidianidades que ele tece cheiros, texturas, cortinas, vapores, cantigas e rezas (FREYRE, 2008, p. 13).

E esse tecido da religiosidade popular foi sendo constituído dentro da história brasileira por diversas razões, sem o controle eclesiástico. A falta de liberdade de ação por causa do Padroado e o número insuficiente de sacerdotes, entre outras situações, tudo isso atrelado aos elementos das matrizes indígena, africana e portuguesa que se fundiram, resultou nessa tessitura de uma prática religiosa que parece extraeclesial. Freyre levanta uma problemática: Fala de um abandono do povo por parte de eclesiásticos que se colocavam como líderes sociais e políticos em detrimento do pastoreio das almas (FREYRE, 2008). Como não eram atendidos em suas necessidades espirituais pelos sacerdotes, buscavam refúgio nas religiões afro-brasileiras, nos espíritos, na cartomancia. E suas práticas devocionais tendiam às credices, superstições e até mesmo histerias. Mesmo na era do grande desenvolvimento tecnológico e científico, essas práticas continuam presentes na vida dos brasileiros, herança dos tempos coloniais.

Frequentemente, vê-se a religiosidade popular como algo de pouca importância; há quem a trate como simples sincretismo ou invenção do povo. Não se consegue perceber o grande tesouro aí existente. Quando se fala de cristianismo, essa religiosidade é relegada, sobressaindo a ideia de que o sucesso dessa religião se deu a partir de formulações teológicas, bem como ao heroísmo dos cristãos e à atuação de algumas lideranças. Tudo isso teve sua importância, sem dúvida. Mas, pesquisas arqueológicas atuais revelam que, além dessas coisas, a religiosidade popular e a capacidade de diálogo do cristianismo com o povo, especialmente, os sofrendores, foram levando Cristo a substituir as divindades reinantes no imaginário das gentes daquele tempo (HOORNAERT, 2013).

Fidélis de Primerio, tratando da ação dos primeiros missionários no Brasil, tece a seguinte opinião:

A religião soube muito bem acarinhar em seu seio materno o elemento português que nos mandava a metrópole, o elemento negro que importávamos das terras africanas, e o elemento aborígine, os selvícolas, e dos três formar-nos, a gente da Terra de Santa Cruz (PRIMERIO, 1937, p. 5).

Realmente, nesse sentido, muitos elementos dos antigos cultos foram sendo adaptados e incorporados pelos cristãos, inclusive os próprios espaços físicos: templos de várias divindades ditas pagãs foram substituídos por igrejas cristãs. Daí já se vislumbra algo sincrético. E fica difícil dizer o que é puro diante de tudo isso. Aquilo que se considera como ortodoxia está cheio de coisas advindas das diversas culturas. Até mesmo a Bíblia nos apresenta que a religião de Israel acolheu elementos recebidos das culturas e religiões dos povos que lhe eram vizinhos. Não se pode negar, então, a influência das matrizes portuguesa, africana e indígena na formação da religiosidade popular brasileira.

A Igreja Católica em todo o mundo, e não seria diferente no Brasil, está imbuída de diversos elementos da religiosidade do povo. Há quem diga que sua sobrevivência se deve justamente a ela. É preciso compreender toda a riqueza advinda das expressões religiosas das gentes. Acolher essa contribuição não quer dizer aceitar tudo de forma populista. Isso, não. Contudo, com humildade, é necessário buscar aprender com quem se acha que nada tem a ensinar. Há no imaginário popular com suas simbologias algo profundamente evangélico que carece ser descoberto e valorizado. Para isso se faz necessário o diálogo, a fim de encontrar o sagrado que está vivo e presente na fé das pessoas. Da parte da Igreja é, pois, indispensável esse diálogo, uma aproximação e um acompanhamento, com o intuito de aprimorar o que por acaso não esteja de acordo com o Evangelho.

A fé popular continua prestando um grande favor à prática religiosa católica? Podemos afirmar que sim, particularmente quando relativiza os intelectualismos, os saberes livrescos, os cientificismos, como também as teologias e liturgias que se distanciam da vida e da realidade do povo. A religiosidade das pessoas, dessa gente brasileira, continua, pois, a questionar e provocar a instituição. Que seja vista como algo que pode trazer grandes contribuições e novidades à prática eclesial.

À guisa de conclusão, pode-se dizer que a Matriz Religiosa Brasileira e as particularidades religiosas advindas dessa, ocupam a alma, o inconsciente, a intuição, a emoção e o afeto dos brasileiros, influenciando a construção da identidade nacional. Tudo isso tem suas consequências em todo o cenário religioso, no seio da sociedade.

A existência dessa Matriz surge em decorrência do processo civilizatório desencadeado a partir da Colônia e está ligada, no plano religioso, ao ciclo de miscigenação racial e cultural que caracteriza a nacionalidade brasileira. Inconsciente e hegemônica, essa Matriz oferece duas coisas interessantes: Uma postura apriorística

singular da sociedade no que se refere ao sagrado; e o favorecimento de uma religiosidade que exalta as experiências extáticas, as crenças e práticas mágicas, além de condutas utilitaristas no trato com o Transcendente (BITTENCOURT FILHO, 2003).

A Matriz Religiosa Brasileira se afirmou nos confrontos, a partir dos efeitos e consequências das mudanças socioculturais ocorridas no decorrer dos séculos. Ao refletir sobre as influências indígena, portuguesa e africana na formação dessa Matriz, vemos a configuração dos fenômenos religiosos, bem como o perfil das representações religiosas típicas da cultura brasileira, ou seja, uma busca da essência, do sentido e da estrutura dos fenômenos religiosos que acontecem no Brasil. Tal reflexão contribui para o aperfeiçoamento da interpretação acerca da realidade religiosa do país que é fascinante. Com isso, pode-se chegar, inclusive, a uma maior e mais verdadeira compreensão do campo religioso brasileiro atual. Enfim, somente quando a cultura e a fé do povo brasileiro, sedimentadas sob a contribuição da Matriz Religiosa, forem levadas a sério, e quando houver uma inculturação que valorize a experiência religiosa popular, chegar-se-á ao tesouro escondido que dará grandes contribuições à prática eclesial hodierna.

Face ao exposto, é possível fazer uma interpretação da devoção a Frei Damião de Bozzano a partir do catolicismo popular? Cremos que sim. É o que faremos nas páginas seguintes, onde abordaremos essa questão e apontaremos quais as contribuições desse devotamento para a evangelização na contemporaneidade.

3. UMA INTERPRETAÇÃO DA DEVOÇÃO A FREI DAMIÃO E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A MISSÃO

3.1 A devoção em torno da figura de Frei Damião de Bozzano

Frei Damião chegou ao Brasil em 1931 e, poucos anos depois, já se tinha notícia de sua fama de santidade. O jovem capuchinho, dedicado à faina missionária, tornava-se conhecido por suas pregações e por uma vida austera, fazendo o povo entender que se tratava de um santo (URBANO DE SERTÂNIA, 1952). Na verdade, o povo nordestino mantinha na memória o testemunho de antigos missionários e vislumbraram, naquele frade recém-chegado, características de santidades vistas naqueles outros. Como reflete Emerson Silveira, a nossa compreensão de memória religiosa deve ser entendida como um fio condutor que liga sujeitos individuais ou grupos sociais e renova suas lembranças num movimento contínuo (SILVEIRA, 2018, p. 33). Assim aconteceu com Frei Damião e o povo nordestino.

Advindo da região toscana, na Itália, Frei Damião tornou-se seguidor de São Francisco de Assis, imbuindo-se do carisma capuchinho e, atento às necessidades da Igreja, colocou-se à disposição para a evangelização no Nordeste brasileiro. Nessas terras, deixou um grande testemunho de ardor apostólico. Sua entrega à missão, seu modo de ser e pregar, levavam as pessoas à convicção de que estavam diante de um santo. Sobre essa questão, Lêda Cristina Correia da Silva, a partir de suas pesquisas, afirma:

A devoção que surge e se consolida a partir da segunda metade do século XX, em torno de Frei Damião, remonta à primeira década de atividade missionária. Durante sua atividade pelo nordeste brasileiro, Frei Damião esteve, desde o início, rodeado pelos fiéis nas suas missões. Os relatos de curas, ou de quaisquer outros milagres atribuídos ao frade, são encontrados já na primeira década de missão no Brasil. Segundo Frei Fernando, também impulsionador da devoção, a crença na santidade de Frei Damião vem desde 1933, em uma missão que foi realizada em Itabaiana, na Paraíba, a convite do Mons. Coelho (SILVA, 2009, p. 108).

Na década de 1950, refletindo sobre a figura do já famoso missionário, Frei Urbano de Sertânia escrevia:

Frei Damião é o modelo perfeito do missionário apostólico, é uma sombra viva de Francisco de Assis, ou melhor, um rastro fulgurante de

sua luz seráfica. Frei Damião vai à Itália, mas voltará em breve. Como Santo Antônio nasceu em Lisboa, mas se tornou paduano, assim Frei Damião nasceu na Itália, mas tem um coração brasileiro. Ele será certamente um santo do Brasil (SERTÂNIA, 1952, p. 7).

Tudo isso nos fala de identidades religiosas herdadas. É nesse campo que se detém Danièle Hervieu-Léger quando argumenta que a transmissão das instituições, valores e crenças de um grupo ou sociedade para as gerações posteriores, fundamental para sua continuidade no tempo, sofreu profundas transformações. Mas continuidade não significa imutabilidade (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 57). Em sua abordagem, a pensadora fala de um vínculo particular da continuidade que a religião sempre estabelece entre os crentes de sucessivas gerações. Ela recorda que qualquer crença pode ser objeto de uma formulação religiosa, desde que encontre sua legitimidade na invocação à autoridade de uma tradição. Esse tipo de coisa institui, organiza, preserva e reproduz a “corrente da memória” dos que têm a mesma crença (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 26-27).

As Santas Missões pregadas por Frei Damião foram, muitas vezes, marcadas por sinais extraordinários. Muitos participantes presenciaram curas e exorcismos; outros falam de chuvas, onde a seca era desoladora etc. Relatos de curas e milagres atribuídos ao frade são encontrados já na primeira década de missão. Diante de tais sinais, o povo exclamava: é um santo vivo! Tudo isso foi gerando uma grande devoção ao missionário. Embora se misturando com folclore e estórias de “ouvir dizer”, o fato é que tais acontecimentos extraordinários povoaram o Nordeste e o Brasil com a figura do “Santo das Missões”, como passou a ser chamado Frei Damião, principalmente pelos meios de comunicação (SOUSA NETO, 2011).

Durante as Santas Missões, muitas pessoas procuravam o missionário devido à fama de sinais, ligada ao “homem santo”, que fazia milagres. Dentre tantos casos que podem ilustrar isso, temos o exemplo do relato de uma missão de Frei Damião, ocorrida na cidade de Boquim, em Sergipe: “Durante sua permanência na cidade, muitos acreditavam que o mesmo operava milagres. Devido essa notícia, várias pessoas ficavam na espera dos missionários para poderem receber as bênçãos” (SILVA; SANTOS, 2014, p. 8).

Em relação à fama de milagreiro, Frei Urbano de Sertânia opina o seguinte:

Frei Damião não faz milagres. Não, ele não faz milagres, convenhamos. Se, porém, atendermos ao milagre de ordem espiritual que os doutores afirmam serem de ordem superior aos milagres

sensíveis de natureza física, então, estejamos certos que Deus multiplica aos milhares os milagres nas mãos do missionário: conversões de pecadores endurecidos no vício, transformação de almas gélidas em almas férvidas, enfim salvar almas! Salvar almas, fim supremo e sublime dos evangelizadores do Verbo de Deus (URBANO DE SERTÂNIA, 1957, p. 6).

É importante se ater aos sinais exteriores observados na vida do missionário: o crucifixo, o rosário, o hábito, as sandálias. Ele carregava sempre consigo um crucifixo, o sinal da salvação. Assim faziam os antigos missionários capuchinhos desde o século XVII. Também a implantação dos cruzeiros nos locais de missões foi praticada por Frei Damião, como fora pelos seus antecessores (PRIMERIO, 1940). O rosário, como expressão da devoção à Virgem Maria, e a meditação dos mistérios da redenção foram igualmente estimulados. O hábito⁴² que recorda São Francisco, que se fez pobre entre os pobres, criava uma identificação do povo com o santo. Também as sandálias lembram as andanças, a disponibilidade para o caminho. Além do que, evocam o despojamento, como pedira Francisco a seus frades: “Os irmãos não se apropriem de nada, nem de casa, nem de lugar, nem de coisa alguma. E como peregrinos e forasteiros (cf. 1Pd 2,11) vivam neste mundo, servindo ao Senhor em pobreza e humildade” (REGRA BULADA, VI, 2-3).

Outra coisa importante no campo da devoção a Frei Damião é a Palavra. Frei Damião foi o “homem da Palavra”, no sentido de que dedicou toda a sua vida à pregação do Evangelho. Suas prédicas marcadas pelos ensinamentos do magistério da Igreja, especialmente do Concílio de Trento, porém com um acento hermenêutico do Vaticano I⁴³, chegavam ao coração das pessoas, provocando conversões. Ademais, tinha sempre uma palavra de conforto e esperança aos abatidos, um conselho, uma correção aos errantes, tudo com base na Palavra de Deus. O povo se aglomerava na praça da matriz para ouvir os sermões do frade, os conselhos do missionário. Eduardo Hoornaert afirma que sua coerência repercutia positivamente sobre quem dele se aproximava e igualmente sobre o povo em geral. Todos os que o seguiam confiavam nele. “O fascínio

⁴² O uso do hábito é um forte apelo à conversão, sinal de consagração a Deus e de pertença à Ordem. Com isso se expressa a condição de frade menor, fazendo com que também as vestes usadas sejam um testemunho de pobreza (Constituições da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos 35,3).

⁴³ O Concílio Vaticano I aconteceu entre os anos de 1869 e 1870. As principais decisões do Concílio foram conceber uma Constituição dogmática intitulada "Dei Filius", sobre a Fé católica e a Constituição Dogmática "Pastor Aeternus", sobre o primado e infalibilidade do Papa quando se pronuncia "ex-cathedra", em assuntos de fé e de moral. E tratou-se de questões doutrinárias que eram necessárias para dar novo alento e informar melhor sobre assuntos essenciais de fé, condenando os erros do racionalismo, do materialismo e do ateísmo. Já o Concílio de Trento ocorreu séculos antes, entre os anos de 1545 a 1563 para opor-se às ideias protestantes.

que emana de sua pessoa faz com que suas palavras sejam seguidas e alcancem real eficácia” (HOORNAERT, 1997, p. 673).

Fazendo uma análise dessa devoção em torno de Frei Damião, Lêda Cristina Correia da Silva chega à seguinte conclusão:

No Brasil, a devoção a Frei Damião aparece dentro de um conjunto de práticas devocionais, que configura o campo religioso católico. Esta devoção tem como um dos principais fundamentos a crença na capacidade de Frei Damião, segundo seus devotos, em operar milagres, entre o povo a quem pregava. Estes devotos buscavam no frade mais que assistência espiritual. Iam ao seu encontro na esperança de encontrar as soluções para os problemas que lhes circundavam a vida (SILVA, 2009, p. 121).

Outro aspecto importante que fez com que as pessoas começassem a ver em Frei Damião um santo, reafirmando, assim, o devotamento que lhe tinham, é a caridade franciscana. Ele se mostrou acessível a todos, acolhedor, não fazendo acepção de pessoas. O frade se identificou com as pessoas mais pobres, embora não tenha assumido a “opção preferencial pelos pobres”, como se concebeu na história de vida de outros personagens católicos. Entretanto, Frei Damião tem em seu favor o testamento da pobreza, no sentido do amor que tinha para com os pobres e na sua prática missionária, pois se sabe que, em suas andanças, viveu muito mais entre os empobrecidos. Nesse quesito, Dom Bernardino Marchiό diz: “Quem eram os maiores seguidores de Frei Damião? Os pobres que nas suas palavras encontravam a força para carregar a cruz de cada dia” (MARCHIό apud SILVA, 2015, p. 68).

A santidade do frade capuchinho era apregoada não somente por quem conhecia suas virtudes, mas também por esses supostos milagres que aconteciam nas missões. Isso, porque, os fieis consideravam esses fatos como sinais de Deus, através do frade, o que ajudava na construção da ideia de que havia no meio deles um santo, e, com isso, só crescia a devoção. Não obstante tais fatos, às vezes, parecessem folclóricos, a verdade é que tais acontecimentos atraíam a atenção do povo, e davam o que falar, até mesmo na imprensa. Seguem alguns relatos que ilustram bem essa página.

Apareceu na televisão e no Jornal do Comercio notícia que o missionário Frei Damião, na cidade de Patos (Paraíba), operou dois milagres: 1º Uma senhora muda falou; 2º Um rapaz com grandes dores de dentes, passaram com um sinal da cruz de Frei Damião (LIVRO DE CRÔNICA, 1950-1982, p. 57v).

Uma mulher paraibana, com câncer nos seios, curou-se; uma criança com paralisia infantil levantou-se e andou normalmente; uma mulher alagoana, portadora de distúrbios mentais curou-se. Esses são apenas

três dos oitenta milagres que o Instituto de Teologia do Recife registrou (GAZETA DE ALAGOAS, 2003, p. A20).

Nesse âmbito de fama de sinais, Monsenhor José Nicodemos, da diocese de Guarabira-PB, dá o seguinte testemunho:

O diácono estava encarregado de acordar Frei Damião para uma celebração matinal. Às quatro da manhã o homem aproximou-se da cama onde dormia o capuchinho e ficou espantado com o brilho que emanava de seu corpo. Era uma fosforescência inexplicável (HILTON, 2007, Matéria especial).

Os poetas populares também escreveram muitas coisas sobre Frei Damião, verídicas ou não, estão presentes no imaginário popular.

Joaquim todo encolhido/Chegou aos pés do altar/Frei Damião disse a ele/ Quero ver você andar/Com fé em Jesus Cristo e em mim/ Nestas palavras, Joaquim/ Começou a caminhar (BANDEIRA, 1991, p. 49).

Em uma Santa Missão/ que fez em Surubim/ deu a vista a um pobre cego/ que se chamava Crispim/ e quando fazia isto/ dizia: agradeça a Cristo/ nosso Pai, não a mim (SOARES, apud SOUTO MAIOR, 1998, p. 62).

A devoção das pessoas a Frei Damião foi fomentada por esses poetas, de modo especial, através da literatura de cordel, tão difundida em toda a região Nordeste. Fatos retratados de forma poética, causos contados como se fossem verídicos, tudo isso era levado em conta pelos leitores e ouvintes. Comentando a questão, Lêda Cristina Correia da Silva faz a seguinte afirmação:

As crenças dos devotos foram, desde os primeiros relatos, potencializadas pela literatura de cordel, cuja produção disseminou a figura do taumaturgo, milagreiro, Frei Damião, de modo a difundir crenças e supostos milagres. O status de sacralidade, com o qual os devotos de Frei Damião o investiu, desde o período das suas missões, contribuiu para a disseminação e consolidação da devoção (SILVA, 2015, p. 110).

Quando questionado sobre os milagres ocorridos em suas missões, Frei Damião reagia, humilde e discretamente, sempre apontando Deus como o realizador de todas essas coisas. Certa feita, tratando do assunto, ele disse o seguinte:

É o povo que inventa os milagres. Isso é próprio do sentimento religioso popular. Os sertanejos acreditam que sou responsável pelos resultados que nossas orações conjuntas trazem. Mas, não é assim. Os milagres somente chegam para aqueles que têm fé. Não é possível o milagre para quem não crê em Deus (LAZZARI, 2002, p. 78).

Outra vez, um jornalista lhe perguntou: O senhor próprio se reconhece uma pessoa mística? O povo lhe dedica verdadeira devoção, a ponto de rasgar suas vestes para guardar pedaços que considera sagrados. Ao senhor, já foram atribuídos milagres e até castigos. Diante da questão, Frei Damião respondeu:

Pode ser que Deus tenha operado algum milagre. Isso pode. Mas o que se conta são exageros da bondade do povo, que gosta de falar muita coisa a meu respeito. Eu mesmo não tenho convicção de haver feito milagre. Em todo caso, se houve alguma graça, alguma graça extraordinária, eu devo a Deus e a fé do povo n'Ele. Muitas vezes, o povo pede alguma coisa, pede a bênção. Eu mando rezar para Nossa Senhora, recomendo três Ave-Marias todos os dias. Pode ser também que Nossa Senhora tenha atendido ao pedido de graças (LEITE, 1972, p. 63).

Contudo, mesmo recusando a fama de milagreiro do Nordeste, as pessoas continuavam a venerá-lo. Muitos, ao vê-lo, não se continham, queriam tocá-lo; acreditavam que, ao tocar naquele homem de Deus, ficariam curados. Mesmo quem não conseguia chegar perto dele, parecia tocar o sagrado de sua pessoa com o coração, e passava a enxergá-lo mais com fé do que com os sentidos, como que a vislumbrar nele um espelho do Transcendente ou, em linguagem mais simples, tal qual aconteceu com seu pai espiritual Francisco de Assis, viam nele 'outro Cristo'. Assim foi emergindo, no Nordeste, a construção de um taumaturgo (SILVA, 2019).



Expressões de devoção a Frei Damião em Santo Antônio do Salto da Onça-RN, 1987

Nesse sentido, observando o movimento devocional em torno de Frei Damião, vale refletir a teoria apresentada por Danièle Hervieu-Léger que nos fala de um novo cenário religioso, com a difusão de um crer individualista e da disjunção de crenças, bem como de pertencas confessionais. Isso se dá pela incapacidade de regulação dos aparatos institucionais. É, portanto, uma religiosidade em movimento. As pessoas vão criando suas imagens de Frei Damião, cada um de acordo com suas experiências. A

instituição não tem como controlar isso. É a tendência afirmada por Hervieu-Léger que recorda que as crenças dão um sentido à experiência subjetiva dos indivíduos (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 22).

A fama de milagreiro é crescente. Já nos primeiros anos de sua atividade missionária, o povo falava de sinais extraordinários. E, depois da morte do missionário, muitos casos de graças alcançadas e possíveis milagres têm sido relatados pelos fiéis. Seguem dois relatos:

A senhora Maria Cícera da Silva, da cidade de Quipapá-PE, relata o seguinte:

Eu tô aqui no túmulo do meu padim Damião para agradecer. Há poucos dias estive muito doente. Com dores fortes nas costas e nas pernas. Fui para o médico, que não conseguiu dizer o que eu tinha. Aí rezei, chorando, para ele me ajudar, e olhe eu aqui, agora, ajoelhada, andando, quando, antes, estava em cima da cama. Foi ele que curou. Meus pais já eram devotos dele. Eles morreram, mas eu continuei na fé (REVISTA FREI DAMIÃO, 2012, p. 53).

O senhor Glécio dos Santos, residente em Alagoa Grande-PB, faz o seguinte relato:

Eu tive um problema de um câncer na face. E, com muita fé em Frei Damião, rezei muito, pedi muito. E, graças a Deus, primeiramente Deus, e, segundo, Frei Damião, eu venci. Os médicos falaram pra minha esposa que não tinha mais cura, era pra eu voltar pra casa e esperar a hora, já tinha comprometido o rosto, o cérebro, tudo. Mas com muita fé, a gente rezando, graças a Deus... Hoje eu tô curado. Os médicos falaram que era um milagre porque não tinha explicação (FLORES FILHO, 2013, p. 279).

Toda essa devoção a Frei Damião pode ser vista desde a sua chegada ao Brasil até os dias de hoje, duas décadas depois de sua morte. Desde a década de 1930 é venerado por grande parcela da população nordestina, especialmente os sertanejos, sendo reconhecido como grande pregador e taumaturgo. As pessoas procuravam-no, sedentas da Palavra de Deus, de um conselho, de uma orientação espiritual; queriam, a todo custo, receber sua bênção, serem curadas, obter um milagre. Na opinião de Riolando Azzi, “não se trata apenas de inúmeros milagres atribuídos ao santo. A origem de sua própria imagem e do seu culto é, no mais das vezes, considerada milagrosa” (AZZI, 1978, p. 77).

Nesse contexto, em que a devoção ao frade apresenta-se diversa, dependendo da experiência individual do fiel e de suas necessidades particulares, podemos levar em conta o que disse Danièle Hervieu-Léger: “Permanece-se, então, na singularidade das construções de crenças individuais, em seu caráter maleável, fluido e disperso e, ao

meso tempo, na lógica dos empréstimos e reutilizações de que as grandes tradições religiosas históricas são objetos” (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 22). Seguindo essa reflexão, observamos que as expressões de devoção a Frei Damião pertencem a práticas, linguagens, gestos e automatismos espontâneos que constituem o “crer” contemporâneo.

O próprio Frei Damião relata fatos de pessoas que o procuravam para confissões, pregações, bênçãos e curas. Em missiva dirigida aos pais, logo no início de sua atividade missionária no Brasil, ele já partilhava com eles o seguinte:

Estou muito bem de saúde. Não sei o que dizer-vos de novo porque a minha vida é sempre a mesma: pregar e confessar dias inteiros. Aqui o povo corresponde muito e se entusiasma também facilmente. Imaginai que, pregando uma missão nestes dias passados, dois homens trouxeram uma pobre doente numa maca, nas costas, para que a abençoasse, e caminharam 18 quilômetros para isso (FREI DAMIÃO, 1933).

Noutra carta remetida à senhora Helena Rinaldi, ele afirma:

Estou aqui em Caruaru pregando a santa missão: milhares de almas esperam para confessar-se e escutarem a Palavra de Deus. Sempre me ponha nas suas orações, a fim de que seja fecundo o meu apostolado (FREI DAMIÃO, 1966).

É importante se ater ao fato de que as opiniões são diversas quando se trata de milagres. Os casos são diversos, e vão desde a cura de problemas de saúde a fenômenos da natureza, como fazer chover em tempos de seca. Todavia, nem tudo pode ser considerado miraculoso porque, muitas vezes, pode ser facilmente explicado pelas ciências. Contudo, é perceptível a atribuição de tais fenômenos ao frade. E quem conta ou repassa esses fatos tem a clara intenção de fazer com que seu interlocutor acredite nos poderes do capuchinho (SOUSA NETO, 2011).

Gianfranco Lazzari recorda que “Frei Damião ocupa um lugar importante no contexto da religiosidade popular, sobretudo pela fama de santidade e pelos milagres que lhe são atribuídos” (LAZZARI, 1997, p. 37). No entanto, a fama de santidade de Frei Damião, não se dá somente por causa dos sinais miraculosos que se diziam acontecer durante as Santas Missões. É clara a ideia de que muitos o consideram santo porque se fez “frade do povo”, interessado na realidade sofrida da população nordestina, muitas vezes, desassistida pela Igreja.

Tratando exclusivamente sobre a santidade do capuchinho, Eduardo Hoornaert afirma:

A maioria dos missionários europeus ou europeizados nunca teve real contato com o povo, principalmente por causa do caráter secularizante de seu comportamento. Frei Damião, pelo contrário, é universalmente conhecido pelo povo pobre como um santo. Os sermões que ele repete, quase literalmente, desde 1931, são peças dogmáticas ou moralistas, que representam a teologia católica ensinada na Universidade Gregoriana de Roma, onde o frei estudou, nos anos 1925-30. Contudo, há um elemento incontestável que marca a sua atuação: sua presença em qualquer cidade ou vila, transforma o lugar num local de encontro, amizade e gratuidade entre as pessoas (HOORNAERT, 1979, p. 49).

Já em vida, Frei Damião era tratado como santo e, por ocasião do seu falecimento, houve uma grande demonstração de devotamento à sua pessoa, fato que foi amplamente divulgado pela imprensa. Para ilustrar, vejamos, a seguir, uma das publicações.

Durante os três dias de velório, os fiéis formaram filas de cinco quilômetros para entrar na igreja. Eram quatro horas de espera para ficar apenas dez segundos em frente ao caixão. Diante do corpo, os crentes choravam e erguiam retratos, camisas, fitas, orações e até garrafas de água para que fossem abençoadas. Na quarta-feira, um corredor humano de oito quilômetros acompanhou o caixão até o Estádio do Arruda. Calcula-se que 300.000 pessoas tenham ido ao Hospital, à Basílica ou ao Estádio (VEJA, 1997, p. 117).

A morte de Frei Damião repercutiu também na Europa, especialmente na Itália, sua pátria. Os principais jornais italianos deram destaque: “Morreu Frei Damião, herói dos pobres do Brasil” (*La Repubblica*, 02/06/1997); “A última batalha de Frei Damião: no Brasil, pobres e poderosos à cabeceira do frade toscano” (*Il Tirreno*, 29/05/1997); “Brasil em luto por Frei Damião, o italiano amado dos pobres do sertão” (*Corriere della Sera*); “Frade capuchinho considerado santo morre no Brasil” (Diário de Notícias). Também a Rádio Vaticano, através de boletim especial, bem como a BBC de Londres, deram a notícia a outros países (SOUSA NETO, 2011).

No Brasil, aconteceram muitas manifestações de pesar. Foi decretado luto oficial de três dias, nas esferas federal, estadual e municipal. Diz Francisco Lopes de Sousa Neto: “Durante os quatro dias de funerais, mais de duzentas mil pessoas passaram diante do corpo. Longas filas se estendiam por horas. As pessoas suportavam fome e sede, cantando e rezando em meio às lágrimas” (SOUSA NETO, 2011, p. 96).

Ao observar todo esse movimento durante o midiático velório, Eduardo Hoornaert fez a seguinte análise:

Estamos aqui diante do ‘povo católico’ de Pernambuco, da Paraíba, de Alagoas, do Rio Grande do Norte. Não sei como definir de outra

forma essa enorme massa: não dá para falar aqui de ‘ignorantes’, ‘fanáticos’ (como nos tempos de Canudos, cuja destruição alcança este ano o primeiro centenário), ‘históricos’ (como alude o jornalista da revista IstoÉ), ou simplesmente seguidores de uma mal amada e mal definida ‘religiosidade popular’. Preferimos chamar as pessoas – que vieram em muitos casos de longe e enfrentaram cansaço e despesas para dar um último adeus a Frei Damião – de ‘povo católico’. Em se tratando de 300.000 pessoas, achamos que já se pode falar de um povo (HOORNAERT, 1997, p. 670).

A partir dessa reflexão, observamos que não se pode ignorar tamanha manifestação de fé e devoção de um povo. Tudo isso não seria fruto da “opção pelos pobres” feita pelo frade, como fizera antes seu pai espiritual Francisco de Assis, a exemplo do próprio Jesus? Uma opção por um povo concreto e histórico, contudo nem sempre tão pobre, pois muitos membros da elite nordestina procuravam Frei Damião para obter um conselho ou até mesmo um pouco de água benta por ele; pessoas abastadas que também têm suas dificuldades como todo mundo (CARMO; AGUIAR, 2016). São pessoas que, independentemente de sua condição social, acendem velas, creem em milagres, fazem promessas e cultivam uma terna devoção aos santos.

A memória desse missionário que dedicou sua vida à evangelização permanece viva no meio dos nordestinos. Manifestações de devoção à sua pessoa podem ser encontradas em diversos lugares, nos vários estados que compõem a região. Observando-as, vê-se que vale a pena investigá-las, sem recorrer aos velhos chavões de ‘ignorância religiosa’, ‘superstição’, ‘histeria’ ou coisa do tipo. Tais termos já não condizem com essa realidade e soam tantas vezes desrespeitosos com a prática popular. Com isso, estou parafraseando Eduardo Hoornaert, quando diz que é preciso abandonar tais termos em favor de conceituações mais dignas da grande maioria do povo brasileiro (HOORNAERT, 1997).

O surgimento da devoção a Frei Damião se consolida a partir da segunda metade do século XX, remontando à primeira década de sua ação missionária. Desde aquele tempo, ele esteve próximo dos fiéis, indo ao encontro das diversas realidades, segundo o discurso do Papa Francisco: fazendo-se presente nas periferias geográficas e existenciais do povo nordestino. Isso lhe rendeu um grande reconhecimento por parte das pessoas, particularmente as mais carentes e sofridas. Ele mesmo escrevendo a seus pais, no início de seu apostolado diz: “Não tenhais pena de mim se estou longe: é por amor de Deus e para fazer um pouco de bem às almas” (FREI DAMIÃO, 1931).

Em relação à construção dessa devoção em torno do capuchinho há um arquétipo de santidade a ser contemplado, e que faz parte do imaginário de muitos que o

devotam. Daí delinea-se, entre o povo, o perfil de um homem de Deus, austero, penitente, conservador, taumaturgo, conselheiro e comunicador. E isso se afirmou ainda mais depois de sua morte (SOUSA NETO, 2011).

Em 1997, Frei Damião veio a falecer, e foi sepultado no convento São Félix de Cantalice, na zona sul do Recife, local que se tornou um espaço de romarias e preservação da memória do missionário. Tanto o frade quanto o lugar onde viveu seus últimos anos, e que guarda hoje seus restos mortais, tornaram-se sagrados. Na compreensão de Mircea Eliade, pessoas e objetos podem ser revestidos de um aspecto sagrado. Aquilo que antes era dito profano pode tomar um novo significado (ELIADE, 1992). Assim aconteceu com o missionário e seu túmulo. Mas, não somente aí. Há outros espaços no Nordeste, lugares por onde ele passou ou repousou, que as pessoas mantêm como sagrados, pois ali esteve um santo, dizem.

Tratando ainda do local onde se encontra sepultado, esse evoca as antigas missões e os conselhos do frade. É um espaço de perpetuidade da sua memória, que os romeiros transformaram em ‘santuário’. Ali compartilham rituais e práticas devocionais, evocando uma celebração da santidade do frade.

A evocação é um modo de recordar, de não esquecer. Assim sendo, pode-se compreender a atmosfera celebrativa, que envolve algumas datas especiais ligadas a Frei Damião, especialmente do seu nascimento e morte, respectivamente, 05 de novembro e 31 de maio. Esse movimento leva a uma compreensão acerca das festas realizadas nessas datas, bem como das expressões de devoção ao ‘Santo do Nordeste’. Isso tudo, a partir da concepção de Émile Durkheim, para quem o rito “serve para manter a vitalidade das crenças, para impedir que elas se apaguem da memória” (DURKHEIM, 1996, p. 409). Ou ainda, segundo Peter Berger, que vê o ritual religioso como um “instrumento decisivo” no processo de “rememoração” (BERGER, 1985).

Toda essa devoção a Frei Damião pode ser vista ainda a partir do pensamento de Mircea Eliade, quando propõe o termo hierofania, ou seja, uma irrupção do sagrado e, através dele, a manifestação divina no cotidiano (ELIADE, 1992). Na crença dos devotos, o frade se apresenta como uma hierofania, isto é, por meio dele e de sua memória, muitos percebem a manifestação de Deus em suas vidas. É alguém que leva as pessoas a Deus.

Como já foi dito, desde a sua morte, a cada domingo, o seu túmulo tem sido meta de romarias. Cada romaria torna-se momento propício para a consolidação da fé, através do encontro dos devotos no espaço sagrado, onde repousa o corpo do santo. Os

gestos e expressões reatualizam, de certo modo, o que muitos vivenciaram em sua presença, durante as Santas Missões. Segundo Riolando Azzi, a romaria tem a finalidade de exprimir a fé e homenagear o santo cultuado e frequentemente essa expressão de fé se manifesta pelo fato de vir pedir uma graça ou cumprir uma promessa (AZZI, 1978). Para os jovens, é tempo de conhecer o frade, de modo particular, mediante as histórias e causos contados pelos mais velhos, que assim o fazem para transmitir o legado deixado pelo missionário às novas gerações. Isso está em concordância com a reflexão de Eliade quando afirma que “são as reatualizações periódicas dos gestos divinos, numa palavra, as festas religiosas, que voltam a ensinar aos homens a sacralidade dos modelos” (ELIADE, 1992, p. 17).

As festas e romarias de Frei Damião realizadas no convento São Félix, e em diversos lugares do Nordeste, asseguram a continuidade da devoção. Para o povo, ele é um santo, mesmo ainda não sendo canonizado pela Igreja. Inclusive, o percurso de reconhecimento oficial da santidade de alguém passa justamente pela devoção popular. É preciso que a fama de santidade seja difundida entre os fiéis acerca da pureza e da integridade de vida do indivíduo e acerca das virtudes por ele praticadas em grau heroico, bem como a fama de sinais ocorridos por sua intercessão, conforme rezam os artigos V e VI da Instrução *Sanctorum Mater* para a realização dos inquéritos diocesanos ou nas eparquias, nas causas dos santos. É como afirma o ex-prefeito da Congregação das Causas dos Santos, Cardeal Angelo Amato:

A tradição fala de *vox populi*, *vox Dei* ou também de *sensus fidelium*. Na realidade a Igreja sempre quis verificar esta *vox populi* com a verificação acurada dos fatos, mediante os testemunhos relativos à santidade, ao martírio e à presença de graças e de favores celestes obtidos pela intercessão de um Servo de Deus. É talvez inútil notar que, para reconhecer como autêntica a fama de santidade ou martírio, não é suficiente que essa seja professada pela maior parte do povo, mas deve ser também avaliada por pessoas particularmente qualificadas por autoridade e equidade de juízo (AMATO, 2012, p. 14-15).

O processo pró-canonização do frade está adiantado, mas vale ressaltar que o povo já o devota como santo e, enquanto espera o posicionamento oficial da Igreja, produz, promove e consolida sua devoção. Falando sobre isso, a devota Celline Marques afirma:

Esse processo para transformar ele em santo, para quem é devoto, é só uma formalidade, porque quem vive como ele viveu, só fazendo o

bem, Jesus abraça. Para o povo, Frei Damião é santo (REVISTA FREI DAMIÃO, 2012, p. 53).

Além do devotamento que o tornou um ícone religioso, Frei Damião está ‘eternizado’ na cultura do povo nordestino. Músicas foram feitas em sua homenagem: uma delas, de autoria de Janduhy Finizola, se tornou um grande sucesso na voz de Luiz Gonzaga, revelando diversos aspectos da vida e obra do missionário:

Frei Damião, onde andaré Frei Damião? Deu-lhe o destino, viver nordestino. É hoje o nosso irmão. Quando o galo canta na madrugada, já toda gente de pé se benze na procissão, numa marcha santa, dentro da alvorada, vai na frente um homem, um quase santo, Frei Damião. Com a reza e a campá, desperta canta. Já chegou o tempo, ninguém perca tempo, vamos pras missões! Pecador te ajoelha! Em Deus quem se espelha, só pode ter de Frei Damião sua proteção. Frei Damião, meu bom Frei Damião, o seu perdão numa confissão faz um bom cristão. Frei Damião, meu bom Frei Damião, eu sou nordestino, eu estou pedindo a sua benção. Pé que pisa a terra, sem caminhos erra. Este mesmo, esta mesma gente está nas missões, quer saber do inverno, quer fugir do inferno, quem tem devoção com Frei Damião não tem provação (GONZAGA, Luiz, 1979).

Ainda na música, temos uma letra intitulada “Prece a Frei Damião”, cantada por Alcymar Monteiro que também acentua diversos aspectos interessantes da vida e obra de Frei Damião e revela algumas motivações devocionais do povo nordestino em relação ao capuchinho:

No final do milênio, Deus levou um gênio da simplicidade, um santo, um frade, mestre, conselheiro, soldado e guerreiro, de grandes ações. Batina surrada, voz enrouquecida; um século de vida rasgando os sertões. Ó meu Frei Damião, agora em minha aflição, com quem vou conversar? Peço ao senhor que interceda a Cristo, nosso Senhor, tira de mim essa dor; se eu for merecedor, minha angústia passar, não posso lhe pagar, as posso mandar rezar uma missa pro senhor. Por suas sandálias pobres, usadas por pés tão nobres, iguais aos pés de Jesus, me mostra um raio de luz. Se eu merecer ser ouvido, me atenda este pedido, ó capuchinho querido, tira de mim esta cruz (MONTEIRO, Alcymar, 1999).

Outra grande expressão da arte popular encontra-se no “repente”. E Frei Damião também foi cantado por diversos repentistas. Trazemos aqui algumas estrofes de um texto de autoria da dupla Moacir Laurentino e Sebastião da Silva, num improviso sobre a morte do frade, intitulado “A partida de Frei Damião”.

Mês de maio é o mês de Maria/ Na Igreja é um mês de oração/ Mas agora foi grande a tristeza/ Quem sentiu foi com muita razão/ Morreu Frei Damião de Bozzano/ Um exemplo de amor e perdão/ A Itália chorou comovida/ Na partida de Frei Damião.

Seus sermões eu ouvi muitas vezes/ Contra a guerra, perigo e conflito/
Muita gente me diz que ele é santo/ Ele é santo, eu também acredito/
Humildade pureza e brandura/ Oração, sacrifício e bendito/
Caminheiro da estrada de Deus/ Menestrel das canções do infinito.

Tudo quanto lhe deram, entregou/ Pras crianças num gesto feliz/ Seu
trabalho serviu como amparo/ Para a vida de tantos guris/ Não
somente a Igreja sentiu/ Essa perda no nosso país/ Não quis luxo,
mansão nem riqueza/ Igualmente Francisco de Assis (LAURENTINO,
Moacir; SILVA, Sebastião da, 1997).

Na xilogravura, Frei Damião está representado na obra do maior artista dessa classe, J. Borges. Outros grandes artistas também o homenagearam: Tereza Costa Rego, Zezinho de Tracunhaém, Maria Amélia, Mestre Dila de Caruaru e Abelardo da Hora, para citar alguns.

Exemplos dessa devoção dos artistas, nós os podemos encontrar em dois depoimentos. Primeiro, de uma escultora, Maria Amélia:

Faço esta imagem com amor, com aquela fé, aquelas orações santas que ele fazia. Vou trabalhando com a lembrança dele, de como ele era. Me lembro de seus conselhos e isso me ajuda a fazer as peças [...] me confessei com ele e tenho um quadro com a foto dele (REVISTA FREI DAMIÃO, 2007, p. 37).

Um segundo depoimento é do humorista Chico Anysio:

Ele sabia mais do que ninguém, transformar suas visitas ao povo num grande acontecimento. Frei Damião estava com Deus e Deus estava com ele. Mesmo no fim da vida, esse padre era capaz de transformar o ritmo normal de uma paróquia num dia especial, num dia de festa. Toda vez que Frei Damião chegava num lugar era para alegrar todo mundo, encher os corações de esperança, de temor ao nome infinito de Deus. Eu mesmo conheci Frei Damião e guardei várias coisas que ele disse. Coisas importantes que, sinceramente, agitaram os meus dias de juventude. E se é permitido ficar orgulhoso, eu estou (SILVA, 2015, p. 45).

Centenas de livretos de literatura de cordel retratam sua história e seus feitos (COSTA, 1998). É impossível catalogar todos os livretos publicados sobre Frei Damião. Diz Mário Souto Maior:

Uma das provas mais conclusivas da enorme popularidade de Frei Damião no Nordeste é, sem nenhuma sombra de dúvida, a de sua significativa presença na literatura popular em verso... Frei Damião é tema preferido dos escritores populares (SOUTO MAIOR, 1998, p. 55).

Há um filme pronto para ser veiculado nos cinemas de todo o Brasil, tratando exclusivamente da vida e obra do frade. Tudo isso demonstra que sua figura ultrapassa

os limites da religião, tornando-se um personagem presente em várias expressões culturais do Nordeste. Dele, contam-se causos e coisas tantas que, para muitos, ele se tornou um mito, um símbolo. É alguém que ingressou definitivamente no imaginário popular.

Considerado santo pelo povo, Frei Damião tem seu nome amplamente difundido, e servindo de marca para diversos empreendimentos. Ruas e bairros de várias cidades do país levam o nome do frade. Encontramos também o seu nome em lojas, empresas, e estabelecimentos comerciais diversos: farmácias, supermercados, pousadas, fábricas de café e velas, armazéns, postos de gasolina etc. (SOUSA NETO, 2011). Numa busca, através do site dos Correios, podem ser encontradas em todo o Brasil dezenas de endereços com o nome de Frei Damião. Além disso, milhares de pessoas em todo o Nordeste foram batizadas e registradas como ‘Damião’ ou ‘Damiana’ em sua homenagem, como se constata no Caderno Especial “Terra de Damiões”, publicado pelo Diário de Pernambuco (PAZ, 2011). Tudo isso confirma a reverência que essa gente lhe tem.

Em todo o Nordeste, e noutras partes do país, encontram-se monumentos e espaços em sua homenagem, e que buscam salvaguardar a sua memória. E, a cada dia, os espaços ligados ao capuchinho se tornam ‘santuários’ para onde muitas pessoas acorrem a fim de terem um encontro especial com Deus por meio da santa memória de Frei Damião (FLORES FILHO, 2013). Contudo, leve-se em conta que, muitas vezes, o povo que presta homenagem ao santo está longe de identificar-se com as pompas litúrgicas organizadas nos grandes templos (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 53).

Seguem breves relatos acerca de alguns desses lugares e suas peculiaridades.

Memorial Frei Damião – Recife-PE



Localizado no convento São Félix de Cantalice, na zona sul da capital pernambucana, o Memorial Frei Damião de Recife abriga a capela de Nossa Senhora das Graças, onde se encontra o túmulo do frade, e a casa onde ele residiu nos últimos anos, que se tornou museu, com os objetos usados por ele ou ligados à sua história. A esse lugar, ocorrem muitas pessoas, especialmente nos finais de semana. No mês de maio, nas proximidades da data de morte do religioso, há um grande movimento de romarias, advindas, particularmente, de várias partes do Nordeste (SANTOS, 2007). Calcula-se que, anualmente, cerca de cem mil pessoas visitem o local. Muitas dessas deixam ali ex-votos e relatos de graças alcançadas por intercessão do frade.

Memorial Frei Damião do Agreste – Caruaru-PE



Está localizado às margens da BR 104, numa área de extensão urbana da cidade de Caruaru, agreste pernambucano. Um terreno de quarenta hectares destina-se à construção do que se pretende ser o maior santuário dedicado ao frade (CORÇÃO EUCARÍSTICO, 2012). Há mais de dez anos já existe movimentação religiosa no local, que abriga uma estátua, galpão e outras benfeitorias. Há celebrações no local em todos os domingos. E, a cada terceiro domingo, o Memorial recebe muitas pessoas advindas de Caruaru e cidades circunvizinhas. O projeto a ser desenvolvido ali inclui templo, museu, uma grande estátua, estacionamento, espaço de acolhida aos peregrinos etc.

Memorial Frei Damião do Araripe – Ouricuri-PE



Está situado na chamada Estrada do Tamboril, nos arrabaldes da cidade sertaneja de Ouricuri. O espaço conta com uma pequena capela, museu e estátua. Para lá acorrem, semanalmente, muitas pessoas. O terreno está na via que leva a Juazeiro do Norte, meta de muitas peregrinações em torno de Padre Cícero. Assim, muitos que se direcionam a Juazeiro também têm a oportunidade de visitar esse santuário. Há também um projeto com diversas benfeitorias a ser desenvolvido no local.

Sítio Riacho do Mel – Gravatá-PE



Mensalmente, celebra-se a eucaristia em memória de Frei Damião, na Igreja Matriz de Sant'Ana, em Gravatá. E no mês de maio há uma grande caminhada em direção à capela de São Miguel, localizada no Sítio Riacho do Mel, onde Frei Damião realizou sua primeira Santa Missão em setembro de 1931 (cf.: OLIVEIRA, 1997, p. 38). Esse movimento teve início logo após a morte do frade e perdura até hoje.

Vila Santa Luzia – Belo Jardim-PE



Um espaço dedicado a Frei Damião foi construído por iniciativa privada, na Vila Santa Luzia, zona rural de Belo Jardim, no agreste pernambucano. Mas, hoje, a

comunidade assume os cuidados do “santuário” e acolhe os peregrinos que para lá se dirigem. O local contém um pequeno museu, estátua do frade, área verde e mirante.

Capoeiras-PE



Na cidade pernambucana de Capoeiras, há um monumento construído pela paróquia local em homenagem a Frei Damião. A área virou ponto de peregrinação para muitas pessoas da cidade e lugares circunvizinhos que vão para rezar e pagar promessas. Existe uma grande movimentação em maio, mês em que se recorda a morte do frade. As celebrações acontecem ao ar livre, mas já existe o projeto para a construção de uma igreja no local.

São Joaquim do Monte-PE



Essa cidade do agreste pernambucano abriga um espaço dedicado ao Missionário do Nordeste com capela e uma grande estátua. Milhares de pessoas visitam o lugar, de modo especial, no mês de setembro, a fim de participarem das celebrações e pagarem suas promessas.

Santuário de Frei Damião – Guarabira-PB



O Santuário Frei Damião de Guarabira está situado em um monte, na Serra da Jurema, nas proximidades na cidade homônima, no brejo paraibano. Ali há uma estátua colossal do frade, medindo trinta e quatro metros de altura, incluindo o pedestal que serve de museu. Há também uma casa de ex-votos, onde as pessoas deixam os objetos referentes às suas promessas e relatos de graças alcançadas. Junto ao espaço, está se desenvolvendo um comércio que vai além de objetos religiosos. O lugar é aberto às visitas, diariamente. Mas o grande movimento de romeiros se dá aos domingos (FLORES FILHO, 2013).

Sousa-PB



Na cidade paraibana de Sousa, foi construído um espaço em homenagem a Frei Damião, na localidade rural denominada Alto da Bênção de Deus. Uma estátua do frade atrai centenas de pessoas e está localizada nas proximidades do chamado Vale dos Dinossauros, que é visitado por muitos curiosos. A estátua foi construída em retribuição às visitas que o religioso fazia com frequência à cidade. Devotos de Sousa e cidades vizinhas acorrem ao local para agradecer graças alcançadas e participar das celebrações a cada domingo.

São Miguel-RN



Desde o falecimento de Frei Damião, a comunidade celebra fielmente uma missa em memória dele, no último dia de cada mês. Recentemente, a paróquia recebeu a doação de um terreno onde está construindo um santuário que será dedicado ao frade. Centenas de pessoas da localidade e circunvizinhança participam de caminhadas penitenciais e celebrações, recordando a figura do “Santo do Nordeste”. Acima, a foto do santuário em construção.

Outros espaços menores, mas não menos importantes:

Santuário de Frei Damião – Venha-Ver-RN – na cidade do Alto Oeste potiguar, Venha-Ver, há um espaço em homenagem a Frei Damião com estátua e capela, ao qual a população intitula de santuário. Para lá acorrem, anualmente, milhares de fiéis daquela cidade e de outras localidades próximas.

Convento São Francisco – Juazeiro do Norte-CE – no convento dos frades capuchinhos, na cidade de Juazeiro, terra das romarias de Padre Cícero, também se desenvolve uma bela movimentação em torno da figura de Frei Damião, especialmente a cada quarta-feira. Nesse dia, a intitulada “Missa da Graça de Frei Damião” atrai milhares de fiéis e devotos da região do Cariri cearense. Durante a celebração, as pessoas têm a oportunidade de relatar graças alcançadas.

Vila São Francisco – Quebrangulo-AL – local de romarias, especialmente no mês de fevereiro. Diz-se que Frei Damião costumava se retirar durante o carnaval para essa vila onde há uma casa dos capuchinhos. O povo descobriu isso e passou a ir ao seu encontro naquela localidade. Depois da morte de Frei Damião, as pessoas continuaram indo à vila para participar das celebrações. Na igreja local está sepultado Frei Fernando Rossi, companheiro de missões do frade.

Canafístula-AL – na cidade de Canafístula, interior de Alagoas, foi construído, por iniciativa privada, um local em homenagem a Frei Damião com museu e uma fonte,

que foi abençoada pelo próprio homenageado. Muitas pessoas se dirigem ao local para pedir e agradecer graças e levar um pouco da água da fonte, benta pelo santo.

Para não delongar o assunto, apenas passo a citar outros lugares nos quais há espaços e monumentos em homenagem ao capuchinho: Centro de Tradições Nordestinas, em São Paulo-SP (estátua e capela), atração para o grande número de frequentadores do local; Igreja de São Sebastião, dos capuchinhos, no Rio de Janeiro-RJ (busto do frade e momento de oração mensal) atração, especialmente, para nordestinos e descendentes desses, que habitam a capital fluminense; Santa Cruz da Venerada-PE (estátua), meta de peregrinações em torno da Santa Cruz e, agora, também do frade; Cajazeiras-PB, (praça e estátua); Bozzano, Itália (estátua, praça e salão paroquial), entre outros.

Tratando desses espaços de devoção, Carlos André e Aerton Silva, concluem o seguinte:

É interessante compreender como os espaços geográficos, que também podem ser entendidos como lugares devocionais, foram fundamentais para a formação das narrativas em torno do Frei Damião. Os personagens e lugares das missões colaboraram com as diferentes formas de leituras das propostas do religioso, atribuíram sentido às devoções, com a elaboração das representações de santidade ao frade, mesmo antes do reconhecimento das instituições oficiais (MOURA; SILVA, 2021, p. 427).

Estátuas do frade capuchinho estão colocadas em praças públicas, nas entradas de cidades e outros espaços com o objetivo de homenagear o grande evangelizador do Nordeste. Em Pernambuco, podemos citar: Belo Jardim, Lajedo, Bezerros e Arcoverde; na Paraíba: São José da Lagoa Tapada, Remígio, Cajazeiras, Santana de Mangueira, Cachoeira dos Índios e Catolé do Rocha; no Rio Grande do Norte: Nova Cruz, Ceará-Mirim e João Câmara; em Alagoas: São José de Piranhas e Santana do Ipanema e, no Ceará: Araripe e Juazeiro do Norte.

Todos esses espaços supracitados revelam a grande devoção que o povo tem a Frei Damião. É um ícone de fé, esperança e caridade para essa gente sofrida, carente ainda hoje da garantia de seus direitos básicos, de formação religiosa, de alguém que as escute e oriente, segundo os ensinamentos de Cristo. Nesse tocante, serve aquilo que disse o Cardeal Eugênio Sales: “O exemplo desse homem extraordinário há de permanecer, substituindo sua voz. Se não podemos ouvir mais a palavra desse grande missionário, sigamos os seus exemplos” (SALES, apud OLIVEIRA, 1997, p. 135).

Nesses lugares, os devotos cumprem determinados rituais que já fazem parte de práticas que acontecem em outros santuários católicos: pagamento de promessas, oferecimento de velas ou flores, intimidade com o santo. Ali agradecem as graças alcançadas, deixam ex-votos, fazem pedidos, imploram proteção etc. (SILVA, 2009). São rituais que caracterizam a expressão de sua religiosidade e encontros que fortalecem as devoções, tanto no âmbito particular quanto no coletivo (DURKHEIM, 1996).

A importância desses espaços, no âmbito da devoção a Frei Damião, se dá porque ele mesmo inspira tais lugares e, esses, por sua vez, perpetuam a sua memória. Enquanto ícone religioso, o frade passa a ser explicado, de certa maneira, a partir de uma construção histórico-cultural coletiva, que se materializa em práticas devocionais e situa-se nesses locais sagrados. Aí se sedimenta o imaginário coletivo na experiência e preservação do divino, do sobrenatural, do miraculoso (AZZI, 1979).

E quem são, e de onde vêm, esses devotos de Frei Damião, que visitam os santuários? Na sua maioria, são nordestinos, advindos dos diversos estados que compõem a região. Pessoas que participaram de suas missões ou que ouviram falar dele; muitos, atraídos por sua fama de santidade. Gente de todas as classes sociais que busca expressar sua devoção ao capuchinho. Contudo, no tocante a isso, Lêda Cristina Correia da Silva recorda que a devoção a Frei Damião está além da limitação social:

Não queremos tratar de uma religiosidade popular como muito foi discutido no Brasil, tendo a palavra povo como identificadora característica das camadas inferiores da sociedade e, portanto, desconhecendo nela as demais camadas sociais. Isso porque percebemos no santuário [de Frei Damião] a presença de romeiros devotos de classes distintas, levados ali pela mesma fé, muito embora, haja uma presença mais forte de uma camada de classe baixa (SILVA, 2003, p. 4).

Além desses notórios memoriais e santuários, há um espaço muito especial, que as pessoas dedicam a Frei Damião, que é o seu próprio lar. Na residência de muitos nordestinos se podem ver o lugar de orações da família, o oratório, o nicho, as paredes com quadros religiosos, e ali encontrar uma imagem do frade, em meio a outros santos. Na verdade, essa é uma forte expressão da religiosidade popular, e costume que se tornou tradição, desde os tempos coloniais. Frei Damião continua presente na vida e na casa das pessoas que o reconhecem como santo. Com isso, se vê que o frade permanece vivo na memória do povo.

Em conformidade com Emerson Silveira, é importante perceber também que essas devoções, antes vividas nos contextos de sociabilização católica das famílias e das

comunidades, são vivenciadas em novos contextos culturais, em particular o complexo mundo da comunicação mediada por computador ou *internet*. Elas não foram ultrapassadas, mas se transformaram com o advento das páginas eletrônicas, dos portais, e de uma série de práticas virtuais (SILVEIRA, 2018, p. 35). Nesse aspecto, constatamos que a devoção a Frei Damião é muito presente nas novas mídias e nas redes sociais. Isso nos mostra que há uma reconstituição dessas práticas, sendo reinventadas e se adaptando aos novos tempos, aos novos meios.

Diante do exposto, observa-se realmente que, numa pretensão de compreender e elaborar perfis dos devotos de Frei Damião, é possível encontrar também, dentre eles, os abastados, os ricos, mesmo não sendo uma grande expressão numérica. Isso, diante da expressiva quantidade de fiéis, provinda dos interiores do Nordeste. No entanto, é preciso levar em conta a presença desses devotos que, mesmo sendo possuidores de muitos bens materiais, carecem daqueles espirituais e, nesse intento, recorrem à intercessão de figuras como Frei Damião de Bozzano (CARMO; AGUIAR, 2016).

É verdade que do ponto de vista acadêmico e científico, não encontramos estudos sobre devoções entre as classes mais abastadas, mas é certo que elas existem e podem ser observadas nos santuários de Frei Damião e em outros espaços religiosos do país. Assim sendo, pode-se constatar que essas manifestações religiosas não se limitam aos pobres, mas, independentemente de classe, são observáveis em muitos que desejam buscar proteção, alcançar uma graça ou externar a sua gratidão por benefícios recebidos. Tratando dessa questão, Faustino Teixeira evoca que os santos sempre ocuparam um lugar de destaque na vida do povo, manifestando a presença de um “poder” especial e sobre-humano, que penetra nos diversos espaços de vida e favorece, numa estreita aproximação e familiaridade com seus devotos, a proteção diante das incertezas da vida (TEIXEIRA, 2005, p. 17). Ainda em relação a isso, Francisco Rolim afirma o seguinte:

Os santos penetram na vida dos que os veneram, misturando-se com seus problemas, suas necessidades mais urgentes, nos negócios, na vida familiar, nos casamentos, nos amores. E tudo isso sem cerimônia, sem se precisar de apresentação, sem intermediário. Tudo se passa entre o santo e o devoto (ROLIM, 1976, p. 159).

Traçar o perfil de uma personalidade como Frei Damião é uma tarefa desafiante; mais ainda, fazer uma interpretação da devoção que o povo lhe tem. Talvez, diante de tanto devotamento popular, possa indagá-lo, como, certa vez, Frei Maseo de Marignano fizera a São Francisco: “Por que a ti? Por que a ti? Por que o mundo corre

atrás da tua pessoa?” (FONTES FRANCISCANAS, 2014). É possível questionar tudo isso e chegar à conclusão de José Carlos da Silva:

Frei Damião não construiu edifícios, não fundou instituições de beneficência social; e por que o povo, pobres principalmente, recorrem a ele, confiam a ele seus sofrimentos? A resposta é fácil. Frei Damião é um homem de Deus. É um religioso fiel que soube cumprir o que prometeu ao Senhor. Como diz o povo: ele é um homem diferente, ele é um padre diferente dos outros. Em que? Na vida, por certo (SILVA, 1997, p. 20-21).

Frei Damião deixa-nos uma biografia de grande valor: O testemunho de alguém que viveu incansavelmente para conservar os ideais cristãos e franciscanos, que assumira desde a juventude. Muitos, ao conhecer sua trajetória de vida, podem até discordar dele em alguns pontos, ou tecer-lhe determinadas críticas, mas haverão de reconhecer que o frade viveu com autenticidade aquilo que pregava. E é por isso que ele se tornou um referencial para tantas pessoas, incluindo sua fama de santidade entre elas.

3.2 Contribuições à missão, advindas da devoção a Frei Damião

Frei Damião, com palavras e exemplo, anunciava o Cristo. Um sinal visível disso estava sempre em suas mãos: um crucifixo, do qual não se separava, mostrando a todos o sinal da salvação. Outro sinal também constante em suas mãos era o rosário, meditando os mistérios da redenção com todos os fiéis. Inclusive em suas correspondências pessoais, várias vezes, fazia indicações de que se rezasse o rosário e participasse da eucaristia. Numa carta dirigida a seus sobrinhos Otello e Onda, ele pede: “Não deixeis de recitar o Rosário e aconselheis também os outros sobrinhos a fazer o mesmo e assistir a missa aos domingos” (FREI DAMIÃO, 1976).

O Papa João Paulo II recorda que o Rosário, ainda que caracterizado pela sua fisionomia mariana, no seu âmago é uma oração cristológica, porque em seus elementos contém a profundidade de toda a mensagem do Evangelho. Segundo o pontífice, “mediante o Rosário, o crente alcança a graça em abundância como se a recebesse das mãos da Mãe do Redentor” (JOÃO PAULO II, 2015, n. 1, p. 6).

Pode-se afirmar, então, que toda a missão de Frei Damião foi profundamente cristocêntrica, e que as práticas que ensinou e a devoção que as pessoas lhe têm, levam a Cristo, que ele pregou com muita coerência. Uma de suas cartas revela que seus ensinamentos levavam a Jesus, indicando, inclusive, as práticas próprias do cristão:

Aproximando-se da Páscoa, desejo a todos vós e filhos saúde, prosperidade e, principalmente, a graça de Deus e a perseverança no bem. Fazei todos a vossa confissão e comunhão e não deixeis de assistir a missa todos os domingos e recitar o Rosário todas as noites. O vosso tio sempre vos lembra nas suas orações e na Missa, pedindo a Deus que um dia nos reúna todos no céu. Estou bem e trabalho com prazer (FREI DAMIÃO, 1979).

O objetivo principal das Santas Missões de Frei Damião era levar o povo a Cristo. O maior desejo dele era contribuir para a salvação das almas, como ele mesmo afirmou durante uma entrevista: “Só visamos uma coisa: salvar as almas, levar cada dia almas para Deus” (LEITE, 1972, p. 63). Tratando disso, Luiz Vieira da Silva afirma o seguinte:

Ele terminava sua pregação afunilando para a dimensão cristológica, cantando a bela música: “Jesus é o nome que tem mais encanto, um nome mais santo que este não há, ergamos um viva, um viva a Jesus!” E, com voz forte, fazia eclodir: “Viva Nosso Senhor Jesus Cristo!” E o povo entusiasmado, respondia com fortes e afetuosos aplausos: “Viva!”. Na vida concreta do povo de Deus, ele imprimiu a ideia de um Jesus Servo de Deus e, simultaneamente, o Cristo glorioso pela sua ressurreição. Era a mística da Cruz vivida pelo Seráfico Pai São Francisco de Assis. Por isso, é um Jesus pascal que dá sustentáculo a um povo pascal, o qual vive entre sofrimentos e alegrias (SILVA, 2015, p. 88).

Tendo Cristo como centro, as Santas Missões pregadas por Frei Damião tinham por objetivo catequizar as pessoas, instruí-las nos princípios da fé cristã católica, ou como já foi dito: “salvar almas”. Todas as práticas realizadas na Semana Missionária apontavam para o Cristo: as caminhadas penitenciais pelas madrugadas, recordando a Via-sacra; a Eucaristia, Jesus que se dá como alimento; a confissão que em Cristo nos traz a reconciliação; os sermões refletindo os ensinamentos do Evangelho e as orientações da Igreja etc. (SERTÂNIA, 1952). Tudo era absorvido pelo povo, que buscava colocar em prática os conselhos do missionário. Segundo Orlando Parahym: “A gente vinha de longe; vinha ouvir Frei Damião; vinha beber a palavra da fé, o Verbo da vida; sentir o calor da crença sincera” (PARAHYM, 1975, p. 2). Assim sendo, pode-se afirmar que, para além do devocional, ele deu uma grande contribuição para que as pessoas fizessem um caminho de conformação a Cristo, centro da missão.

Outra coisa importante dessa centralidade de Cristo, no âmbito das missões realizadas por Frei Damião, é a Eucaristia. É possível falar da centralidade da presença eucarística, também como fonte e ápice da missão. Tanta era a sua preocupação em relação a isso que, no único livro de sua autoria, intitulado “Em defesa da Fé”, ele

dedica cinco capítulos à Eucaristia (cf.: DAMIÃO DE BOZZANO, 1955, p. 68-102). Seu intuito, portanto, era instruir as pessoas em relação ao sacramento da Eucaristia, enquanto centro da vivência cristã.

Refletindo sobre essa vivência da Eucaristia durante as missões de Frei Damião, Luiz Vieira da Silva declara:

A Eucaristia era o início, o centro e o ápice de sua missão. Quando o Vaticano II afirma que a Eucaristia é a fonte e o ápice da vida cristã, Frei Damião vivia isso durante toda a sua vida, todos os dias. No final de cada missão, dava sempre uns conselhos ao povo que se abeberava silente de suas palavras. Dizia ele com suas mãos levantadas para o alto: “não percais a Santa Missa nos domingos, e quem o puder participe todos os dias e comungue”. Ficou famosa entre o povo a frase por ele recomendada: “Um domingo sem missa é uma semana sem Deus” [atribuída a São João Maria Vianney] (SILVA, 2015, p. 89).

Outro contributo, advindo da devoção a Frei Damião, se dá no tocante à misericórdia. Seus devotos foram aqueles que provaram ou ouviram falar dos gestos do frade que se dedicou à escuta das confissões, também da partilha das dores e das alegrias dos penitentes. Queria ele ser um bálsamo, a aliviar a dor de quem sofria oprimido pelo pecado. Um grande destaque em sua ação missionária se dá ao atendimento no confessionário. Horas a fio, escutando filas intermináveis de fieis, porque tinha compaixão dessa gente, tantas vezes, desassistida. Seu desejo era comunicar a misericórdia divina através da confissão (SOUSA NETO, 2011). Em cartas dirigidas a seu irmão sacerdote, Frei Damião confidenciava:

Estava sozinho num lugar onde não tem pároco. Ajustei uns quarenta matrimônios civis e confessei quanto Deus queria. Os últimos dias, especialmente, era tanta a multidão em torno do confessionário, que dois soldados da polícia estavam de contínuo na igreja para fazer tudo permanecer em ordem. Terminava sempre depois da meia-noite, e de manhã, às cinco horas, um bom grupo de homens me esperava diante da porta da casa, para se confessarem antes de irem à igreja. No último dia, avisei que partiria às 4h da manhã e que diria a missa às 3h. Todo o povo permaneceu e confessei até a hora da missa (FREI DAMIÃO, 1933).

Estou aqui a pregar missões às margens do Rio São Francisco. Tem trabalho para 8 confessores e, pelo contrário, somos somente dois. Reza sempre por mim, que sou muito necessitado (FREI DAMIÃO, 1960).

Estou pregando às margens do Rio São Francisco: faz pena que não se possa atender às confissões de todos, embora termine à meia-noite (FREI DAMIÃO, 1964).

Nestes tempos hodiernos, observamos que há muita gente querendo ser escutada. Os consultórios psicológicos estão cheios de pessoas que necessitam ser ouvidas. E a Igreja, nesse sentido, precisa exercer esse papel de ouvinte, atenta às necessidades dos fiéis. Frei Damião deixa, pois, o exemplo de alguém que dava inteira atenção a quem o procurava; “não foi somente um confessor de qualidade, mas também de quantidade impressionante” (SOUSA NETO, 2011, p. 55). Conforme Gianfranco Lazzari,

O mais impressionante era a maneira como o missionário escutava as confissões: o tempo que gastava com cada pessoa, mesmo sabendo de quantas estavam à espera de confessar-se. Suscitou grande admiração a atenção que dava a cada uma. Foi especialmente a sua disponibilidade para com cada pessoa que caracterizou sua relação com o povo (LAZZARI, 2003, p. 42).

Dessa forma, Frei Damião assumiu a figura do confessor ideal e, em alguns casos, único, de tantas pessoas que esperavam longo tempo para serem ouvidas e aconselhadas por ele, em seus desabafos, angústias e sofrimentos. Segundo Michelle Veronese, “para pessoas que ninguém tinha tempo e vontade de escutar, Frei Damião se tornava, então, o homem de absoluta disponibilidade, pronto a todas as necessidades, às necessidades de todos” (VERONESE, 2005, p. 190). É como disse Janduhy Finizola naquela famosa música: “Frei Damião, meu bom Frei Damião, o teu perdão numa confissão faz um bom cristão” (FINIZOLA, 2007, p. 22).

No que concerne a isso, Luiz Cristóvão dos Santos relata o que ouviu de um senhor, residente no lugar Riacho da Onça:

Passo um ano esperando para me confessar com Frei Damião. Também não deixo nada escondido. Alimpo até os ‘gurguio’. Ajoelho-me no confessionário e digo: Frei Damião, não matei nem roubei, o resto pode perdoar (SANTOS, 1953, p. 22).

Essa presença atenciosa do frade aos penitentes ajudou a crescer a devoção em torno dele. É esse tipo de atenção que os penitentes continuam procurando e desejam encontrar nos padres de hoje. Recentemente, o Papa Francisco recordava isso, também aos capuchinhos:

A vossa tradição, Capuchinhos, é a do perdão, oferecer o perdão. Entre vós há muitos confessores competentes: porque se sentem pecadores. Peço-vos: não vos canseis de perdoar! Se esta pessoa se aproxima é porque gostaria de mudar, de deixar de fazer, transformar-se, ser outra pessoa, e diz isto através do gesto de aproximação. Vós tendes o carisma dos confessores. Retomai-o e renovai-o sempre (PAPA FRANCISCO, 2016, p. 1).

Quanto à relação com os penitentes, é importante ressaltar que Frei Damião não tinha preferência de pessoas; atendia conforme a ordem da fila que se fazia no local. No confessionário, era, muitas vezes, rígido diante de determinadas situações, mas, ao mesmo tempo, demonstrava uma extraordinária capacidade de compaixão. É o que relata Antônio Landi:

Uma senhora me contou: “Estive com Frei Damião não tanto para confessar-me, mas para contar-lhe os meus sofrimentos (entre outros, tinha sido abandonada pelo marido)”. E continuou a senhora: “eu chorava e também Frei Damião chorava. O choro do frade permaneceu no meu coração” (LANDI, 1998, p. 13).

Na verdade, Frei Damião pode ser encontrado na “esteira” dos grandes e santos confessores de sua Ordem. O atendimento no confessionário é notório em muitos conventos dos capuchinhos em todo o mundo. E Frei Damião tem grande destaque nesse serviço. Reconhecendo a santidade e a dedicação de Frei Damião às confissões, Egidio Picucci afirma que “a santidade dele é muito parecida com aquela de seus confrades: São Pio da Pietrelcina e São Leopoldo Mandic, que passaram a vida no confessionário, ministros da misericórdia de Deus” (PICUCCI, 1997, p. 13).

O que sobressai dessa dedicação de Frei Damião ao confessionário, e serve de exemplo para os dias atuais, é a sua disponibilidade para ouvir as pessoas, indistintamente. Através das confissões, ele pôde contemplar os frutos: a vitória sobre o pecado, as conversões, a paz das consciências, a reconciliação etc. Ao mesmo tempo, por causa desse exercício da escuta, ele pôde colocar esperança no coração de muitas pessoas, consolar, acalantar, pacificar, tranquilizar, instruir, corrigir, aconselhar, mostrar o caminho a ser seguido.

Nos tempos atuais em que se fala de uma “Igreja em saída”, facilmente pode se recordar a figura de Frei Damião e suas andanças pelo Nordeste. Ele poderia ter preferido o claustro conventual, mas decidiu-se pelas Santas Missões Populares, indo ao encontro das diversas realidades, nas periferias geográficas e existenciais. Ele saiu dos muros da Igreja, ganhou a praça, percorreu as estradas do Nordeste para comunicar a Boa-nova de Cristo Jesus (SOUSA NETO, 2011).

Frei Damião era consciente de sua vocação e da missão que havia abraçado. No discurso pronunciado na tribuna da Assembleia Legislativa de Pernambuco, em 27 de setembro de 1977, por ocasião da recepção do título de Cidadão Pernambucano, ele exprimiu essa consciência, dizendo:

Minhas sandálias carregam a poeira das ruas do Recife, das estradas e das ruas de Pernambuco. Aqui, ali e acolá passei a maior parte de minha vida de andarilho do Evangelho e de seguidor de São Francisco de Assis. A idade pintou-me os cabelos e envergou-me a cabeça, não me conseguiu ela quebrantar o ânimo em lutar em prol do Reino de Deus, na minha terra e no meio da minha gente (OLIVEIRA, 1997, p. 42).

As atitudes de Frei Damião o tornam atual, pois vão de encontro às necessidades hodiernas dos evangelizadores e da evangelização. É preciso sair das sacristias e dos claustros, movido por um ardor apostólico; alguém que, a exemplo dele, com novos métodos e iniciativas, atinja as necessidades de hoje e se entregue, sem reservas, ao labor missionário. Discorrendo sobre esse assunto, vejamos o que pensam algumas autoridades eclesiais. Padre Henrique Soares da Costa⁴⁴ reitera o seguinte:

[Frei Damião] será sempre para todos os pastores do rebanho de Cristo, para todos os pregadores da Palavra do Senhor, um singelo e excelente exemplo de como levar o Evangelho do Reino. Seu sucesso – como o de São Paulo Apóstolo – não consistiu em originalidades ou artifícios da lógica humana, mas na força da verdade anunciada com simplicidade e profunda coerência (COSTA, 2007, p. 26).

Dom Geraldo Majella Agnelo⁴⁵ dá o seguinte depoimento:

Em verdade, eu não conheci pessoalmente Frei Damião, porém, ouvi testemunhos de muitas pessoas sobre a sua pessoa e o bem que operou. Eu o admiro muito por sua incansável vida de santidade e evangelização. Frei Damião com a sua vida produziu muitos frutos para toda a Igreja e certamente continuará produzindo, ao longo dos séculos, porque enraizado em Deus (REVISTA FREI DAMIÃO, 2012, p. 16).

Esse testemunho, deixado pelo frade, edifica e serve de exemplo aos missionários de hoje. É um legado de despojamento de si e de doação constante, que não se pode perder de vista por quem queira levar a sério a missão. Segundo Dom Luís Pepeu⁴⁶,

Frei Damião sempre se identificou com uma Igreja em saída, indo ao encontro dos mais pobres e distantes, para anunciar-lhes a Boa-nova de Jesus Cristo, tornando-se exemplo e inspiração para os novos religiosos e sacerdotes, num verdadeiro testemunho de dedicação e entrega à Igreja e ao Reino de Deus (PEPEU, 2018, p. 6).

⁴⁴ Nomeado bispo auxiliar de Aracaju (2009-2014) e, em seguida, bispo de Palmares-PE (2014-2020). Faleceu em 2020, vítima da COVID-19.

⁴⁵ Arcebispo de Salvador-BA nos anos 1999 a 2011. No período dessa declaração já estava emérito.

⁴⁶ Foi arcebispo de Vitória da Conquista-BA no período de 2007 a 2019.

Diante desse legado deixado por Frei Damião aos evangelizadores e a todos os consagrados, Frei Henrique Araújo⁴⁷ expressou seu desejo dizendo:

Frei Damião foi um autêntico missionário que pregou o Evangelho de Jesus com o exemplo de uma vida de doação e amor pelo Reino de Deus. Desejamos que seu exemplo e ardor missionário nos impulsionem a viver melhor nossa vida de frades capuchinhos, no campo da missão, que é um dos pilares fortes da nossa vida de consagrados a Deus, a exemplo de Francisco de Assis (ARAÚJO, apud SOUSA NETO, p. 12).

Nessa mesma direção, temos a reflexão de Dom Antônio Fernando Saburido⁴⁸:

Frei Damião marcou o povo do Nordeste e permanece no coração de nossa gente. Temos que lembrar que, assim como ele tentou responder aos apelos do seu tempo, todos nós, no tempo de agora, somos também missionários e responsáveis pela evangelização da vida, da família, do trabalho, dos espaços onde estamos e vivemos. Somos uma Igreja em estado permanente de missão (SABURIDO, apud REVISTA FREI DAMIÃO, 2012, p. 9).

Depoimentos como esses, supramencionados, expressam que Frei Damião continua atual, mesmo diante da situação de mobilidade típica de uma modernidade religiosa tecida pelas experiências pessoais, como diz Danièle Hervieu-Léger (2015). Vemos que a devoção que o povo lhe tem recorda seu ardor missionário e sua atenção às necessidades do povo. E, nesses novos tempos em que se fala de uma Igreja em saída, samaritana e misericordiosa, sente-se a necessidade de referenciais de fé, esperança e caridade. Então, diante desses apelos da Igreja contemporânea, Frei Damião se apresenta como alguém inteiramente dedicado à evangelização e atento à realidade sofrida das pessoas, servindo, dessa forma, como modelo para a prática dos missionários e agentes de pastorais de hoje.

3.3 A importância da religiosidade popular e da devoção a Frei Damião no âmbito da evangelização

A religiosidade popular, nas suas diversas expressões, é rica dos elementos que a constituem. Elementos esses advindos da contribuição das matrizes religiosas portuguesa, africana e indígena. Faz-se necessário, no entanto, reavaliar tais expressões,

⁴⁷ Ministro provincial dos capuchinhos do Ceará e Piauí.

⁴⁸ Atual arcebispo de Olinda e Recife-PE.

rever alguns aspectos e purificar algumas práticas, a fim de que se coadune com os ensinamentos do Evangelho e as orientações do Magistério da Igreja.

Antes de tudo, é importante refletir o que teoriza Danièle Hervieu-Léger, quando traz uma reflexão sobre a modernidade religiosa, tratando da crise de credibilidade dos sistemas religiosos e da emergência crescente de novas modalidades de tais sistemas e também das novas formas de crenças. Mesmo marcados pela secularização, os tempos atuais facultam a difusão de novas expressões religiosas. Faustino Teixeira, prefaciando a obra da autora, acentua a afirmação dela de que “o que caracteriza o tempo atual não é a mera indiferença com respeito à crença, mas a perda de sua ‘regulamentação’ por parte das instituições tradicionais produtoras de sentido” (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 9). Danièle fala ainda de “bricolagem de crenças”, de uma individualização e liberdade na dinâmica de construção de sistemas de fé. Uma proliferação de crenças marca o cenário contemporâneo. Partindo dessa reflexão, observamos a perda do papel regulador das instituições e o surgimento da pluralidade das formas de crer. Isso ajuda a melhor compreender as diversas expressões de fé existentes e, nesse âmbito, também, das manifestações de devoção a Frei Damião.

No âmbito eclesial, uma grande contribuição para a reavaliação da religiosidade popular veio do Sínodo Mundial dos Bispos, de 1974, que refletiu sobre a Evangelização no mundo moderno (LAZZARI, 2001) e contribuiu para a elaboração da Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, do Papa Paulo VI, sobre a Evangelização no Mundo Contemporâneo.

Alguns pontos relevantes, para uma nova visão acerca dessa religiosidade presente nas comunidades católicas, foram colocados na *Evangelii Nuntiandi*. Foi visto que tanto nas regiões onde a Igreja se acha implantada, quanto nos lugares onde ela se encontra em vias de implantação, subsistem expressões particulares da busca de Deus e da fé. Encaradas durante muito tempo como menos puras, algumas vezes desdenhadas, essas expressões assim constituem, hoje em dia, mais ou menos por toda a parte, o objeto de uma redescoberta (EN, 48).

Os bispos perceberam que a religiosidade popular tem as suas limitações e seus perigos, mas se for bem orientada, sobretudo mediante uma pedagogia da evangelização, é algo rico de valores. Ela traz consigo a possibilidade de transmitir esses valores às novas gerações. É como sugere Danièle Hervieu-Léger: “de modo geral, a transmissão regular das instituições e dos valores de uma geração à outra é, para toda sociedade, a condição de sobrevivência no tempo” (HERVIEU-LÉGER, 2015, p.

57). Além disso, é uma religiosidade que traduz em si certa sede de Deus, que pode tornar as pessoas mais generosas e predispô-las ao sacrifício e até mesmo ao heroísmo, quando se trata de manifestar a fé. É uma expressão que reflete o sentido dos atributos profundos de Deus: a paternidade, a providência, a presença amorosa e constante etc., bem como suscita atitudes interiores como paciência, sentido da cruz na vida cotidiana, desapego, aceitação dos outros, dedicação, devoção etc. (EN 48).

Face à realidade da religiosidade popular, Paulo VI conclui a temática, orientando como os pastores do povo devem agir, dizendo:

A caridade pastoral há de ditar, a todos aqueles que o Senhor colocou como chefes de comunidades eclesiais, as normas de procedimento em relação a esta realidade, ao mesmo tempo tão rica e tão vulnerável. Antes de mais, importa ser sensível em relação a ela, saber aperceber-se das suas dimensões interiores e dos seus inegáveis valores, estar-se disposto a ajudá-la a superar os seus perigos de desvio. Bem orientada, esta religiosidade popular pode vir a ser cada vez mais, para as nossas massas populares, um verdadeiro encontro com Deus em Jesus Cristo (EN, 48).

Nesse mesmo seguimento, estão as reflexões feitas durante as Conferências Episcopais de Medellín (1968), Puebla (1979), Santo Domingo (1992) e Aparecida (2007).

Os religiosos presentes à Conferência de Medellín, que ocorreu na cidade homônima, na Colômbia, discutindo sobre a Pastoral das Massas, concluíram que a religiosidade popular é fruto de uma evangelização realizada desde o tempo da conquista, com características especiais, e com uma prática muito baseada na recepção dos sacramentos. Observaram práticas questionáveis como a escassa adesão à organização eclesial e a falta de um verdadeiro influxo no exercício da vida cristã, embora haja costumes que expressam a vivência das virtudes, especialmente da caridade (cf.: DM, 1977).

Diante da importância das expressões de religiosidade popular nas diversas comunidades, os conferencistas elaboraram diversas recomendações pastorais, todas a partir da grande novidade de Medellín que levou em consideração o estudo dos fatos, o confronto entre estes e a Palavra de Deus e as orientações da Igreja, principalmente no Vaticano II e, por fim, traçar caminhos para uma ação pastoral (cf.: BEOZZO, 1993, p. 122).

Entre as recomendações pastorais de Medellín estavam os seguintes pontos: o pedido de realização de estudos sérios e sistemáticos sobre o assunto; a realização de

uma pastoral litúrgica e catequética adequada; a revisão das devoções aos santos, incitando a que os tomem como modelos de vida, imitadores de Cristo; formação das comunidades com base na Palavra de Deus; utilização dos meios de comunicação social para uma catequese apropriada etc. Tudo isso, considerando os elementos advindos da religiosidade popular e que podem servir para impulsionar e solidificar o processo de evangelização (cf.: DM, 2004, 6.1-6.15).

Na conferência seguinte, ocorrida na cidade de Puebla, no México, os conferencistas reconhecem que essa religiosidade é vivida de preferência pelos “pobres e simples” (EN, 48), mas que compreende todos os setores sociais e possui um acervo de valores que responde com sabedoria às grandes incógnitas cristãs. Com capacidade de congregar multidões numa perspectiva de que a mensagem do Evangelho é dirigida a todos e deve chegar ao coração das massas (EN, 57). Segundo os bispos ali reunidos, a religiosidade popular não é só objeto de evangelização, mas também, enquanto contém encarnada a Palavra de Deus, é uma forma ativa com que o povo se evangeliza continuamente a si próprio (cf.: DP, 450).

Depois de descrever e questionar pontos positivos e negativos da religiosidade popular, Puebla propõe uma evangelização dessa religiosidade, sugerindo como deve acontecer esse processo, com atitudes e critérios. Diz o documento que como toda a Igreja, a religião do povo deve ser evangelizada sempre de novo. Para isso é preciso um diálogo pedagógico a partir dos últimos elos que os evangelizadores deixaram no coração do povo (cf.: DP, 457).

Assim sendo, urge a tarefa de dialogar com a piedade popular, levando em conta a necessidade de evangelizar e catequizar adequadamente os batizados, bem como a dinamização das paróquias, santuários e outros espaços, a fim de que se tornem locais privilegiados de evangelização. Todas essas e outras iniciativas que venham a contribuir com a aproximação do povo, no intuito de educá-lo na fé, são bem-vindas. Com isso, a Igreja poderá realizar uma reinterpretação da religião do povo. Se ela não fizer isso, correrá o risco de que esse vazio seja ocupado por seitas, messianismos, indiferenças e outras práticas não desejadas no âmbito eclesial. Como afirma o próprio documento em suas conclusões: “Novamente a Igreja enfrenta o problema: o que não é assumido em Cristo, não é redimido e se constitui em ídolo novo com malícia antiga” (DP, 469).

A Conferência ocorrida em Santo Domingo, na República Dominicana, evocou as palavras de Paulo VI na *Evangelii Nuntiandi* (n. 48) e as reflexões acontecidas em Puebla. Definiu a religiosidade popular como “uma expressão da inculturação da fé” e

acrescentou que “não se trata só de expressões religiosas, mas também de valores, critérios, condutas e atitudes que nascem do dogma católico e constituem a sabedoria de nosso povo, formando-lhe a matriz cultural” (SD, 36).

Santo Domingo apresenta a religiosidade popular como algo importante no contexto de suas preocupações, e reafirma o propósito de continuar os esforços para uma maior compreensão e acompanhamento das diversas expressões do povo, no intuito de purificá-las em suas limitações e desvios, levando-as a encontrar seu lugar próprio na ação pastoral da Igreja (SD, 36).

Os participantes da Conferência de Aparecida reconheceram o papel nobre e orientador, desempenhado pela religiosidade popular (DAp, 37). Essa tem desenvolvido, em suas múltiplas formas, valores como a abertura à ação de Deus pelos frutos da terra, o caráter sagrado da vida humana, a valorização da família, a importância cultural, o sentido de corresponsabilidade e solidariedade no trabalho comum e a crença numa vida ultraterrena. Isso enriquece o contexto da evangelização nas comunidades (DAp, 93).

Em Aparecida, Bento XVI fez questão de destacar a “rica e profunda religiosidade popular, na qual aparece a alma dos povos latino-americanos”, e a apresentou como o “precioso tesouro da Igreja Católica na América Latina”, convidando os católicos a promovê-la e protegê-la (DI, 1).

É perceptível o crescimento das manifestações da religiosidade popular, especialmente a piedade eucarística e a devoção mariana, considerando-se a vigilância frente às verdades da fé e à comunhão eclesial (DAp, 99b). Essas e outras expressões da fé do povo penetraram na sua forma de viver e devem ser consideradas como ponto de partida para uma evangelização onde essa fé amadureça e se torne mais fecunda (DAp, 262). Assim sendo, a piedade popular torna-se lugar de encontro com Jesus Cristo e esse tesouro deve ser zelado e transmitido às novas gerações, cuidando-se que se trate de uma expressão a ser sempre evangelizada na fé da Igreja e por sua vida sacramental (DAp 549).

Considerando todos os pontos apresentados por essas conclusões, emanadas pelas conferências episcopais supracitadas, é possível perceber que a religiosidade popular tem seu papel no campo da evangelização. Há muitos elementos, nas diversas expressões dessa religiosidade, que podem ser aproveitados na prática missionária.

Em toda evangelização é preciso prestar atenção na forma como o povo se expressa em suas práticas de fé e piedade, a fim de evangelizar os rituais e as expressões

religiosas. Isso significa que tais expressões devem ser colocadas dentro de um horizonte cristão, levando em consideração que a religiosidade já está presente nas tradições populares ou existe naturalmente na vida. Com isso, através de um discernimento e de uma sensibilidade, diante da fé popular, pode-se evangelizar a religiosidade das pessoas, trazendo-lhe mais força, pureza e coerência, do ponto de vista cristão.

Perante a complexidade da religiosidade, fazem-se necessários escuta, atenção e diálogo. A fé recebida dos pais e as práticas devocionais precisam ser melhor compreendidas, analisadas e discutidas, pois pedem maior aprofundamento. E a Igreja deve estar na origem e no lugar dessa necessária reflexão. Segundo João Batista Libânio e Afonso Murad, fora da Igreja não há sentido refletir sobre a fé do indivíduo, pois seria um rompimento com a Igreja e isso redundaria em se afastar da própria fé. Correr-se-ia, portanto, o risco de uma individualização da fé, já que essa deve ser trabalhada também em sua dimensão comunitária. A relação do homem com Deus e suas práticas de fé não podem ser pensadas fora da vivência comunitária, porque a comunidade é lugar de realização e destino último (cf.: LIBÂNIO; MURAD, 2001, p. 72).

Em face do exposto, entende-se que é papel da Igreja acolher as pessoas, com suas experiências de fé, e levá-las a um aprofundamento dessa fé. Essas pessoas, evangelizadas, se tornarão também elas, missionárias, assumindo, assim, sua dimensão batismal. Isso leva à reflexão sobre a Igreja em estado permanente de missão que depende de discípulos missionários que tenham feito uma experiência pessoal de fé, profunda e intensa, de encontro pessoal com Jesus Cristo (cf.: BRIGHENTI, 2007, p. 39).

A religiosidade popular é um espaço dinâmico de educação missionária da fé (AGNELO, 1978) e pode contribuir com a evangelização hoje, mediante os elementos que lhe são próprios e que expressam os anseios, as esperanças e a criatividade das pessoas (AZZI, 1978). Observando os valores que advém das manifestações culturais e das diversas devoções populares, há muito que se aproveitar na prática missionária. De acordo com as conclusões de Puebla,

A revalorização da religiosidade popular, apesar de seus desvios e ambiguidades, exprime a identidade religiosa do povo. Ao purificar-se de eventuais deformações, ela oferece um lugar privilegiado à evangelização. As grandes devoções e celebrações populares têm sido um distintivo do catolicismo latino-americano; elas conservam valores evangélicos e são sinal de pertença à Igreja (DP, 109).

O que emerge de todas essas reflexões e conclusões é uma análise da relação entre a evangelização católica e a religiosidade popular. Vê-se que a concepção de religiosidade popular tem sido abordada pelos eclesiásticos e inserida plenamente no seio do catolicismo, sendo apresentada, inclusive, como uma forma de se viver a fé católica no continente latino-americano. A Igreja, à luz do Vaticano II, tem mudado sua postura quanto à religiosidade popular, de modo a acolhê-la e inseri-la na Igreja, ainda que buscando manter as rédeas sobre a mesma. Embora os caminhos entre os dois catolicismos ainda sejam tortuosos, entretanto, é inegável que o Vaticano II introduziu uma nova forma de a Igreja visualizar esse elemento que, igualmente, faz parte da espiritualidade e da fé católicas (ALVES; CAES, 2018).

De acordo com Johan Konings e Urbano Zilles, em nossos dias, faz-se necessária uma renovação do catolicismo. Para isso, existem algumas metas: conscientizar os cristãos a respeito do essencial do cristianismo, o amor fraterno como expressão de gratidão pelo amor de Deus em Cristo; a formação de comunidades capazes de transformar a sociedade, a fim de que seja mais evangélica; colaborar na melhoria das estruturas socioeconômicas, possibilitando, assim, dignidade humana e igualdade de direitos; ser testemunha da presença de Deus no mundo etc. Com isso ter-se-á um cristianismo que já não se refugia simplesmente em devoções, mas que desmistifica o que é alienação e aponta a realidade; um cristianismo que compromete os desejosos de uma doação autêntica (KONINGS; ZILLES, 1981, p. 89).

A renovação do catolicismo tão desejada só é possível se houver uma mudança do estilo de evangelizar, numa estrutura capaz de abstrair as riquezas que emergem da religiosidade popular e que estão no coração do povo. Importa perceber a diferença entre aquilo que é apenas folclore, que também tem seus valores, e compreender que na misericórdia de Deus há espaço para todos, de modo especial para os pobres, seus preferidos. E também para os que não tiveram a oportunidade de se aprofundar na doutrina cristã, contudo se deixaram guiar pelo Espírito de Deus (MARCHIÓ, 2016).

No tocante à devoção em torno de Frei Damião, as contribuições para a evangelização partem do seu próprio testemunho de vida: 66 anos de missão no Nordeste, uma vida marcada pelo amor à evangelização. O momento atual exige uma sólida espiritualidade missionária que credita cada missionário como sinal pessoal de Jesus (cf.: FUENTES, 2009, p. 25). Na concepção de Boff, Frei Damião era esse sinal no meio do povo, apontando o Cristo, com seu amor incondicional aos humildes e sendo um símbolo vivo de santidade (cf.: BOFF, 1997, p. 42-43).

Esse amor aos menos favorecidos, inerente às suas Santas Missões, é expressão da sua dedicação à causa da evangelização. Numa carta enviada a seu irmão sacerdote, Frei Damião assim se expressa:

A minha vida é sempre a mesma. Este ano, passei somente uma semana sem pregar. Ano próximo já está todo cheio; muitos são os pedidos, mas a todos devo responder não, porque não tenho mais dias disponíveis. Com isso, podes imaginar quanta necessidade tem aqui de pregação quão poucos são os operários na vinha do Senhor (FREI DAMIÃO, 1939).

Olhando para a vida e as atitudes do frade e recordando as suas Santas Missões, as pessoas são levadas a “uma prática orientada para Jesus Cristo e para uma participação frutuosa da reconciliação e da eucaristia” (AGNELO, 1978, p. 129). Esses sacramentos eram justamente o foco da ação missionária de Frei Damião.

Muitos nordestinos veem Frei Damião como um santo, embora ainda não canonizado pela Igreja. E a santidade dele é para essa gente um sinal de Cristo que atrai a todos. A “santidade é um pressuposto fundamental e uma condição insubstituível para realizar a missão salvífica da Igreja” (ChL, 17). A evangelização exige hoje uma fé sólida, uma caridade pastoral intensa e uma vigorosa fidelidade. Portanto, o melhor evangelizador é o santo, um seguidor fiel de Cristo, uma testemunha fiel dele (FUENTES, 2009). E nesse quesito, entra, sem dúvidas, a figura de Frei Damião.

A vida dos santos é um importante meio de transmissão do sentido da fé cristã. Desde os primórdios do cristianismo, as pessoas narram as histórias dos santos. Na tradição cristã, o santo é alguém cuja vida é reconhecida como excepcional por outros cristãos. Assim, os santos, ao exercerem a função de serem modelos para todos os cristãos, desempenham importante papel para a vivência dos homens no mundo terreno (JURKEVICS, 2004, p. 123). E não é diferente com Frei Damião, já canonizado pelo povo.

Frei Damião tornou-se um exemplo de quem aprendeu a viver bem a sua vocação de cristão, de religioso, de sacerdote e de missionário. Tratando desse assunto, Dom Paulo Cardoso da Silva⁴⁹ afirma:

Frei Damião era o homem de Deus e o homem dos irmãos. Admirável filho de São Francisco, ele era o discípulo e seguidor de Jesus Cristo, o filho fiel da Igreja, o devoto apaixonado de Maria, a Imaculada Mãe de Jesus. Eu gosto de definir Frei Damião como o “Santo dos três amores”: um grande amor a Jesus Cristo, um grande amor por Maria, um grande amor pela Igreja. E, como filho fidelíssimo da Igreja de

⁴⁹ Foi bispo de Petrolina-PE nos anos 1985 a 2011.

Cristo, Igreja Una, Santa, Católica, Apostólica, ensinou-nos constantemente que é através da Igreja que Jesus se torna presente no meio de nós (SILVA, apud GOMES, 2015, p. 34).

Não se pode negar que Frei Damião tem um papel importante para a religiosidade nordestina, de modo especial. Ele deu testemunho de sua fé, foi capaz de mostrar a presença de Jesus Cristo nas suas ações. Certa vez, ele partilhou isso com a senhora Helena Rinaldi: “Passo o meu tempo sempre pregando: a fim de que a semente da palavra divina produza frutos abundantes, é necessário regá-la com a oração” (FREI DAMIÃO, 1967). Diante do devotamento que muitos lhe têm, o desafio é buscar redirecionar o povo para uma fé mais madura, sem exageros e fundamentalismos que não se sustentam. Isso é, inclusive, uma forma de valorização do testemunho de fé dessas pessoas (MESQUITA, 2015, p. 170).

Falando ainda sobre o legado que Frei Damião deixa para os dias atuais e se ele pode ser considerado um modelo de missionário para nosso tempo, Dom Bernardino Marchiό⁵⁰ afirma o seguinte:

Não tenho dúvida: algumas atitudes, gestos e maneiras de anunciar a doutrina da fé católica não são mais atuais e não podem ser repetidas. Mas o seu estilo de vida, o seu ardor missionário e o seu anseio de chegar a todas as pessoas, anunciando o Evangelho, devem ser imitados e ainda continuam a ser uma fonte de inspiração para quem quer levar a alegria do Evangelho em todas as periferias do mundo (MARCHIÓ, apud GOMES, 2015, p. 70).

Como se pode constatar, aquele conflito surgido entre parte do clero e a figura de Frei Damião, devido ao seu modo de pregar missões, tendo em vista as orientações do Vaticano II, foram se dissolvendo diante do seu testemunho de santidade. Criticavam-no quanto à forma de conduzir as missões, mas eram concordes quanto à sua santidade pessoal. Afirma Lopes Neto:

Ele tornou-se uma viva mensagem não verbal do Evangelho. Principalmente nos últimos anos de sua vida e atividade, Frei Damião, velho, doente, cansado e já muito conhecido e falado, comunicava muito mais pelo que representava do que pelo que ainda podia dizer (LOPES NETO, 2011, p. 68).

Nesse sentido de comunicar a partir do seu próprio ser, Frei Damião é um representante de primeira linha. Segundo Magalhães Rocha,

Frei Damião recebe, em média, 100 cartas por dia, pedindo para curar doenças, vícios, fazer chover, ajustar casais etc. Confessa, diariamente, umas 300 pessoas. Não descansa, nem tira férias. Sua

⁵⁰ Foi bispo de Caruaru-PE entre os anos de 2003 a 2019.

presença em qualquer comunidade rural ou pequena cidade, duplicalhes a população, chegando gente de toda a redondeza. Todos desejam ouvi-lo, mesmo com a voz rouca, quase imperceptível; aproximar-se dele, mesmo com cabelos e barbas brancas, envelhecido e corcunda. Seu tipo físico já é uma grande mensagem (ROCHA, 1989, p. 55).

De certo modo, o capuchinho, benquisto pela população nordestina, devido a seu visível exemplo de doação à missão e de ter “mergulhado” na vida do povo, tornou-se um exemplo daquilo que o próprio Vaticano II diz acerca do testemunho a ser dado pelos missionários: “Considerem-se a si mesmos como membros dos agrupamentos humanos em que vivem, e participem na vida cultural e social através dos vários intercâmbios e problemas da vida humana; familiarizem-se com as suas tradições nacionais e religiosas” (AG, 11).

Numa missiva destinada à senhora Helena Rinaldi, Frei Damião apresenta suas preocupações em relação à missão:

Recorde-se sempre de rezar por mim, a fim de que possamos fazer um pouco de bem no meio do povo. Nós missionários semeamos, pregando; mas para que a semente da Palavra de Deus frutifique, é necessário regar, e se rega com a oração e com sacrifício. Não deixe, portanto, de prestar sempre essa contribuição aos nossos esforços apostólicos (FREI DAMIÃO, 1964a).

Frei Damião é modelo para os consagrados na vivência dos conselhos evangélicos. É modelo para os missionários na sua itinerância, no seu desejo de evangelizar a todos. É modelo também para os sacerdotes na sua doação, na sua entrega, no seu zelo apostólico, ao cumprir seus deveres sacerdotais. Um homem de oração e de profunda intimidade com Deus; dela tirava a força de seu dinamismo apostólico. (LAZZARI, 2001).

Numa época como a nossa, caracterizada pela diversidade de ideias, onde limites entre bem e mal, erro e verdade, não são tão seguros nem bem definidos e onde, no meio de tanta confusão, muitos se perdem num permissivismo tolerante, Frei Damião, a partir de suas convicções, recorda as verdades eternas, denuncia os desvios morais e socorre os necessitados, dentro de suas possibilidades.

Refletindo sobre seus sermões, hoje, podem parecer-nos antiquados, na retórica, e rigorosos na disciplina. No seu zelo pastoral, Frei Damião era austero e, de certo modo, contrário a determinadas novidades. No entanto, é impressionante que tenha sido um grande comunicador das massas, mesmo com tão poucos recursos. Ele se tornou um objeto de curiosidade da imprensa, por ser um mito e um símbolo para o povo (LOPES

NETO, 2011). Nosso tempo é marcado pelo progresso dos meios de comunicação e pela presença nas redes sociais. Diante disso, e contando com tantos recursos, Frei Damião nos interpela como utilizar esses meios para a evangelização e obter o “sucesso” que ele teve.

Em referência a Frei Damião, enquanto comunicador, eis o que relata Luiz Cristóvão dos Santos, quando, certa vez, acompanhou sua chegada para as missões, na cidade de Custódia-PE:

Frei Damião saltou de um jeep ultra moderno. Ao lado, o ‘chauffeur’, um frade moço, risonho e corado, de barbas cor de mel. Na parte traseira da viatura, fios, arames, transmissores, ferramenta, alto-falantes, pick-up, todo o arsenal necessário à retransmissão e ampliação da voz temível do frade, nas pregações que abalam o sertão. O frade moço, mecânico e chauffeur, ligou os fios, preparou a engrenagem e a voz de Frei Damião rolou sobre a multidão estarecida. A multidão ouvia em silêncio, maravilhada e boquiaberta (SANTOS, 1953, p. 22).

Considerando que a comunicação é um elemento primordial para a evangelização, vê-se que Frei Damião é um modelo de comunicador para o nosso tempo. Segundo Lopes Neto, isso se dá porque ele simplesmente se fez entender e pôde compreender e acolher quem dele se aproximava:

Um mergulho na carismática figura de Frei Damião nos fez entender, mais e melhor, a importância daquilo que ainda é a razão da verdadeira comunicação e da evangelização: o ser humano. Todo o seu sucesso como fenômeno comunicativo e pastoral se deve ao fato de ter conseguido fazer-se entender, porque antes já havia compreendido a gente a quem devia servir. Frei Damião continua a chamar pais, mães, homens e mulheres à missão de serem, neste mundo saturado de informações, pessoas que sabem escolher, decidir e responsabilmente anunciar o que é bom, justo e digno de ser chamado comunicação: proposta, acolhida, encontro e encanto (LOPES NETO, 2011, p. 120-121).

É interessante observar que a preocupação constante de Frei Damião era evangelizar o povo. A iniciativa de escrever o livro “Em defesa da fé” representa o esforço em comunicar as verdades da fé católica a seus leitores. Seus sermões, nas Santas Missões, eram “espaços” privilegiados de tentativas de levar seus ouvintes à conversão, e assim, tantos outros elementos presentes em sua ação missionária. Outro exemplo se deu em 1990, durante uma missão em Petrolina, Pernambuco, quando formulou dez conselhos para os fiéis católicos, um texto que apresenta seu esforço de

atualizar-se frente às problemáticas e desafios que permeiam a vida dos seres humanos⁵¹.

O texto que contém esses dez conselhos inicia com uma reflexão que aponta o quanto o centro de sua vida e missão era Jesus Cristo. Eis o que escreve o missionário:

O Pai do céu amou tanto a gente que nos enviou o seu filho Jesus. Quem nele crê e pratica a sua palavra, tem a vida (cf. Jo 3,16). Jesus é o maior presente que o Pai nos deu. Crer em seu Nome e anunciar o seu Evangelho, esta é a nossa missão. A missão não termina nunca! Ela deve continuar na sua vida pessoal, na sua família, na Igreja. Como lembrança das Santas Missões, guarde, pratique e ensine aos outros esses dez conselhos (FREI DAMIÃO, apud GOMES, 2016, p. 14).

Nesses dez conselhos, Frei Damião diz que para ser um bom filho de Deus, um bom cristão e um bom católico, é preciso respeitar as pessoas, a vida e a família, fugir da imoralidade e ser honesto em todas as coisas. Igualmente, incita todos à prática da justiça e da caridade e ao respeito à natureza, participando da vida da Igreja, procurando conhecer bem a sua religião e participando ativamente da sua comunidade. Seguem alguns trechos para ilustração desse parágrafo:

Um bom filho de Deus, um bom cristão e um bom católico... respeita as pessoas resolvendo os problemas sem violência... respeita a vida, não andando armado... não alimentando vingança nem praticando crime...vive para a família, trabalha para sustentar e educar os filhos... é honesto nos negócios, não explorando nem enganando ninguém... pratica a justiça e a caridade dando a cada um o que lhe pertence, socorrendo os necessitados, estando do lado dos pequenos e pobres... participa da vida e da comunidade, toma parte em grupos que defendem e promovem a vida e os direitos humanos (FREI DAMIÃO, apud GOMES, 2016, p. 14-15).

Fazendo uma análise da vida e da obra de Frei Damião, observa-se que essas podem ser assumidas como modelo para o nosso tempo. Disso, não se tem dúvida. Mas, pastoralmente falando, nossa tentativa é perceber se a devoção surgida em torno dele contribuiu para a evangelização nos tempos atuais.

A devoção a Frei Damião está totalmente imersa na religiosidade popular que deve ser compreendida, discutida, valorizada e aproveitada no âmbito da evangelização hodierna. Quem sabe, como pensa Giacomo Panteghini, se faz necessária uma redescoberta dessa religiosidade, tanto do ponto de vista da antropologia cultural,

⁵¹ O texto completo encontra-se no anexo, na parte final dessa dissertação. Um original assinado por ele encontra-se no Arquivo da Causa de Beatificação e Canonização, em Recife. Outro, nos arquivos pessoais do então bispo de Petrolina, Dom Paulo Cardoso da Silva.

quanto da teologia eclesial. Da religiosidade “hospedada” para a religiosidade “integrada”, da periferia para o centro da Igreja, da religiosidade dos pobres (mas não pobre) para a religiosidade de todos (também dos desiludidos do bem-estar material), do “objeto” (que se deve rejeitar ou proteger) para o “sujeito”, portador de valores e de energias, dotado de originalidade e identidade próprias (PANTEGHINI, 1996, p. 7).

Os espaços dedicados a Frei Damião – memoriais e santuários – se tornam lugares privilegiados de evangelização. E isso nos remete ao Documento de Puebla, recordando que, entre os grandes desafios que a piedade popular traz consigo para esses novos tempos, está a necessidade de transformar nossos santuários em lugares privilegiados de evangelização (DP, 1979). Para esses locais, ocorrem muitas pessoas que desejam ser acolhidas e confirmadas em sua fé. Ali, muitos fiéis reafirmam sua devoção ao frade, fazem seus pedidos e pagam suas promessas, além de receberem os sacramentos, particularmente a reconciliação e a eucaristia. Desse modo, são espaços que se tornam expressões de profunda experiência religiosa, levando o povo fiel a viver o mistério de Cristo em sua profundidade (cf.: BECKHÄUSER, 1994, p. 291).

Em síntese, buscando interpretar a importância da religiosidade popular e da devoção a Frei Damião, no âmbito da evangelização, percebe-se que é imprescindível integrar os melhores elementos advindos desse devotamento em suas diversas expressões. Também, os necessários dinamismos do presente, bem como os desafios que o futuro suscita. Ou seja, a religiosidade popular é um verdadeiro patrimônio vivo, com sua diversidade de manifestações, entre as quais aquela a Frei Damião, agregando elementos de fé, vida e arte. O dever da Igreja é, na sua dimensão pastoral, estar junto à realidade das pessoas, adentrando-lhe a alma festiva que, apesar de todas as limitações e dificuldades, faz de sua fé a sua arte e a sua festa. Daí a beleza das manifestações devocionais, que podem ser contempladas nas romarias e nos santuários.

É nossa missão viver em comunidade, respeitando a pluralidade e a unidade dos contrastes da vida, acolhendo, purificando e integrando a cultura e a religiosidade popular, tendo em vista uma Igreja mais bela, profética, festiva e dinâmica.

Consciente da missão cumprida nas quase sete décadas de evangelização do Nordeste (1931-1997), Frei Damião expressa o que sentia diante de suas realizações. Suas palavras soam como um itinerário, um testamento, um gesto de gratidão:

Sinto-me no dever de agradecer por tudo o que fizestes por mim durante todo esse tempo. Nas cidades, nas vilas, nos povoados, sempre fui recebido com festa e tratado com muito carinho. Sempre a minha palavra teve boa acolhida nos vossos corações porque sabíeis que era

a palavra do próprio Jesus Cristo. Meus irmãos, para o vosso bem, para o bem de vossas famílias, para a prosperidade da pátria, conservai sempre em vós esse espírito de Jesus que vos anima. Digo-vos para o bem de vossas famílias, para a prosperidade da pátria, porque a religião não somente é necessária para os indivíduos e para as famílias, mas também para a sociedade. A história está aí para demonstrá-la. A primeira pedra de qualquer sociedade sempre foi um altar. E quando essa pedra foi derrubada também a sociedade caiu em ruína. Repito-vos: conservai sempre em vós esse espírito de Jesus que vos anima. E prestareis ao Brasil o maior serviço que lhe podéis prestar. Muito obrigado! Sempre rezei por vós e também, depois da morte, se Deus me conceder uma morada no Céu, continuarei a rezar por vós, pedindo a Deus que vos proteja, que vos defenda de todos os males e um dia vos reúna comigo no Paraíso. Viva Nosso Senhor Jesus Cristo! Viva Maria Imaculada! Viva São Francisco! Viva o Papa! Viva o clero! Vivam as autoridades civis e militares! Viva o Nordeste! Viva o Brasil! Abençoe-vos Deus todo poderoso, Pai e Filho e Espírito Santo (FREI DAMIÃO, apud GOMES, 2016, p. 10).

Depois de me ater às pesquisas, tentando fazer uma interpretação da devoção a Frei Damião de Bozzano, concluo que há uma grande riqueza de elementos, que compõem e norteiam as diversas expressões de fé do povo. E muitas dessas coisas, se acolhidas ou ressignificadas, podem contribuir com a Igreja, em diversos aspectos, para a evangelização nos dias atuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nosso trabalho, interpretamos a devoção a Frei Damião, no contexto do catolicismo popular, partindo das diversas expressões de fé e piedade, que representam os impulsos dos fiéis, na sua relação com o sagrado. Para esse propósito, desenvolvemos uma pesquisa em diversas fontes bibliográficas e documentais. Essas serviram como subsídio, para que chegássemos a uma maior compreensão dessa devoção.

Ao estudar o catolicismo popular e, nele, as expressões de devoção a Frei Damião, observamos que houve uma grande contribuição de diversos elementos, advindos da Matriz Religiosa Brasileira, e que estão presentes até os dias de hoje nas práticas e crenças do nosso povo. Por meio da junção desses elementos, o catolicismo popular, ao longo dessa pesquisa, delineou-se como uma construção cultural muito rica, apesar das complexidades envolvidas, ao levar em conta a diversidade das práticas populares de manifestação de fé e representações do sagrado. Contudo, observamos que o catolicismo popular e também a religiosidade popular, com suas matrizes, não dão conta de explicar o “fenômeno” Frei Damião, pois sua figura extrapola os limites e pode, inclusive, ser objeto de estudos para diversos campos da ciência.

É interessante perceber o movimento devocional em torno da figura do capuchinho, já desde os primeiros anos, depois de sua chegada ao Brasil, e que foi crescendo com o passar do tempo. Era alvo de devoção já em vida, e isso ficou mais explícito no período de sua morte e velório. Desde seu falecimento até hoje, têm surgido, de modo especial, em todo o Nordeste, espaços de devoção ao frade, verdadeiros memoriais, por que não dizer, santuários a ele dedicados. Nesses locais, as pessoas expressam seu devotamento, rememoram seus gestos e seus ditos e transmitem às novas gerações o legado deixado por ele.

Ao estudar essas manifestações devocionais, averiguamos que os sentidos atribuídos às práticas dos devotos passam por transformações. Tudo depende das condições e experiências de cada indivíduo em suas realidades (HERVIEU-LÉGER, 2015). Partindo dessa reflexão, verificamos que determinadas práticas devocionais expressam sentimentos de emoção e são capazes de envolver vários conflitos humanos, respondendo às questões mais íntimas e essenciais, de acordo com as aflições e com as esperanças de cada devoto.

Analisando, pois, o longo período de ação missionária no Brasil (1931-1997), pudemos compreender o processo histórico dessa devoção em torno dele e as tensões que envolveram tanto esse devotamento como a própria atividade evangelizadora do frade.

Os 66 anos de dedicação constante às Santas Missões, numa vida marcada pelo esforço de viver as virtudes cristãs, lhe renderam a fama de santo. Ele carrega consigo as alcunhas de confessor e conselheiro, por ter escutado milhares de pessoas, durante esse tempo em que partilhavam não somente seus pecados, mas, também, suas dores e alegrias cotidianas. É o missionário itinerante, reconhecido como o “Andarilho de Deus”, que esteve no meio do povo sofrido, indo ao encontro das periferias geográficas e existenciais, se quisermos evidenciar o termo recente utilizado pelo Papa Francisco.

Frei Damião deixou o legado de um grande comunicador do Evangelho, mesmo tendo vivido em tempos onde não se contava com os avanços tecnológicos hodiernos. Seu grande empenho era anunciar Jesus Cristo, ser instrumento de conversão e, assim, poder contribuir para a salvação das almas. Para isso, ele enfrentou as intempéries do tempo, as distâncias geográficas, as incompreensões e críticas, e permaneceu incólume em sua postura e em suas convicções de evangelizador.

Durante o seu itinerário missionário, Frei Damião esteve com toda classe de pessoas, porque não fazia acepção de nenhuma delas. Destarte, teve sua imagem utilizada por políticos, que buscavam se aproveitar de sua boa fama no meio da população. O certo é que muita gente tinha uma admiração por ele e, por algum motivo, o queriam próximo. Acolhendo a todos, tornou-se, então, querido em toda a região. Resultado disso é que, ainda hoje, encontramos fotografias ou imagens dele, em lugar de destaque, nas casas de muitos nordestinos.

Em tempos como o nosso, onde é latente a carência de alguém disponível para ouvir, Frei Damião é referencial de escuta atenta e solidária. Nesses dias em que o Papa tem falado em “pastores com o cheiro das ovelhas”, Frei Damião é exemplo de quem exala o “perfume” do povo nordestino, sofrido, porém cheio de fé e esperança. Como tantos de seus confrades, ele é um frade do povo. Vivendo num tempo em que a Igreja nos fala de uma “nova evangelização” e de um “novo ardor missionário”, Frei Damião é modelo de amor à missão e zelo apostólico. Diante de tantas alternativas e propostas que o mundo oferece hoje, Frei Damião nos apresenta a proposta do Evangelho. Em dias marcados por incertezas e pelas *fake news*, Frei Damião é expressão de coerência, que une vida e discurso, apontando para Jesus, caminho, verdade e vida.

Diante de novos desafios e caminhos pastorais, a Igreja pode encontrar em Frei Damião um legítimo representante da ortodoxia e da tradição; um pregador incansável do Evangelho, um defensor da fé cristã católica, um abnegado missionário e, a partir do seu exemplo, com novos métodos, anunciar o Reino. Os missionários de hoje, ao percorrerem as sendas nordestinas, encontrarão, facilmente, as pegadas deixadas pelo “velho capuchinho”.

No seu tempo, Frei Damião já realizava aquilo que o Papa Francisco tem pregado nos dias de hoje: uma Igreja em saída; ir às periferias geográficas e existenciais (EVANGELII GAUDIUM, 2014). O pontífice bebe sem cessar nas fontes vivas de um evangelho vivido pelo povo; de modo particular, pelos pobres, pequenos e simples. Graças a ele, o mundo descobriu a existência da 'teologia do povo' (SCANNONE, 2019).

Desde sua chegada ao Brasil, em 1931, Frei Damião esteve no meio do povo, das pessoas sofridas do Nordeste brasileiro. Não media esforços para ir ao encontro das populações agrestinas e sertanejas, também bebendo nas fontes vivas das experiências desse povo. Percorrendo enormes distâncias e enfrentando outros tantos desafios da missão, ele colocava-se a serviço da evangelização. Apresentou-se como um verdadeiro apóstolo, conservando grande ardor missionário. Não importava o lugar: povoados, vilas, cidades e capitais. Todos contavam com sua dedicação apostólica. Da mesma forma, não fazia acepção de pessoas, atendendo a todas as classes, sem exceção. Todos eram destinatários da Palavra de Deus e dos benefícios dos sacramentos. Tal dedicação rendeu-lhe a fama de missionário incansável, de frade do povo e de santo.

Essa interpretação nos ajudou a perceber diversas contribuições à missão, advindas da devoção a Frei Damião: o uso dos objetos religiosos, como o crucifixo e o rosário, a primazia da Palavra de Deus, a administração dos sacramentos, a preocupação com a salvação das almas, as práticas de misericórdia e a escuta atenta dos problemas que afligem os fiéis. Tudo isso, tomando como base e centro que é o Cristo. Dessa forma, percebemos o quanto a missão de Frei Damião foi profundamente cristocêntrica e que a devoção a ele leva a Cristo.

Não podemos esquecer que Frei Damião portava consigo o carisma franciscano e se faz necessário observar a importância da força dos pobres na espiritualidade franciscana, que influenciou a atividade missionária do frade no Nordeste. A partir do exemplo desse capuchinho, pode-se ver como resgatar o valor da atuação junto aos empobrecidos, especialmente nesse tempo pós-conciliar.

A Igreja, em suas iniciativas missionárias, poderá aproveitar-se desse legado deixado por Frei Damião e realizar uma grande obra de evangelização, com base nos elementos que sobressaem da devoção que os nordestinos lhe têm. Qualquer elemento, aqui ou acolá, poderá ser alvo de crítica ou discordância, mas todos serão concordes que ele deixou marcas profundas na caminhada eclesial de nossa gente.

Dentre as práticas missionárias de Frei Damião, é possível que se encontrem algumas coisas já não cabíveis nos tempos atuais, mas todo esse patrimônio, por ele deixado, pode ser revisitado. E ali alguém poderá sentir-se convidado à missão, com novos métodos, porém, com o mesmo entusiasmo e pela mesma razão que tivera o capuchinho. E essa razão será sempre a causa do Reino de Deus.

Com relação à devoção a Frei Damião, constatamos que é crescente e prossegue se consolidando no meio do povo, em vias de um reconhecimento oficial da parte da Igreja, através do Processo de Beatificação e Canonização, que tramita no Vaticano. Entretanto, os percursos devocionais não passam, obrigatoriamente, por esse reconhecimento, pois os devotos já o veneram como santo. Eles esperam que a Igreja reconheça oficialmente o testemunho de vida e santidade do frade, todavia, enquanto isso não acontece, continuam conservando, produzindo, promovendo e consolidando a devoção a ele.

Diante da complexidade do catolicismo popular, o desafio da Igreja é buscar abstrair e valorizar todas as riquezas dele, em suas diversas expressões e, naquilo que se fizer necessário, redirecionar o povo para uma fé mais madura, sem exageros e fundamentalismos, que não se sustentam mais, frente ao atual contexto eclesial. Nesse mesmo sentido, deve ser tratada a devoção que o povo tem a Frei Damião de Bozano.

Com essa interpretação, percebemos o modo como Deus se manifesta a seu povo e, com isso, como Ele se faz próximo de sua gente. As pessoas têm experiências de Deus, diversas e marcantes, que geram uma religiosidade rica em expressões. Conseqüentemente, esse catolicismo popular torna-se um caminho oportuno, na tarefa da evangelização do presente e, provavelmente, também do futuro. E, nesse sentido, o devotamento que as pessoas têm a Frei Damião pode oferecer diversos contributos.

Por fim, afirmamos que nossa interpretação do catolicismo popular e da devoção a Frei Damião não pretende esgotar o assunto. Nosso intento não é concluir a pesquisa, mas motivá-la ainda mais. No final dessa dissertação, podemos concluir que algumas lacunas fazem parte desse trabalho. As temáticas do catolicismo popular e da devoção a

Frei Damião são muito ricas, em suas expressões, e não é possível esgotá-las através do presente estudo. Resta ainda muito a se pesquisar, analisar e descobrir.

ANEXO

Conselhos de Frei Damião

Conselhos de Frei Damião, elaborados e publicados em forma de folheto durante as Santas Missões realizadas em Araripina-PE, no ano de 1990.

O Pai do céu amou tanto a gente que nos enviou o seu Filho Jesus. Quem nele crê e pratica a sua palavra, tem a vida (cf. Jo 3,16). Jesus é o maior presente que o Pai nos deu. Crer em seu nome e anunciar o seu Evangelho, esta é a nossa missão. A missão não termina nunca! Ela deve continuar: na sua vida pessoal, na sua família, na Igreja. Como lembrança das Santas Missões, guarde, pratique e ensine aos outros os dez conselhos de Frei Damião.

Um bom filho de Deus, um bom cristão e um bom católico:

1º - Respeita as pessoas

- Tratando sempre bem os outros;
- Resolvendo os problemas sem violência;
- Não desassossegando a família alheia.

2º - Respeita a vida

- Não andando armado;
- Não guardando ódio, não alimentando vingança nem praticando crime;
- Não matando as criancinhas antes de nascerem, pois o aborto é um crime covarde que clama aos céus!

3º - Vive para a família

- Trabalha para sustentar e educar os filhos;
- Não bota filhos no mundo para os outros criarem;
- É fiel à esposa e ao sacramento do matrimônio.

4° - Não vive na imoralidade

- Dá-se ao respeito;
- Respeita as mulheres e as moças como criaturas de Deus;
- Não vive na cachaça, nem na droga e nem no jogo.

5° - É honesto nos negócios

- Não explorando nem enganando ninguém;
- Não querendo ficar rico às custas dos outros;
- Cumprindo a palavra dada.

6° - Pratica a justiça e a caridade

- Dando a cada um o que lhe pertence;
- Socorrendo os necessitados;
- Não guardando com usura;
- Estando ao lado dos pequenos e pobres.

7° - Respeita a natureza que Deus criou

- Defende a terra de Deus que é terra dos irmãos;
- Não mata os animais nem destrói as plantas sem necessidade.

8° - Participa da vida da Igreja

- É fiel à sua religião e não troca a sua fé por outra fé;
- Ouve e pratica a Palavra de Deus;
- Respeita o domingo, dia do Senhor;
- Participa com frequência dos sacramentos.

9° - Procura conhecer bem a sua religião

- Valoriza o sacramento do matrimônio e se prepara para recebê-lo;
- Prepara-se para batizar os filhos;
- Ensina os filhos a rezar e envia-os para o catecismo;
- Interessa-se pelo estudo da religião, na escola da Bíblia, na catequese de jovens e adultos etc.

10º - Participa da vida da comunidade

- Toma parte em grupos e movimentos que defendem e promovem a vida e os direitos humanos (grupos de casais, de jovens, de saúde, movimento popular, mutirões etc.).

Para quem vive e pratica esses conselhos, peço uma grande bênção de Deus e de nossa Mãe santíssima!

Frei Damião

REFERÊNCIAS

Livros

- Ad Gentes*. Decreto do Concílio Vaticano II sobre a atividade missionária da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2006.
- ALBERIGO, Giuseppe (Org.). **História dos concílios ecumênicos**. São Paulo: Paulus, 1995.
- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Recife; São Paulo: Massangana: Cortez, 1999.
- AMATO, Angelo. **Santi e Beati: come procede la Chiesa?** Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2012.
- AZZI, Riolando. **O catolicismo popular no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1979.
- AZZI, Riolando. **O episcopado do Brasil frente ao catolicismo popular**. Petrópolis: Vozes, 1977.
- AZZI, Riolando. **A teologia católica na formação da sociedade colonial brasileira**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BEOZZO, José Oscar. **A igreja do Brasil: de João XXIII a João Paulo II, de Medellín a Santo Domingo**. Petrópolis: Vozes, 1993.
- BEOZZO, José Oscar et al. **História da Igreja no Brasil: Ensaio de interpretação a partir do povo - Século XIX**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BERGER, Peter L. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulinas, 1985.
- BITTENCOURT FILHO, J. **Matriz religiosa brasileira: religiosidade e mudança social**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BOFF, Leonardo. **Igreja, carisma e poder**. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- BRIGHENTI, Agenor. **A desafiante proposta de Aparecida**. São Paulo: Paulinas, 2007.
- CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. **Conclusões da Conferência de Puebla**. São Paulo: Paulinas, 1979.
- CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. **Santo Domingo: Nova Evangelização, Promoção Humana e Cultura Cristã**. Petrópolis: Vozes, 1993.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. **Documento de Aparecida:** Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Paulus, 2007.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Medellín. In: **Documentos do CELAM:** conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, Medellín, Puebla e Santo Domingo. São Paulo: Paulus, 2004.

Corôa das Almas do Purgatório. Porto: Livraria Católica Portuense, 1906.

COSTA, Gutenberg. **A presença de Frei Damião na literatura de cordel.** Brasília: Thesaurus editora, 1998.

COUTO, Manoel José Gonçalves. **Missão abreviada:** para fazer a oração pública nas povoações. Porto: Livraria Popular Portuense, 1900.

CONGREGAÇÃO DAS CAUSAS DOS SANTOS. **Decretum super Virtutibus.** Roma, 2019.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano:** a essência das religiões. São Paulo, Martins Fontes, 1992.

EQUIPE DE MISSIONÁRIOS DO NORDESTE. **Cartilha das missões.** João Pessoa: Secretariado das Missões, 1993.

FLORES FILHO, José Honório das. **Frei Damião, o santo popular e a edificação do ícone:** a fé na modernidade e o catolicismo popular no Santuário de Frei Damião. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

FONTES FRANCISCANAS E CLARIANAS. Petrópolis: Vozes, 2014.

FRADES CAPUCHINHOS. **Caminho do céu:** Lembrança das Santas Missões dos Frades Capuchinhos. Recife, 1941.

FREI DAMIÃO DE BOZZANO. **Em defesa da fé.** São Paulo: Paulinas, 1955.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala.** São Paulo: Global, 2006.

FREYRE, Gilberto. **Assombrações do Recife velho.** São Paulo: Global, 2008.

FUENTES, Salvador Valadez. **A espiritualidade da ação missionária à luz de Aparecida.** Brasília: CNBB, 2009.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido:** a religião em movimento. Petrópolis: Vozes, 2015.

HOORNAERT, Eduardo. **Formação do catolicismo brasileiro 1550-1800:** ensaios de interpretação a partir dos oprimidos. Petrópolis: Vozes, 1991.

HOORNAERT, Eduardo. **O cristianismo moreno do Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1990.

JOÃO PAULO II. **Rosarium Virginis Mariae**. São Paulo: Paulinas, 2015.

KONINGS, Johan; ZILLES, Urbano. **Religião e cristianismo**. Porto Alegre: EST, 1981.

LANDI, Antonio. **Padre Damiano Giannotti, a un anno della sua morte**. Vittoria Apuana: Edição do Autor, 1998.

LAZZARI, Gianfranco. **Padre Damiano un apostolo del vangelo**. San Giovanni Rotondo: Edizioni Frati Cappuccini, 2002.

Livro de crônica do Convento Coração Eucarístico de Jesus dos P.P. Capuchinhos em Caruaru, da Custódia de Pernambuco (1950-1982). Arquivo da Província Nossa Senhora da Penha do Nordeste do Brasil, Recife.

Livro de tomo das missões (1928-1939). Arquivo da Província Nossa Senhora da Penha do Nordeste do Brasil, Recife.

LIBÂNIO, João Batista; MURAD, Afonso. **Introdução à teologia: perfil, enfoques, tarefas**. São Paulo: Loyola, 2001.

Mappa dos Missionarios Capuchinhos italianos que estiverão neste Hospício da Penha (1718-1940). Manuscrito. Recife: Arquivo da Província N. Sra. da Penha do NE do Brasil.

MATOS, Henrique Cristiano José. **Nossa história: 500 anos de presença da Igreja Católica no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 2011. Tomo 1.

MATOS, Henrique Cristiano José. **Nossa história: 500 anos de presença da Igreja Católica no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 2011a. Tomo 3.

MEDEIROS, Francisco Muniz. **Frei Damião, apóstolo do Nordeste**. João Pessoa: Edição do Autor, 1975.

MOURA, Abdalaziz de. **Frei Damião e os impasses da religião popular**. Petrópolis: Vozes, 1978.

NEMBRO, Metódio da. **Storia dell'attività missionaria dei minori cappuccini nel Brasile (1538-1889)**. Roma: Institutum Historicum Ord. Fr. Min. Cap., 1958.

O cantor da matriz. Garanhuns, 1960.

OLIVEIRA, Pedro de Assis Ribeiro de. **Catolicismo popular como base religiosa: catequese e socialização da fé**. Rio de Janeiro, 1974.

OLIVEIRA, Gildson. **Frei Damião, o santo das missões**. São Paulo: FTD, 1997.

OLIVEIRA, Hermínio Bezerra de. **Formação histórica da religiosidade popular no Nordeste**. São Paulo: Paulinas, 1985.

- PANTEGHINI, Giacomo. **La religiosità popolare: provocazioni culturali ed ecclesiali**. Padova: Messagero, 1996.
- PAPA FRANCISCO. **Evangelii Gaudium**. São Paulo: Paulinas, 2014.
- PAULO VI. **Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi**. São Paulo: Loyola, 1976.
- PRIMERIO, Fidelis M. de. **Capuchinhos em Terras de Santa Cruz nos séculos XVII, XVIII e XIX**. São Paulo: Livraria Martins, 1940.
- QUENTAL, Antero de. **Causas da decadência dos povos peninsulares nos últimos três séculos**. Livros de Portugal: Rio de Janeiro, 1942.
- RODRIGUES, José Honório. **Independência: revolução e contra-revolução**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, vol. 2, 1975.
- RUBENS, Pedro. **O rosto plural da fé: da ambiguidade religiosa ao discernimento do crer**. São Paulo: Loyola, 2008.
- SANTOS, Luiz Cristóvão dos. **Frei Damião, o missionário dos sertões**. Recife: Edição do Autor, 1953.
- SCANNONE, Juan Carlos. **A teologia do povo: raízes teológicas do papa Francisco**. São Paulo: Paulinas, 2019.
- SILVA, Jociel João Gomes da (Org.). **Frei Damião, um apóstolo do Nordeste**. Recife, 2015.
- SILVA, José Carlos da. **Frei Damião de Bozzano, missionário do Nordeste**. Recife, 1977.
- SILVA, José Luiz. **Frei Damião**. Natal: Edição do Autor, 1977a.
- SOUTO MAIOR, Mario. **Frei Damião, um santo?** Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1998.
- SOUSA NETO, Francisco Lopes. **Frei Damião o missionário**. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2011.
- SUESS, Paulo G. **Catolicismo popular no Brasil: tipologia e estratégia de uma religiosidade vivida**. São Paulo: Loyola, 1979.
- TANQUEREY, Adolphe. **Brevior Synopsis Theologiae Dogmaticae**. Paris-Roma: Typis Societatis Sancti Joannis Evang. Desclée e Socii, 1949.
- VERGER, Pierre. **Orixás, deuses yourubas na África e no Novo Mundo**. Salvador: Corrupio, 2002.
- VIEIRA, Dilermando Ramos. **História do catolicismo no Brasil**. Aparecida: Santuário, 2016. v. 2.
- VV.AA. **A religião do povo**. São Paulo: Paulinas, 1978.

VV.AA. **A religião do povo**. Curitiba: Studium Theologicum, 1976.

VV.AA. **Religiosidade popular e misticismo no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 1984.

Teses, Monografias e Dissertações

CRUZ, Francisca Petruce da. **Trabalhando a memória**: as marcas da passagem de Frei Damião pela cidade de São Miguel-RN. 2010. 84f. Monografia (Especialização em Geografia e História) – Faculdade Vale do Salgado, São Miguel. 2010.

CRUZ, João Ewerton da. **Frei Damião**: a figura do conselheiro no catolicismo popular do Nordeste brasileiro. 2010. 115f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Departamento de Ciências da Religião, Belo Horizonte. 2010.

JURKEVICS, Vera Irene. **Os santos da Igreja e os santos do povo**: devoções e manifestações de religiosidade popular. Dissertação (Pós-graduação em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2004.

ROCHA, Francisco de Assis Magalhães. **Religiosidade popular no Nordeste brasileiro**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade de Santo Tomás de Aquino, Roma. 1989.

SILVA, Aerton Alexander de Carvalho. **A construção de um taumaturgo**: a prática missionária de Frei Damião de Bozzano no Nordeste brasileiro. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife. 2019.

SILVA, Lêda Cristina Correia da. **Práticas e representações hagiológicas**: a devoção a Frei Damião de Bozzano (1931-2008). 2009. 167f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Recife. 2009.

Artigos

AGNELO, Geraldo Majella. Igreja e Religiosidade Popular na América Latina – apresentação do documento do CELAM. In: **A Religião do Povo**. São Paulo: Paulinas, 1978, p. 126-134.

Apoteose da fé católica foi o movimento de grande Missão encerrada domingo último nesta cidade. In: **A Defesa**. Caruaru, 25 de novembro de 1951, p. 1.

AZZI, Riolando. Formação histórica do Catolicismo popular brasileiro. In: **A Religião do Povo**. São Paulo, Paulinas, 1978, p. 44-71.

AZZI, Riolando. Elementos para a história do catolicismo popular. In: **Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis: Vozes, 1976, Vol. 36, Fasc. 141, p. 95-130.

BECKHÄUSER, Alberto. Os santuários e sua espiritualidade. In: **Grande Sinal**. Petrópolis: ITFP, maio-junho de 1994, p. 283-291.

BOFF, Leonardo. O triunfo do cristianismo tradicional. In: **Folha de São Paulo**. São Paulo, 22 de junho de 1997, p. 3.

CALISSI, Enio. La pagina di Padre Damiano da Bozzano. In: **Incontro**. Massarosa, 2019, N° 130, p. 6.

CALISSI, Enio. Una vita in missione: Padre Damiano da Bozzano. In: **La Parrochia**. Compignano, 2019, N° 2, p. 11-12.

CARMO, Maria Vanessa Nunes do; AGUIAR, Sylvana Maria Brandão de. Os abastados também creem: faces dos devotos de Frei Damião de Bozzano e trajetórias de vida. In: **Anais do II Congresso Nordestino de Ciências da Religião e Teologia**. Recife, 2016, p. 278-293.

CODINA, Víctor. A religiosidade popular nos exercícios espirituais de Santo Inácio de Loyola. In: **Perspectiva Teológica**. Belo Horizonte: Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, 1987, N° 49, p. 353-365.

COMBLIN, José. Situação histórica do Catolicismo no Brasil. In: **Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis: Vozes, 1966, N° 36, p. 584.

COMBLIN, José. Para uma tipologia do catolicismo no Brasil. In: **Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis: Vozes, 1968, N° 28, p. 46-76.

COSTA, Henrique Soares da. A pregação de Frei Damião. In: **Revista Frei Damião**. Recife, 2007, ano 1, N° 2, p. 26.

Frei Damião morre após agonia que comoveu o Brasil. In: **Jornal o Povo**. Fortaleza, 02 de junho de 1997, p. 2F-6F.

Frei Damião in: **Revista Veja**. São Paulo: Abril, n. 1499, 11 de junho de 1997, p. 117s.

FALCÃO, Lore; FRANÇA, Inácio. O Santo Milagreiro. In: **Revista Manchete**. Rio de Janeiro, 7 de junho de 1977, p. 12-18.

FINIZOLA, Janduhy. Meu amigo Frei Damião. In: **Revista Frei Damião**. Recife, 2007, ano 1, N° 1, p. 22.

HELGEN, Erika. Un santo antiprotestante: frei Damião, conflicto religioso y La restauración católica em Brasil, 1931-1945. In: MOURA, Carlos André Silva de;

MARROQUIM, Dirceu; HELGEN, Erika (Orgs.). **Histórias Transnacionais:** intelectuais, devoções e ordens católicas na América Latina durante o século XX. Rio de Janeiro: Autografia, 2020.

HILTON, G. Dez anos sem Frei Damião. In: **Jornal a União**. Guarabira, 31 de maio de 2007. Matéria especial.

HOORNAERT, Eduardo. Modelos de santidade a partir do povo. In: **Concilium**. Petrópolis: Vozes, 1979, n. 149 p. 47-57.

HOORNAERT, Eduardo. O que há por trás da religiosidade popular? In: **Vida Pastoral**. São Paulo: Paulus, março-abril de 2013, p. 3-10.

HOORNAERT, Eduardo. In Memoriam Frei Damião. In: **Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis: Vozes, 1997, Nº 57 p. 670-674.

HOORNAERT, Eduardo. Da ignorância religiosa à teologia popular. In: RICHARD, Pablo (Org.). **Raízes da Teologia Latino-americana**. São Paulo: Paulinas, 1987, p. 359-366.

LANDI, Antônio. Recordando Frei Damião. In: **Revista Frei Damião**. Ano 1, Nº 1, Recife, maio, 2007.

LEITE, Ronildo Maia. Entrevista com Frei Damião. In: **Revista Veja**. São Paulo: Abril, 05 de abril de 1972, p. 63-64.

Livro de Tombo das Missões (1928-1940). Manuscrito. Recife: Arquivo da Província N. Sra. da Penha do NE do Brasil.

LORASCHI, Celso. Dos jovens da Bíblia para os jovens de hoje. In: **Revista Pastoral**. São Paulo: Paulus, jan-fev/2013, p. 11-12.

MARCHIÓ, Bernardino. Frei Damião: um missionário para todos os tempos. In: GOMES, Jociel (Org.). **Frei Damião de Bozzano: um Apóstolo do Nordeste**. Recife, 2015.

MARIN, Jérri Roberto. A Santa Sé e a criação de novas circunscrições eclesiais em 1892. In: **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano XIV, n.40, Maio/Agosto de 2021, p. 221-250.

MARROQUIM, Dirceu. Partidas e chegadas: catolicismos no começo da República em dois momentos. In: MOURA, Carlos André Silva de; MARROQUIM, Dirceu; HELGEN, Erika (Orgs.). **Histórias Transnacionais:** intelectuais, devoções e ordens católicas na América Latina durante o século XX. Rio de Janeiro: Autografia, 2020.

MAZZAROLO, Jô. As câmeras e Frei Damião: dez anos depois. In: **Revista Frei Damião**. Recife, 2007, ano 1, Nº 2, p. 20.

Missões em Petrolina, em Baixa Verde e São Bento. In: **Revista Dom Vital**. Recife, Penha, 1941, Nº 9, p. 20.

MOURA, Abdalaziz de. Frei Damião e os impasses da religião popular. In: **Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis: Vozes, 1976, Nº 36, p. 202-225.

MOURA, Carlos André Silva de. Reformas eclesiais, missões e devoções: a reorganização do catolicismo em Pernambuco no início do século XX. In: MOURA, Carlos André Silva de; MARROQUIM, Dirceu; HELGEN, Erika (Orgs.). **Histórias Transnacionais: intelectuais, devoções e ordens católicas na América Latina durante o século XX**. Rio de Janeiro: Autografia, 2020.

MOURA, Carlos André Silva de; SILVA, Aerton Alexander de Carvalho. Missões e devoções no “Nordeste” do Brasil: a atuação eclesial e a formação de uma taumaturgia em torno do Frei Damião de Bozzano (1930-1940). In: **Topoi**. Rio de Janeiro, v. 22, n. 47, p. 408-431, maio/ago. 2021

MÜLLER, Elio Eugênio. Depoimento. In: **Livro de Tombo da subchefia do Serviço de Assistência Religiosa do Exército**. Recife, 08 de junho de 1997, p. 1.

Obra Social Frei Damião. In: **Revista Frei Damião**. Recife, maio de 2012. Edição comemorativa, p. 30-31.

OLIVEIRA, Pedro Ribeiro de. Religiões populares. In: BEOZZO, José Oscar (Org.). **Curso de Verão II**. São Paulo: Paulinas, 1988, p. 121s.

PARAHYM, Orlando. Frei Damião. In: **Jornal do Commercio**. Recife, 15 de outubro de 1975, p. 2.

PAZ, Jailson da. Terra de Damiões. In: **Diário de Pernambuco**. Recife, 30 de maio de 2011. Caderno Especial.

PEPEU, Luís Gonzaga Silva. Fra Damiano, Missionario di una Chiesa in uscita. In: **Proposta Tau – Eco delle Missioni**. Pontedera: Missioni dei Cappuccini Toscani, 2018, Nº 3, p. 6-7.

PICUCCI, Egidio. Frei Damião: Il volto umano della divina misericordia. In: **Rivista Continenti**. Roma, settembre, 1997, p. 13.

Primeira Missa no Terreno do Memorial Frei Damião. In: **Jornal Coração Eucarístico**. Caruaru: Paróquia Coração Eucarístico, 01 de março de 2012, p. 08-09.

REIS, Jessyluce Cardoso. Religiosidade Popular: o poder simbólico cultural e a interpretação do sagrado. In: **Revista Mosaicum**. Nº 7, Agosto-Dezembro de 2007, p. 67-76.

Revista Frei Damião. Recife, maio de 2012. Edição comemorativa.

ROLIM, Francisco Cartaxo. Condicionamentos sociais do catolicismo popular. In: **Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis: Vozes, 1976, v. 36, nº 141, p. 159s.

SALES, Eugênio de Araújo. O exemplo de Frei Damião. In: **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 05 de julho de 1997, p. 9.

SILVA, André Luiz da. Devoções populares no Brasil: contextualizando algumas obras das ciências sociais. In: **Revista de Estudos da Religião**. São Paulo: PUC, 2003, p. 30-49.

SILVA, Lêda Cristina Correia da. A devoção a Frei Damião de Bozzano. In: **Frei Damião de Bozzano, um Apóstolo do Nordeste**. Recife: Causa de Beatificação e Canonização, 2015, p. 107-112.

SILVA, Luiz Vieira da. A herança de Frei Damião de Bozzano para o povo de Deus no Nordeste brasileiro. In: **Frei Damião de Bozzano: um Apóstolo do Nordeste**. Recife: 2015, p. 87-92.

SILVEIRA, Emerson José Sena da. Devoções, catolicismo e mundo cibernético: semântica nova ou antiga permanência? In: **Espaço e Cultura**. Rio de Janeiro: UERJ, nº 44, dezembro/2018, p. 31-49.

STEIL, Carlos Alberto. O sertão das romarias. In: **Um estudo antropológico sobre o Santuário de Bom Jesus da Lapa**. Petrópolis: Paulinas, 1996, p. 249s.

TEIXEIRA, Faustino. Faces do catolicismo brasileiro contemporâneo. In: **Revista USP**. São Paulo, nº 67, setembro-novembro/2005, p. 14-23.

Testemunho. In: **Gazeta de Alagoas**, 02 de fevereiro de 2003, p. A20

URBANO DE SERTÂNIA. Um Grande Missionário. In: **Revista Dom Vital**. Recife, fevereiro-março/1952, p. 7.

URBANO DE SERTÂNIA. Campeão Missionário do Brasil. In: **Revista Dom Vital**. Recife: Penha, 1957, p. 5-7.

VERONESE, Michelle. O frade italiano que pregou o Evangelho em centenas de cidades e conquistou milhares de devotos. In: **Revista das Religiões**. São Paulo, p. 188-190.

LITERATURA DE CORDEL

BANDEIRA, P. **Profeta da paz, Frei Damião**. Recife, 1991, p. 49.

OUTROS DOCUMENTOS

CARRARA, Ceccardo de. **Carta ao Ministro Geral da Ordem.** Arquivo dos Capuchinhos de Lucca, Itália. Monte S. Quirico, 5 de maio de 1931.

CARVALHEIRA, Marcelo Pinto. **Carta a Frei Damião.** Arquivo da Província Nossa Senhora da Penha do Nordeste do Brasil, Guarabira, 15 de janeiro de 1983.

CORRIVEAU, John. **Carta aos confrades nordestinos.** Arquivo da Província Nossa Senhora da Penha do Nordeste do Brasil, Recife, 31 de maio de 1997. Prot. N. 00505/97.

FREI DAMIÃO. **Carta aos familiares.** Arquivo dos Capuchinhos de Lucca, Itália. Pesqueira, 04 de setembro de 1931.

FREI DAMIÃO. **Carta a Padre Guglielmo Giannotti.** Arquivo dos Capuchinhos de Lucca, Itália Brasil, 06 de janeiro de 1933.

FREI DAMIÃO. **Carta aos pais.** Arquivo dos Capuchinhos de Lucca, Itália. Recife, 25 de setembro de 1933.

FREI DAMIÃO. **Carta a Padre Guglielmo Giannotti.** Arquivo dos Capuchinhos de Lucca, Itália Gurinhém, 01 de dezembro de 1939.

FREI DAMIÃO. **Carta à sua caríssima mãe.** Arquivo dos Capuchinhos de Lucca, Itália. Macau, 04 de março de 1940.

FREI DAMIÃO. **Carta a Padre Guglielmo Giannotti.** Arquivo dos Capuchinhos de Lucca, Itália. 1948.

FREI DAMIÃO. **Carta a Padre Guglielmo Giannotti.** Arquivo dos Capuchinhos de Lucca, Itália. Natal, 06 de dezembro de 1948a.

FREI DAMIÃO. **Carta a Padre Guglielmo Giannotti.** Arquivo dos Capuchinhos de Lucca, Itália. Ceará-Mirim, 12 de dezembro de 1949.

FREI DAMIÃO. **Carta a Padre Guglielmo Giannotti.** Arquivo dos Capuchinhos de Lucca, Itália. Bom Conselho, 25 de março de 1953.

FREI DAMIÃO. **Carta a Padre Guglielmo Giannotti.** Arquivo dos Capuchinhos de Lucca, Itália. Pão de Açúcar, 18 de dezembro de 1960.

FREI DAMIÃO. **Carta a Helena Rinaldi.** Arquivo dos Capuchinhos de Lucca, Itália. Recife, 06 de março de 1964a.

FREI DAMIÃO. **Carta a Padre Guglielmo Giannotti.** Arquivo dos Capuchinhos de Lucca, Itália. Marabá/ Porto Real do Colégio, 15 de dezembro de 1964.

FREI DAMIÃO. **Carta a Helena Rinaldi.** Arquivo dos Capuchinhos de Lucca, Itália. Caruaru, 06 de abril de 1966.

FREI DAMIÃO. **Carta a Helena Rinaldi**. Arquivo dos Capuchinhos de Lucca, Itália. São José de Mipibu, 10 de dezembro de 1967.

FREI DAMIÃO. **Carta ao Padre Provincial**. Arquivo dos Capuchinhos de Lucca, Itália. 07 de novembro de 1968.

FREI DAMIÃO. **Carta à senhora Josefa Bezerra de Figueirôa**. Arquivo da Província Nossa Senhora da Penha do NE do Brasil, Recife. 21 de abril de 1972.

FREI DAMIÃO. **Carta a Otello e Onda**. Arquivo dos Capuchinhos de Lucca, Itália. Sairé, 26 de fevereiro de 1976.

FREI DAMIÃO. **Carta aos familiares**. Arquivo dos Capuchinhos de Lucca, Itália. João Pessoa, 03 de abril de 1979.

RYWALSKY, Pasquale. **Carta a Frei Damião**. Arquivo da Cúria Geral dos Capuchinhos, Roma, 08 de junho de 1973.

Material de Internet

AGUIAR, Sylvana Brandão de; SILVA, Lêda Cristina C. da. Frei Damião: trajetórias de vida, missões, carisma e poderes. In: **Paralellus**. Recife: UNICAP, jul./dez.2015. V. 6, n. 13, p. 445-466. Disponível em: <<http://www.unicap.br/ojs/index.php/paralellus/article/view/659>> Acesso em 14 de maio de 2021.

ALVES, Wesley Ribeiro; CAES, André Luiz. O olhar da Igreja latino-americana para a religiosidade popular no contexto pós-conciliar. In: **Anais do II SIAS – Seminário Interdisciplinar em Ambiente e Sociedade**. Universidade Estadual de Goiás, 12 a 14 de novembro de 2018, p. 193-197. Disponível em: <<https://www.anais.ueg.br/index.php/sias/article/view/14117>> Acesso em 14 de maio de 2021.

Entrevista exclusiva com prof. Riolando Azzi. In: **Jornal Igreja Hoje**. Recife, 06 de setembro de 1997. Disponível em: <<http://igrejanova.org.br/entazzi.htm>> Acesso em 10 de maio de 2021.

GONZAGA, Luiz. Frei Damião. In: **LP Sangue de nordestino**. Gravadora EMI/Odeon, 1979. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bbYtjfmAfGs> Acesso em 27 de junho de 2021.

LAURENTINO, Moacir; SILVA, Sebastião da. A partida de Frei Damião. In: **CD Viver, versar e vencer**. Vol. 3. Gravadora Wdisk, 1997. Disponível em: <[http://YouTube by ONErpmA Partida de Frei Damião · Moacir Laurentino & Sebastião da Silva](http://YouTube.by.ONErpmA.Partida.de.Frei.Damião.Moacir.Laurentino.&Sebastião.da.Silva)> Acesso em 27 de junho de 2021.

MESQUITA, Fábio de Azevedo. A veneração aos santos no catolicismo popular brasileiro: uma aproximação histórico-teológica. In: **Revista eletrônica Espaço Teológico**. São Paulo, PUC, 2015, V. 9, p. 155-174. Disponível em: <[https://revistas.pucsp.br > article > download](https://revistas.pucsp.br/article/download)>. Acesso em: 14 de maio de 2021.

MONTEIRO, Alcymar. Prece a Frei Damião. In: **CD Festa Brasileira**. Disponível em: <<https://open.spotify.com/album/3n7w6nHQSh6rJF4koIm4de?highlight=spotify:track:0juQp8bxn1qwUQ7ctIxdd>> Acesso em 27 de junho de 2021.

PAPA FRANCISCO. **Encontro com os missionários da misericórdia**. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/february/documents/papafrancesco_20160209_missionari-misericordia.html> Acesso em 10 de maio de 2021.

SILVA, Lêda Cristina Correia da. A construção de um santo. In: **Anais do XXII Simpósio Nacional de História da ANPUH**. J. Pessoa, 2003. Disponível em: <https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/201901/1548177541_dede384dd7c98bb2df21a24801706217.pdf> Acesso em 14 de maio de 2021.

SILVA, Degenal de Jesus da; SANTOS, Maria Edeilde de. Nas paredes da memória: as representações do missionário Frei Damião de Bozzano em Boquim/SE - 1972-1974. In: **Anais do IV Congresso Sergipano de História & IV Encontro Estadual de História da ANPUH/SE**. Aracaju, 2014. Disponível em: <http://www.encontro2014.se.anpuh.org/resources/anais/37/1424130321_ARQUIVO_DegenaldeJesusdaSilvaeMariaEdeilenedeJesus.pdf>. Acesso em: 14 de maio de 2021.